

A PROFETIZA BÚLGARA

VANGA
KRASIMIRA
STOYANOVA

Tradução: Amadeu António

A PROFETISA BÚLGARA VANGA

Krasimira Stoyanova

Primeira edição

Editora Natalia Nankinova

Editora „Svyat”, Sófia

Publicado na Bulgária

ÍNDICE

A VIDENTE CEGA

ESTOU DIANTE DE UM IMENSO OCEANO

FENÓMENO

«VIVO NÃO PARA MIM, MAS PARA AS PESSOAS»

UMA VIDA DIGNA DE ADMIRAÇÃO

INÍCIO

CADA UM TEM DIREITO À FELICIDADE

«SOU A PORTA PARA ELES»

ATIVIDADE CURATIVA

O SER HUMANO E A SUA SAÚDE ESPIRITUAL

O SER HUMANO E O SEU TEMPO INQUIETO

EM VISITA À VIDENTE

MENSAGEIROS

A VIDENTE CEGA

Não sou cientista de medicina, nunca me dediquei aos problemas da parapsicologia. Nunca assisti a sessões de Vangelia. Por isso, os leitores não devem esperar de mim que eu me disponha a interpretar os fenómenos descritos neste livro.

Na história da civilização humana, conhecem-se numerosos casos em que espertalhões e charlatães, que se faziam passar por «profetas», tiveram sucesso nesse campo, conseguindo não só tornar-se famosos, mas também acumular uma fortuna considerável. E nos nossos dias, especialmente no Ocidente, milhares de praticantes do ocultismo ganham o pão de cada dia com adivinhação em cartas, quiromancia ou elaboração de horóscopos, enganando um público crédulo. Tudo isto deve ser tido em conta.

Ainda assim, gostaria que os cientistas se dedicassem seriamente ao estudo do fenómeno de que trata este livro, tentando dar-lhe uma explicação do ponto de vista científico. Desmascarar charlatães-astrólogos e todo o tipo de adivinhos não é assim tão difícil: aqui há argumentos e factos científicos suficientemente claros. O que me impressiona é a diferença evidente, diria mesmo moral, no comportamento das pessoas da categoria acima mencionada e da nossa «profetisa». Refiro-me não só ao estado psíquico especial em que

ela mergulha durante as suas sessões – transe, etc. –, mas também ao seu apego invariável às pessoas, ao desejo sincero de as ajudar. Talvez seja exatamente nisso que resida a principal característica com que nos deparamos neste caso.

As lendas e tradições transmitiram-nos imagens de mulheres que um destino cruel obrigou a vaguear pelas montanhas e florestas com armas nas mãos: as voivodas Boika, Sirma. Nelas se fala do ascetismo das mulheres búlgaras, daquelas que o povo incluiu no número dos santos; de mulheres curandeiras e protetoras do ser humano; de mulheres que viveram uma vida abençoada e morreram de morte justa. A fantasia popular criou também outras imagens: habitantes míticas das montanhas, florestas e rios, imagens de samovilas e samodivas (náíades e dríades), predestinadoras do destino – moiras, etc.

Mas eis que nasce uma tradição, uma lenda, um mito sobre um milagre cuja base é o desejo ardente de ajudar as pessoas, um mito do século XX, da era tecnocrática. Mito de uma mulher-profetisa e curandeira, intérprete dos nossos segredos mais íntimos, de uma Pítia cega – Vangelia. O povo desde sempre acreditou na força mágica da adivinhação, da feitiçaria, mas aqui não se trata de adivinhação nem de feitiçaria, mas de uma viagem livre do espírito no tempo concedido ao homem – passado, presente e futuro –, com uma precisão espantosa de conhecimento. Um fenómeno que nos confronta com o desconhecido, no qual não há nada de místico, mítico ou charlatão. À ciência foi lançado um desafio e, em vez de negar à toa um fenómeno incompreensível, deveria reconhecer a sua existência e tentar penetrar na sua essência.

O testemunho autêntico e fidedigno de Krasimira Stoyanova (sobrinha de Vangelia, filha da sua irmã) permite levantar um pouco o véu sobre este milagre, este enigma que agita as mentes não só dos cientistas e não só na Bulgária, mas também em países como a União Soviética, Espanha, França e até na longínqua Canadá. A narrativa de Krasimira Stoyanova distingue-se pela precisão e pontualidade. Baseia-se tanto nas suas próprias observações como em relatos indiscutíveis de pessoas de diferentes países. O estilo documental da descrição é sem dúvida convincente, embora a autora do livro não tente explicar ou interpretar aquilo que está para além da sua compreensão.

A vida humana é infinitamente variada, infinitamente variado é o fluxo dos destinos humanos que passam pela «salinha» de Vanga, e em cada caso concreto ela é a descobridora das verdades, daquilo que aconteceu, acontece, daquilo que ainda está destinado a acontecer, como se diante do seu olhar interior se desenrolasse a fita da vida em todos os seus segmentos temporais, revelando-lhe a verdade sobre o passado e o ser de hoje, sobre rostos e eventos passados e atuais. Ela prevê o futuro, nem sempre falando dele. O material recolhido por Krasimira Stoyanova permite julgar com suficiente

plenitude este fenómeno-enigma que se apresenta diante de nós como a mais fantástica realidade e como a mais misteriosa verdade com que alguma vez o intelecto humano se deparou.

Pois teve de investigar diferentes lados da atividade espiritual: o eu, a imaginação, a criatividade, as paixões, os vícios, etc., mas não supõe nem conhece tudo aquilo que Vangelia fez e faz – profetisa, vidente, visionária. A precisão documental dos testemunhos é uma enorme virtude deste livro, e a decifração do próprio enigma deixemo-la aos cientistas, à grande ciência, que, no entanto, está longe de saber tudo sobre o ser humano e sobre o mundo. Parece-me que a autora do livro conseguiu cumprir a tarefa que se propôs: recriar a imagem de uma mulher-milagre e dar um impulso à imaginação dos cientistas, para que, seguindo por novos caminhos ainda não trilhados, possam conhecer e revelar ao mundo novas verdades, purificadas de qualquer casca de estereótipos, padrões e dogmas.

O livro possui ainda outra qualidade indiscutível. Está escrito numa linguagem simples, clara e bela. É o relato de uma pessoa sobre a vida de outra pessoa. Porque o milagre não precisa necessariamente de ser envolto num véu de mistério místico; o milagre é a própria personalidade do ser humano e a vida humana, que à primeira vista parece tocada por algo extraterreno e cósmico, mas que, apesar de tudo, é real e está ao nosso lado. Eis o que diz sobre isso a própria Krasimira Stoyanova:

«Voltemos mais uma vez à questão principal: que tipo de pessoa é Vanga? Toda a minha vida passou ao lado dela e posso afirmar com certeza: ela vive como todas as outras pessoas e no seu dia a dia não há nada de extraordinário. Mas vive em plena harmonia e consonância com a natureza, sendo «parte dela» no pleno sentido da palavra.»

É por isso que ela ouve tão claramente a voz da natureza e capta os seus sinais mais subtis com os seus órgãos sensoriais perfeitos. Ela pode receber mensagens de tudo o que a rodeia: das ervas e das árvores, das pedras e dos pássaros, dos objetos, do Cosmos, do passado e do futuro. As montanhas e as cordilheiras partilham com ela os seus segredos milenares, e o rio conta-lhe sobre cidades e pessoas há muito desaparecidas. Vanga considera que «tudo vive» e que não existe «natureza inanimada», tudo está subordinado a uma organização superior, a uma inteligência superior.

Sim, é um milagre: órgãos de tato incrivelmente desenvolvidos, aos quais é dado entrar facilmente em contacto com tudo o que existe, o que nos é conhecido, e com esse «além», que, pelo visto, ainda nos é desconhecido.

Está bem exposta no livro a biografia de Vangelia, é mostrado o seu mundo interior espiritual, a sua força e resistência espirituais, a sua essência moral. Vangelia vê através dos vigaristas e das pessoas desonestas, das pessoas sem vergonha nem consciência e condena-as abertamente. Ela

compadece-se dos desamparados, dos enganados, dos sofredores e ajuda-os. Vanga possui um sentido de justiça apurado e segue sempre os critérios verificados na sua alma. Procura advertir contra o passo errado aqueles que destroem o seu casamento, abandonam os seus filhos, deixam de ser bons e honestos. Ela participa da dor alheia, e não são por acaso as suas palavras: «Eu estou presente nos pontos mais quentes do planeta, vejo derramamento de sangue, cataclismos naturais e desastres».

E ainda: «À noite vocês dormem, e eu folheio as páginas da existência humana e vivo as tragédias de todas as pessoas».

Um reflexo particular da carga moral desta personalidade extraordinária sente-se nos seus esforços e capacidades de curadora. Os médicos não cessam de se espantar com os resultados. A sua «farmacopeia» é a natureza, as plantas e as flores, os materiais de origem natural, cuja força milagrosa parece obrigada a ajudar o ser humano.

Mas o mais importante é que Vanga é uma curadora guiada por impulsos morais. Ela não permite a ninguém vingar-se, pois está convencida de que o homem foi criado para realizações boas, apesar de o mal passar constantemente diante dela em diferentes formas. A crueldade, a desonestidade, a mentira, a traição, a baixeza e a inveja repugnam-na. A perfídia, considera ela, é indigna do homem. De toda a sua personalidade imersa em si mesma emana uma sensação de idealização moral-filosófica do homem e de tudo o que lhe é inerente. E neste sentido, perante nós surge já não apenas uma vidente, mas uma orientadora das almas humanas.

Vanga revela também certa inclinação para a percepção filosófica do mundo e para o pensamento filosófico. Aqui está uma das suas confissões, registadas por Krasimira Stoyanova: «Em cada pessoa convivem o bem e o mal. Assim está organizado o mundo. Para mim, a felicidade radica na paciência do homem». É curioso que Vangelia fuja da vida urbana, da civilização, nas condições da qual florescem os vícios. Ela ama as montanhas, a vida rural, subordinada às leis naturais, ama o patriarcalismo e a simplicidade, dos quais ainda Rousseau tinha inveja.

Em geral, a essência humana da imagem de Vangelia são páginas especiais no relato documental sobre o fenómeno, o milagre, sobre as capacidades proféticas de uma mulher-vidente que impressionou tantas pessoas — tanto o escritor russo Leonid Leonov como o camponês búlgaro comum — com as manifestações do seu dom extraordinário, que eu diria humano e não humano.

Mas o livro «Vanga» deve ser lido, não pode ser apenas apresentado. O nosso povo, das profundezas do qual surgiu Vangelia, chama-nos a conhecer os segredos do «nosso património obscuro», cujas origens estão nos trácios, protobúlgaros e eslavos, e do nosso ser. A ciência também é chamada a

ocupar-se da busca da ligação do homem com o Cosmos, com a natureza, a descobrir forças essenciais ainda desconhecidas dele, que se manifestam de forma tão misteriosa na psique e no poder clarividente de Vangelia, mulher benfeitora das pessoas, mulher a quem chamam o «milagre de Petrich».

No entanto, volto ao meu pensamento inicial: nunca me ocupei de questões de parapsicologia, não sou um cientista desse perfil. Mas há factos inexoráveis. E quando esses factos são iluminados pela luz da humanidade, não só atraem a nossa atenção, como despertam em nós o desejo de participação humana.

Académico Panteley Zarev

Não há nada oculto que não venha a tornar-se manifesto; nem nada escondido que não venha a sair à luz.

Do Evangelho segundo Marcos, cap. 4; 22.

Estou diante de um oceano imenso. As suas águas incomensuráveis chapinam aos meus pés, tingidas de vários matizes. Tudo à minha volta é ilimitado, inexplicável e grandioso. Eu poderia ficar assim infinitamente, a contemplar e a tentar penetrar nos segredos da natureza. Mas sou apenas um grão de areia na espessura da areia, e perante mim está a tarefa impossível de descrever o fenómeno de Vanga: incomensurável e misterioso, como as ondas do oceano. Sou uma nadadora inábil, e tenho de mergulhar nas profundezas marinhas e extrair dali os «milagres» mais incríveis, limpar-lhes o misticismo e as superstições, descrevê-los. Conseguirei? Não sei. A própria Vanga não me encoraja muito nesta empreitada:

— Um livro assim não pode ser escrito agora. Como vais descrever o invisível, como vais abarcar o universal, como vais explicar o ilógico, como vais acreditar no imaterial? — disse-me ela ainda em 1979.

E de facto — como? Não sei.

Mas tentarei realizar o meu sonho audacioso.

A natureza dotou-nos de órgãos sensoriais imperfeitos, mas em compensação presenteou-nos com sonhos e uma enorme curiosidade por tudo o que nos rodeia. Serão eles os meus guias nesta estrada perigosa, onde a cada passo me espreitam erros e muitos outros perigos. A minha pena desliza insegura pelo papel, os meus conhecimentos sobre o mundo são demasiado escassos. Mas o que me impulsiona a avançar incessantemente para este objetivo dificilmente alcançável é o enorme amor que sinto por Vanga, a admiração pelo seu fenómeno, pelo seu amor à humanidade e pelo desejo de dar às pessoas tranquilidade e fé, de inspirar nas suas almas coragem e esperança.

Será que eu precisava de assumir um fardo tão pesado? Sim, precisava. Videntes, profetas e adivinhos existiram sempre, mas disso só dão testemunho menções fugazes em mitos e lendas.

E Vanga é nossa contemporânea. E realiza os seus «milagres» mesmo diante dos nossos olhos. Penetra com precisão espantosa no passado — longínquo e próximo —, no presente e no futuro, toca nas cordas mais ocultas das nossas almas, cura-nos dos sofrimentos espirituais e físicos, transporta-se para mundos desconhecidos e aí recolhe informações sobre os milagres mais incríveis, prevê o destino de uma pessoa individual, de povos inteiros, de cidades, de estados, de todo o planeta, comunica com a natureza. Para ela não existe o conceito de «natureza inanimada»; tudo o que nos rodeia é um todo único, vive e desenvolve-se segundo leis e regras ainda incompreensíveis para nós.

Perdoar-nos-ão os descendentes se passarmos em silêncio o facto de que no final do século XX viveu entre nós uma pessoa que durante muitos anos demonstrou inequivocamente as suas capacidades fenomenais, e nós voltamos a legar-lhes apenas mitos e lendas sobre este fenómeno extraordinário só porque ainda não o compreendemos e não conseguimos explicá-lo?

Basta explicar isto apenas pelo facto de o horizonte humano ser limitado, e por isso hesitamos perante tudo o que parece incrível, e nos é mais fácil renegá-lo por completo do que dedicar-lhe a atenção necessária, investigá-lo e estudá-lo?

Não devemos cometer este erro fatal, pois negar agora o inexplicável significa não servir o progresso e o novo tempo, não trabalhar em nome do futuro. E é precisamente da ciência futura que esperamos a decifração do fenómeno de Vanga, e acredito que ela encontrará uma resposta digna ao desafio da natureza. Esta certeza é-me dada também pela própria Vanga, que diz muitas vezes: «Chegou o tempo dos “milagres”, e a ciência fará grandes descobertas na área do imaterial. Os cientistas ficarão a saber muitos factos sobre o futuro do nosso planeta e sobre o Cosmos. Encontrarão dados sobre isso nos antigos livros sagrados. Muitos segredos serão desvendados. Serão descobertas muitas antiguidades».

É para esse tempo que se dirigem todos os esforços da sacerdotisa cega, pois ela serve o bem, o amor, a beleza, a harmonia universal. «Chegou o tempo de separar o trigo do joio, porque o futuro pertence às pessoas boas, e elas viverão num mundo belo, que agora nem conseguimos imaginar. Virá o tempo do trabalho inspirado, do amor e da fraternidade entre todas as pessoas na terra».

O dom incrível de Vanga primeiro atordoa, depois provoca admiração e só por último nos educa, pois o contacto com ela não pode deixar de despertar em

nós o desejo de nos tornarmos mais humanos, mais bondosos, mais sensíveis aos sofrimentos dos outros, e a sua vida — simples, natural, cheia de trabalho — obriga-nos a olhar para a nossa existência sob outro ângulo, a rever muitas das nossas concepções.

Ao escrever este livro, deparei-me com não poucas dificuldades. A primeira delas são as palavras. Existem previsões ou estados dela tão estranhos, simplesmente incríveis, que é impossível descrevê-los com as palavras existentes. São necessários outros termos e outras designações, por isso deixei as explicações de Vanga no seu som original — tal como ela as pronunciou e interpretou.

A segunda dificuldade está relacionada com uma série de casos que parecem tão fantásticos, incompatíveis com o senso comum, que tive medo de incluir a sua descrição nesta narrativa. Deixo a sua decifração para os cientistas especialistas.

A terceira é a memória. Não será em nossa honra dizer-se que começámos relativamente tarde a tomar notas sobre as manifestações fenomenais das capacidades de Vanga e que agora, quando decidimos reunir tudo o que ouvimos e vimos, nós, os seus familiares, constatámos que de muito do que ela disse outrora já não nos lembramos de todo ou recordamos as suas previsões de forma fragmentada, privando assim os leitores de muitos pormenores interessantes que ajudariam a recriar uma imagem mais clara e mais viva de Vanga.

Ainda há 20 anos, o doutor Georgi Lozanov, então diretor do Instituto de Sugestologia, compreendeu a necessidade de registos que fixassem a atividade extraordinária de Vanga e, usando toda a força da sua autoridade e a experiência acumulada, «descobriu-a» e apresentou-a ao mundo, colocou as investigações relacionadas com ela numa base científica. Juntamente com um grupo de investigadores que estudavam a «vidente», interrogou milhares de visitantes, registou mais de 7000 casos espantosos, gravou centenas de sessões de Vanga em fita magnética, chegou mesmo a fazer um filme sobre ela.

Nessa altura, declarou perante jornalistas estrangeiros que as previsões exatas de Vanga não podem ser classificadas como simples coincidências. Embora com grande dose de condicionalidade, a percentagem dessas previsões oscila nos oitenta por cento — ou seja, é muito elevada, o que por si só nos obriga a investigar e estudar este fenómeno.

Um obstáculo enorme e quase intransponível surgiu também no processo de composição do texto. Como agrupar e descrever milhares de casos, previsões e profecias, se cada um deles toca em muitas outras coisas adicionais, e a palavra mais comum não é dita por acaso e tem um significado importante que, no entanto, precisa de explicação? Por isso o livro não está

isento de defeitos, mas quaisquer tentativas de o alterar de acordo com os conselhos de amigos e especialistas não trouxeram o resultado desejado. Como se tivesse escapado das mãos, o livro ganhou vida própria, resistindo a qualquer intervenção, mesmo a mais insignificante.

A sua maior virtude é a veracidade. Tentei preservar o que Vanga disse em «estado puro». Esforcei-me por descrever escrupulosa e exatamente tudo o que vi e ouvi eu, a minha mãe, os membros da minha família. Não me propus a tarefa de parafrasear ou alterar o que Vanga disse para que soasse «mais normal» ou «mais natural». Ao mesmo tempo, estava consciente da responsabilidade que assumo por cada linha minha, imaginava muitas vezes os sorrisos céticos que este livro provocaria, hesitava e duvidava se o que escrevi seria compreensível para as pessoas. Conseguirão os seus corações captar as mensagens altamente humanitárias de Vanga, acreditarão nelas?.. Mas todas as minhas dúvidas se dissipavam logo que me lembrava das suas palavras: «Quem tem ouvidos — ouça, quem tem mente e razão — reflita...»

Além disso, em lado nenhum me permiti expressar a minha própria opinião ou fornecer o texto com os meus comentários.

Deixo esse direito a cada um que ler o livro.

FENÓMENO

Qualquer tentativa honesta de penetrar no futuro interessará provavelmente muitos, mas as pessoas estão mortas de cansadas da vaidade científica das vaidades.

Então, vamos explicar menos o que lá há e como, e simplesmente contar mais...

John Wyndham

Nós, os filhos da sua irmã, crescemos lado a lado com Vanga, e na infância o seu comportamento estranho parecia-nos completamente natural, tal como todas as suas ocupações. Só por vezes não conseguíamos compreender por que razão a nossa tia de repente se sentia mal, o sangue esvaía-se-lhe subitamente do rosto, e ela começava inesperadamente a profetizar com uma voz que nos impressionava pela sua potência, completamente diferente de timbre e pelo facto de com ela pronunciar palavras e expressões absolutamente estranhas a Vanga. Então os adultos que estavam perto dela, prendendo a respiração, escutavam-na, e depois diziam que ela previa acontecimentos decisivos, que provavelmente ocorreriam na vida das pessoas muitos anos depois.

É por isso que ela ouve tão claramente a voz da natureza e capta os seus sinais mais subtis com os seus órgãos sensoriais perfeitos. Ela pode receber

mensagens de tudo o que a rodeia: das ervas e das árvores, das pedras e dos pássaros, dos objetos, do Cosmos, do passado e do futuro. As montanhas e as cordilheiras partilham com ela os seus segredos milenares, e o rio conta-lhe sobre cidades e pessoas há muito desaparecidas. Vanga considera que «tudo vive» e que não existe «natureza inanimada», tudo está subordinado a uma organização superior, a uma inteligência superior.

Sim, é um milagre: órgãos de tato incrivelmente desenvolvidos, aos quais é dado entrar facilmente em contacto com tudo o que existe, o que nos é conhecido, e com esse «além», que, pelo visto, ainda nos é desconhecido.

Está bem exposta no livro a biografia de Vangelia, é mostrado o seu mundo interior espiritual, a sua força e resistência espirituais, a sua essência moral. Vangelia vê através dos vigaristas e das pessoas desonestas, das pessoas sem vergonha nem consciência e condena-as abertamente. Ela compadece-se dos desamparados, dos enganados, dos sofredores e ajuda-os. Vanga possui um sentido de justiça apurado e segue sempre os critérios verificados na sua alma. Procura advertir contra o passo errado aqueles que destroem o seu casamento, abandonam os seus filhos, deixam de ser bons e honestos. Ela participa da dor alheia, e não são por acaso as suas palavras: «Eu estou presente nos pontos mais quentes do planeta, vejo derramamento de sangue, cataclismos naturais e desastres».

E ainda: «À noite vocês dormem, e eu folheio as páginas da existência humana e vivo as tragédias de todas as pessoas».

Um reflexo particular da carga moral desta personalidade extraordinária sente-se nos seus esforços e capacidades de curadora. Os médicos não cessam de se espantar com os resultados. A sua «farmacopeia» é a natureza, as plantas e as flores, os materiais de origem natural, cuja força milagrosa parece obrigada a ajudar o ser humano.

Mas o mais importante é que Vanga é uma curadora guiada por impulsos morais. Ela não permite a ninguém vingar-se, pois está convencida de que o homem foi criado para realizações boas, apesar de o mal passar constantemente diante dela em diferentes formas. A crueldade, a desonestidade, a mentira, a traição, a baixeza e a inveja repugnam-na. A perfídia, considera ela, é indigna do homem. De toda a sua personalidade imersa em si mesma emana uma sensação de idealização moral-filosófica do homem e de tudo o que lhe é inerente. E neste sentido, perante nós surge já não apenas uma vidente, mas uma orientadora das almas humanas.

Vanga revela também certa inclinação para a percepção filosófica do mundo e para o pensamento filosófico. Aqui está uma das suas confissões, registadas por Krasimira Stoyanova: «Em cada pessoa convivem o bem e o mal. Assim está organizado o mundo. Para mim, a felicidade radica na paciência do homem». É curioso que Vangelia fuja da vida urbana, da

civilização, nas condições da qual florescem os vícios. Ela ama as montanhas, a vida rural, subordinada às leis naturais, ama o patriarcalismo e a simplicidade, dos quais ainda Rousseau tinha inveja.

Em geral, a essência humana da imagem de Vangelia são páginas especiais no relato documental sobre o fenómeno, o milagre, sobre as capacidades proféticas de uma mulher-vidente que impressionou tantas pessoas — tanto o escritor russo Leonid Leonov como o camponês búlgaro comum — com as manifestações do seu dom extraordinário, que eu diria humano e não humano.

Mas o livro «Vanga» deve ser lido, não pode ser apenas apresentado. O nosso povo, das profundezas do qual surgiu Vangelia, chama-nos a conhecer os segredos do «nosso património obscuro», cujas origens estão nos trácios, protobúlgaros e eslavos, e do nosso ser. A ciência também é chamada a ocupar-se da busca da ligação do homem com o Cosmos, com a natureza, a descobrir forças essenciais ainda desconhecidas dele, que se manifestam de forma tão misteriosa na psique e no poder clarividente de Vangelia, mulher benfeitora das pessoas, mulher a quem chamam o «milagre de Petrich».

No entanto, volto ao meu pensamento inicial: nunca me ocupei de questões de parapsicologia, não sou um cientista desse perfil. Mas há factos inexoráveis. E quando esses factos são iluminados pela luz da humanidade, não só atraem a nossa atenção, como despertam em nós o desejo de participação humana.

Académico Panteley Zarev

Não há nada oculto que não venha a tornar-se manifesto; nem nada escondido que não venha a sair à luz.

Do Evangelho segundo Marcos, cap. 4; 22.

Estou diante de um oceano imenso. As suas águas incomensuráveis chapinam aos meus pés, tingidas de vários matizes. Tudo à minha volta é ilimitado, inexplicável e grandioso. Eu poderia ficar assim infinitamente, a contemplar e a tentar penetrar nos segredos da natureza. Mas sou apenas um grão de areia na espessura da areia, e perante mim está a tarefa impossível de descrever o fenómeno de Vanga: incomensurável e misterioso, como as ondas do oceano. Sou uma nadadora inábil, e tenho de mergulhar nas profundezas marinhas e extrair dali os «milagres» mais incríveis, limpar-lhes o misticismo e as superstições, descrevê-los. Conseguirei? Não sei. A própria Vanga não me encoraja muito nesta empreitada:

— Um livro assim não pode ser escrito agora. Como vais descrever o invisível, como vais abarcar o universal, como vais explicar o ilógico, como vais acreditar no imaterial? — disse-me ela ainda em 1979.

E de facto — como? Não sei.

Mas tentarei realizar o meu sonho audacioso.

A natureza dotou-nos de órgãos sensoriais imperfeitos, mas em compensação presenteou-nos com sonhos e uma enorme curiosidade por tudo o que nos rodeia. Serão eles os meus guias nesta estrada perigosa, onde a cada passo me espreitam erros e muitos outros perigos. A minha pena desliza insegura pelo papel, os meus conhecimentos sobre o mundo são demasiado escassos. Mas o que me impulsiona a avançar incessantemente para este objetivo dificilmente alcançável é o enorme amor que sinto por Vanga, a admiração pelo seu fenómeno, pelo seu amor à humanidade e pelo desejo de dar às pessoas tranquilidade e fé, de inspirar nas suas almas coragem e esperança.

Será que eu precisava de assumir um fardo tão pesado? Sim, precisava. Videntes, profetas e adivinhos existiram sempre, mas disso só dão testemunho menções fugazes em mitos e lendas.

E Vanga é nossa contemporânea. E realiza os seus «milagres» mesmo diante dos nossos olhos. Penetra com precisão espantosa no passado — longínquo e próximo —, no presente e no futuro, toca nas cordas mais ocultas das nossas almas, cura-nos dos sofrimentos espirituais e físicos, transporta-se para mundos desconhecidos e aí recolhe informações sobre os milagres mais incríveis, prevê o destino de uma pessoa individual, de povos inteiros, de cidades, de estados, de todo o planeta, comunica com a natureza. Para ela não existe o conceito de «natureza inanimada»; tudo o que nos rodeia é um todo único, vive e desenvolve-se segundo leis e regras ainda incompreensíveis para nós.

Perdoar-nos-ão os descendentes se passarmos em silêncio o facto de que no final do século XX viveu entre nós uma pessoa que durante muitos anos demonstrou inequivocamente as suas capacidades fenomenais, e nós voltamos a legar-lhes apenas mitos e lendas sobre este fenómeno extraordinário só porque ainda não o compreendemos e não conseguimos explicá-lo?

Basta explicar isto apenas pelo facto de o horizonte humano ser limitado, e por isso hesitamos perante tudo o que parece incrível, e nos é mais fácil renegá-lo por completo do que dedicar-lhe a atenção necessária, investigá-lo e estudá-lo?

Não devemos cometer este erro fatal, pois negar agora o inexplicável significa não servir o progresso e o novo tempo, não trabalhar em nome do

futuro. E é precisamente da ciência futura que esperamos a decifração do fenómeno de Vanga, e acredito que ela encontrará uma resposta digna ao desafio da natureza. Esta certeza é-me dada também pela própria Vanga, que diz muitas vezes: «Chegou o tempo dos “milagres”, e a ciência fará grandes descobertas na área do imaterial. Os cientistas ficarão a saber muitos factos sobre o futuro do nosso planeta e sobre o Cosmos. Encontrarão dados sobre isso nos antigos livros sagrados. Muitos segredos serão desvendados. Serão descobertas muitas antiguidades».

É para esse tempo que se dirigem todos os esforços da sacerdotisa cega, pois ela serve o bem, o amor, a beleza, a harmonia universal. «Chegou o tempo de separar o trigo do joio, porque o futuro pertence às pessoas boas, e elas viverão num mundo belo, que agora nem conseguimos imaginar. Virá o tempo do trabalho inspirado, do amor e da fraternidade entre todas as pessoas na terra».

O dom incrível de Vanga primeiro atordoa, depois provoca admiração e só por último nos educa, pois o contacto com ela não pode deixar de despertar em nós o desejo de nos tornarmos mais humanos, mais bondosos, mais sensíveis aos sofrimentos dos outros, e a sua vida — simples, natural, cheia de trabalho — obriga-nos a olhar para a nossa existência sob outro ângulo, a rever muitas das nossas concepções.

Ao escrever este livro, deparei-me com não poucas dificuldades. A primeira delas são as palavras. Existem previsões ou estados dela tão estranhos, simplesmente incríveis, que é impossível descrevê-los com as palavras existentes. São necessários outros termos e outras designações, por isso deixei as explicações de Vanga no seu som original — tal como ela as pronunciou e interpretou.

A segunda dificuldade está relacionada com uma série de casos que parecem tão fantásticos, incompatíveis com o senso comum, que tive medo de incluir a sua descrição nesta narrativa. Deixo a sua decifração para os cientistas especialistas.

A terceira é a memória. Não será em nossa honra dizer-se que começámos relativamente tarde a tomar notas sobre as manifestações fenomenais das capacidades de Vanga e que agora, quando decidimos reunir tudo o que ouvimos e vimos, nós, os seus familiares, constatámos que de muito do que ela disse outrora já não nos lembramos de todo ou recordamos as suas previsões de forma fragmentada, privando assim os leitores de muitos pormenores interessantes que ajudariam a recriar uma imagem mais clara e mais viva de Vanga.

Ainda há 20 anos, o doutor Georgi Lozanov, então diretor do Instituto de Sugestologia, compreendeu a necessidade de registos que fixassem a atividade extraordinária de Vanga e, usando toda a força da sua autoridade e a

experiência acumulada, «descobriu-a» e apresentou-a ao mundo, colocou as investigações relacionadas com ela numa base científica. Juntamente com um grupo de investigadores que estudavam a «vidente», interrogou milhares de visitantes, registou mais de 7000 casos espantosos, gravou centenas de sessões de Vanga em fita magnética, chegou mesmo a fazer um filme sobre ela. Nessa altura, declarou perante jornalistas estrangeiros que as previsões exatas de Vanga não podem ser classificadas como simples coincidências. Embora com grande dose de condicionalidade, a percentagem dessas previsões oscila nos oitenta por cento — ou seja, é muito elevada, o que por si só nos obriga a investigar e estudar este fenómeno.

Um obstáculo enorme e quase intransponível surgiu também no processo de composição do texto. Como agrupar e descrever milhares de casos, previsões e profecias, se cada um deles toca em muitas outras coisas adicionais, e a palavra mais comum não é dita por acaso e tem um significado importante que, no entanto, precisa de explicação? Por isso o livro não está isento de defeitos, mas quaisquer tentativas de o alterar de acordo com os conselhos de amigos e especialistas não trouxeram o resultado desejado. Como se tivesse escapado das mãos, o livro ganhou vida própria, resistindo a qualquer intervenção, mesmo a mais insignificante.

A sua maior virtude é a veracidade. Tentei preservar o que Vanga disse em «estado puro». Esforcei-me por descrever escrupulosa e exatamente tudo o que vi e ouvi eu, a minha mãe, os membros da minha família. Não me propus a tarefa de parafrasear ou alterar o que Vanga disse para que soasse «mais normal» ou «mais natural». Ao mesmo tempo, estava consciente da responsabilidade que assumo por cada linha minha, imaginava muitas vezes os sorrisos céticos que este livro provocaria, hesitava e duvidava se o que escrevi seria compreensível para as pessoas. Conseguirão os seus corações captar as mensagens altamente humanitárias de Vanga, acreditarão nelas?.. Mas todas as minhas dúvidas se dissipavam logo que me lembrava das suas palavras: «Quem tem ouvidos — ouça, quem tem mente e razão — reflita...»

Além disso, em lado nenhum me permiti expressar a minha própria opinião ou fornecer o texto com os meus comentários.

Deixo esse direito a cada um que ler o livro.

Qualquer tentativa honesta de penetrar no futuro interessará provavelmente muitos, mas as pessoas estão mortas de cansadas da vaidade científica das vaidades.

Então, vamos explicar menos o que lá há e como, e simplesmente contar mais...

John Wyndham

Nós, os filhos da sua irmã, crescemos lado a lado com Vanga, e na infância o seu comportamento estranho parecia-nos completamente natural, tal como todas as suas ocupações. Só por vezes não conseguíamos compreender por que razão a nossa tia de repente se sentia mal, o sangue esvaía-se-lhe subitamente do rosto, e ela começava inesperadamente a profetizar com uma voz que nos impressionava pela sua potência, completamente diferente de timbre e pelo facto de com ela pronunciar palavras e expressões absolutamente estranhas a Vanga. Então os adultos que estavam perto dela, prendendo a respiração, escutavam-na, e depois diziam que ela previa acontecimentos decisivos, que provavelmente ocorreriam na vida das pessoas muitos anos depois.

Eu tinha dezasseis anos quando, um dia, Vanga falou comigo. Mas não era de todo a voz dela, não era ela, era uma espécie de «outra» pessoa que falava pela boca dela. As palavras que ouvi não tinham nada a ver com a conversa que tínhamos tido há pouco, como se alguém estranho se tivesse «inserido» entre nós. Ouvi: «Aqui, nós vemos-te...», e depois contaram-me tudo o que eu tinha feito nesse dia, com os mínimos pormenores. Fiquei simplesmente petrificada de medo. Em casa estávamos só eu e Vanga. Mas de repente Vanga suspirou e disse: «Ai, as forças largaram-me...» — e voltou a falar comigo sobre as coisas banais de antes.

Perguntei-lhe por que razão de repente começara a descrever-me tão pormenorizadamente o que eu tinha feito o dia todo, e ela respondeu que não tinha dito nada disso. Tive de lhe contar o que acontecera, e ela repetiu: «Oh, isso são as “forças”, as pequenas “forças” que me rodeiam sempre. Mas há também as grandes, que são os chefes delas. Quando elas decidem falar pela minha boca, sinto-me mal e depois ando como perdida o dia todo. Aliás, queres vê-las? Elas querem mostrar-se a ti». Eu estava tão abalada que literalmente gritei que não queria. Depois, no entanto, acalmei-me, e a curiosidade levou a melhor, e perguntei o que exatamente veria.

— Verás pontos luminosos no ar, parecidos com pirilampos — disse Vanga.

Foi no outono, por volta do meio-dia.

Depois, passados anos, tentei eu mesma encontrar uma explicação para este fenómeno. Em diferentes ocasiões, quando Vanga estava bem-disposta, fiz-lhe perguntas, às quais na maioria dos casos respondeu. Felizmente, guardei as minhas notas e, quando as reuni, formou-se uma espécie de questionário que dá a representação mais geral das capacidades de Vanga. (Naturalmente, as perguntas poderiam ter sido formuladas de outra forma, mas respondo pelo seu sentido.)

À minha pergunta se ela vê rostos concretos — imagens, aparência exterior, quadro, ambiente —, respondeu: sim.

— Em que período de tempo: no passado, no presente, no futuro? Vanga respondeu que em todos os períodos. Para ela isso não tem qualquer importância.

— E a visão é esquemática, apenas como informação sobre a personalidade ou algo concreto? Resposta: tanto como informação como concreto.

— Tem o ser humano um «código» próprio que ajuda a reconhecer o fio da sua vida? — Não houve resposta.

— Como surge, durante as sessões, a representação do futuro de uma pessoa concreta: vê ela apenas os acontecimentos significativos ou passa perante ela toda a sua vida, como numa fita de cinema? — Vê a sua vida como numa fita de cinema.

— Lê ela os pensamentos? — Sim.

— A que distância? — Não tem importância.

— Lê os pensamentos de estrangeiros e em que língua chega a informação? — Sim. Normalmente ouve uma voz. Não há barreiras linguísticas perante ela.

— Pode ela obter informação para um período de tempo indicado ou em resposta a uma pergunta colocada? — Sim.

— Durante emissões de rádio, pode o que é ouvido adquirir uma «imagem visual»? — Não. Ela raramente ouve rádio.

— A força da sua clarividência depende da seriedade dos problemas colocados ou da força da personalidade com quem fala? — De ambos.

— E ela própria depende do estado psíquico da personalidade ou do estado de saúde dela nesse momento? — Não.

— Se for predito a uma pessoa determinada alguma desgraça ou mesmo a morte, pode ela evitá-la? — Não, não pode — nem essa pessoa, nem Vanga.

— E se se tratar de um grupo de pessoas, de uma povoação, de uma cidade, de um país? — Não.

— Depende o caminho de vida de cada pessoa da «força da personalidade do indivíduo» e pode ser alterado? — Não. Cada um segue um caminho estritamente predeterminado.

— Como determina ela o problema principal, vital, do visitante? — Aparece uma «imagem» e ela ouve uma «voz».

Sente ela que o seu dom clarividente está programado por forças superiores? — Sim.

— Por quais? — Não respondeu.

— Como as percebe? — Na maioria das vezes como uma «voz».

— Vê-as? — Sim. Figuras transparentes — como as que uma pessoa vê no seu reflexo na água.

— Os pontos luminosos no ar também são um reflexo delas? — Sim.

— Podem elas materializar-se? — Não.

— Por desejo de quem — delas ou de Vanga — se pode entrar em contacto com elas? — Normalmente por desejo delas.

— Pode-se esclarecer várias questões sobre elas com a ajuda do apelo dela a elas? — Não. É difícil. Elas respondem de forma muito vaga.

— É a ligação unilateral, ou seja, por desejo delas? — Na maioria das vezes — sim.

— O ser humano consiste num simbiose de vários corpos ligados entre si: etérico, físico, mental? — Sim.

— Como vê ela uma pessoa falecida — como imagem, conceito, ou como algo diferente? — Vê uma «imagem» e ouve uma «voz».

— Durante o contacto com o falecido, este manifesta algum interesse ou apenas responde às perguntas? — Tanto responde como faz perguntas ele mesmo.

— Preserva-se a personalidade após a morte? — Sim.

— Como percebe Vanga a morte? — Apenas como o fim físico.

— Existe reencarnação das almas? — Não respondeu.

— O que é mais forte — a ligação familiar ou a espiritual? — Mais forte é a ligação espiritual.

— Existem uniões de inteligência de ordem superior? — Sim.

— Qual é a origem dessa ordem superior: do Cosmos, de civilizações mais antigas na Terra ou do futuro da Terra? — Do Cosmos.

— Existiram anteriormente na Terra grandes civilizações? — Sim.

— Quantas? — Não respondeu.

— Pode a civilização humana ser percebida como a idade infantil da inteligência? — Sim.

— Existe no Universo inteligência no mesmo grau de desenvolvimento que a nossa civilização? — Não respondeu.

— Dar-se-á um encontro com representantes de outra civilização? — Sim.

— Há na atmosfera terrestre «discos voadores»? — Sim.

— De onde vêm? — De um planeta que na língua deles se chama «Vamfim», ou pelo menos ela ouve assim, e esse planeta é o terceiro a partir da Terra. — Mais nenhuma explicação.

— Foi realizado um contacto bidirecional (telepático ou outro) com eles? — Não. São eles que entram em contacto.

Não me atrevo a comentar o que ouvi de Vanga. As minhas perguntas foram motivadas por acontecimentos concretos, previsões ou um estado particular de Vanga, sobre os quais falarei mais pormenorizadamente abaixo.

Vanga é uma pessoa religiosa e acredita que há Deus. Mas à pergunta do jornalista K.K. (guardei a gravação magnética desta conversa) em 1983, se tinha visto Cristo, seguiu-se a resposta: «Sim, mas ele não tem corpo. É uma enorme bola de fogo, à qual dói olhar. Só luz. Mais nada se vê. Se alguém te disser que viu Deus, não acredites, é impossível».

A propriedade mais surpreendente do dom de Vanga é a sua capacidade de se deslocar com incrível facilidade no tempo e no espaço — do passado longínquo ao futuro longínquo.

Perto da aldeia de Prepechene, que fica entre as cidades de Sandanski e Petrich, encontra-se a localidade de Rupite, famosa pelas suas fontes minerais. Sobre a localidade ergue-se uma pequena montanha, Kojuh, e ao seu sopé serpenteia o leito seco do rio Struma. Ali está uma pequena casa, onde Vanga descansa e recebe visitantes.

Todos os anos, a 14 de outubro, quando pelo calendário eclesiástico se celebra o Petkovden (dia de Santa Parascheva), Vanga convida centenas de convidados e organiza uma mesa farta. O motivo desta festa, como ela diz (registei a sua explicação em 1985), é o seguinte: «Neste dia, 14 de outubro, há vários milénios ocorreu uma erupção vulcânica. Sob a lava ardente foi sepultada uma grande cidade e milhares de pessoas inocentes. Elas eram altas, robustas e vestiam roupas finas e brilhantes, como folha de alumínio. Essas pessoas eram muito cultas.

O rio que atravessava a cidade era aurífero, e cada criança recém-nascida era mergulhada nas suas águas. Os portões da cidade eram ornamentados com grandes figuras aladas de animais douradas. Aqui, neste lugar, estavam três templos — de Santa Petka, da Virgem Maria e de São Pantaleão. O abismo de fogo que engoliu esta cidade envia-nos agora os seus vapores quentes para o nosso tratamento. São os suspiros das pessoas inocentemente mortas. O meu pedido a todos vós é que continuem no futuro a assinalar este dia, a honrar todos os que morreram em todos os tempos».

A irmã de Vanga, Lyubka, conta sobre a localidade de Rupite:

— Esta localidade, que ela não abandona há tantos anos, atrai-a muito, e eu não consigo compreender porquê. Mas ela sabe! Pessoalmente, este lugar oprime-me, deprime-me, e atua da mesma forma sobre muitas outras pessoas. Mas Vanga diz que ali ouve «vozes» que lhe contam muitas coisas. E ali, onde está a sua casinha, segundo as suas palavras, encontra-se o centro que liga os santuários que existiam nas proximidades ainda na antiguidade.

O meu irmão Dimitar:

— Não sou historiador, nem arqueólogo, mas gosto de vasculhar livros e documentos antigos e ler sobre o passado das nossas terras. Em relação a alguns locais históricos, tenho as minhas versões, e alegro-me quando, passado algum tempo, as minhas modestas suposições são confirmadas no decurso de escavações arqueológicas.

Li alguma coisa, e eu mesmo suponho, que na localidade de Rupite, ainda nos tempos da profunda antiguidade, se situavam santuários. Os habitantes locais ainda encontram centenas de fragmentos de vários objetos de carácter ritual, provando que aqui fervia uma intensa vida espiritual. Conservam-se degraus de antigos templos trácios, pode-se até encontrar moedas trácias e romanas. Possivelmente, estes santuários pertencem à época trácia ou a alguma mais antiga ou mais recente. Em todo o caso, para aqui afluíam numerosos peregrinos de locais distantes, que se mergulhavam nas águas «sagradas» das fontes minerais, para implorar a misericórdia dos deuses e a cura das doenças.

Os velhos desta região ainda se lembram das histórias dos seus avós sobre como ocorria a ablução curativa. Normalmente, este ritual era realizado após a Transfiguração. As pessoas cavavam um buraco na areia, do qual logo começava a jorrar um fio de água mineral quente, e ao nascer do sol, obrigatoriamente a essa hora, regavam-se com água de um cântaro novo. Assim saudavam o sol. Para que a súplica de cura fosse ouvida pelos deuses, cada doente devia regar-se ele mesmo com a água, sem pronunciar uma palavra. Segundo a crença, após esta ablução ritual, muito em breve ocorria uma melhoria significativa do estado do doente.

Mas há outra crença ligada a esta localidade, que me faz atormentar com conjeturas — os velhos dizem que algures nesta localidade está enterrada uma estátua de ouro, de um cavaleiro em tamanho natural. Eles consideram que é a estátua de São Constantino, escondida dos turcos que invadiram estes lugares, mas eu penso que poderia ser também a estátua do deus trácio Heros, porque foi precisamente aqui que foram encontradas placas de mármore com a imagem deste deus. Se é realmente assim, dirão os nossos especialistas arqueólogos, mas eu tento explicar algo diferente, que diz respeito à minha tia: ainda as suas primeiras visões estão ligadas a um cavaleiro, com quem ela

falava junto ao poço, depois o cavaleiro apareceu de novo para lhe anunciar o início da guerra e que ela se tornaria vidente e preveria sobre «vivos e mortos». Já lá vão quase 30 anos desde que ela se instalou nesta localidade, onde circula a lenda de um cavaleiro escondido debaixo da terra, para proteger os habitantes locais das profanações dos conquistadores. Este cavaleiro apoderou-se tanto da minha consciência que começo a pensar em outras coisas, das quais talvez não valha a pena falar, mas mesmo assim não consigo conter-me: afinal, o enigma do Cavaleiro de Madara¹ ainda não foi desvendado.

Os especialistas apresentam várias suposições. Uns consideram que é a imagem do cã Tervel ou de algum outro governante búlgaro, mas eu penso: e se se tratar do cavaleiro que aparece a Vanga sempre que se aproximam acontecimentos decisivos? Quem é este cavaleiro e quem o representou ali, naturalmente não sei. Parece-me que seria muito interessante se as investigações fossem dirigidas nesse sentido. Mas isso já é outro tema...

Pessoalmente, considero que a minha tia não escolheu este lugar por acaso para descanso e para realizar as suas sessões. À volta há outros recantos desertos, muito mais bonitos e acolhedores, onde ela poderia dar-se uma pausa e receber visitantes. Mas escolheu precisamente este lugar e diz que ali retira energia e força para as suas previsões, que a montanha que se ergue sobre o leito seco do Struma «cobre grandes segredos».

¹ *O Cavaleiro de Madara — baixo-relevo talhado numa rocha inacessível na região de Varna, cuja origem é desconhecida (daqui em diante — nota do trad.).*

Ali, na opinião dela, está a chave para o desvendamento do nosso passado antigo. Que energia e força é essa que outrora atraía as pessoas e agora alimenta o dom profético de Vanga, não sei. Mas se os cientistas e arqueólogos se dedicarem a realizar investigações nesta região, talvez descubram algo que vai além da arqueologia e do passado.

Perguntámos a Vanga: «Por que preferes ficar neste lugar?», ao que ela respondeu: «Tenho de ficar aqui durante um certo tempo. Este lugar é especial. Serve-me como uma espécie de acumulador, nele retiro energia e força. Outrora aqui ardeu um fogo terrível, e esta cordilheira sobre nós cobre um grande segredo. Este lugar também é uma “rota das aves”. Sobre ele voam enormes bandos de aves, quando partem para o sul ou regressam. Mas por que se reúnem neste lugar, não sei» (1988).

«Tenho de estar aqui! Aqueles que vêm ter comigo perderam-se no caminho, e eu tenho de os orientar. Uns depois encontram a direção certa, outros nem conseguem encontrá-la. Eu sou uma representante! — estendo a mão aos perdidos e desesperados e indico-lhes para onde ir!» (1988).

A irmã Lyubka conta:

— Já lá vão tantos anos que estamos juntas, na essência desde o momento do meu nascimento até hoje, mas ainda me espanto com as suas capacidades e não consigo explicá-las. As pessoas chamam Vanga de tudo — vidente, adivinha, feiticeira, oráculo etc. Para mim, ela é uma profetisa, porque não adivinha apenas o futuro e o passado. Aquilo que ela diz acontece realmente com precisão absoluta.

Vanga encontra-se com muitas pessoas cultas, mas após o fim da sessão saem da casa dela perplexas ou abaladas com tudo o que viram e ouviram. «Como entender este milagre? — perguntava espantado, após o encontro com ela, o grande cientista soviético Mikhailov. — Como pôde Vanga estabelecer contacto com a minha mãe, morta há mais de dez anos? Será possível que um cérebro morto dê informação?»

Especialmente para Z. M., uma médica da URSS que desejou encontrar-se com Vanga, esta estabeleceu contacto e contou-lhe sobre os curadores da antiguidade e sobre os métodos de tratamento deles. Ao sair, a mulher atordoada perguntou-me: «Mas como é possível, de onde pode ela saber os nomes de curadores há muito mortos?»

Ao conhecido historiador búlgaro N. G., Vanga contou pormenorizadamente sobre a vida nas nossas terras no século XII, como se lesse o que estava escrito. O próprio cientista depois notou que ela relatara factos que lhe eram desconhecidos, embora ele seja considerado um especialista dessa época.

Vanga diz que sobre nós vela um enorme olho, que observa todas as nossas ações. «Ninguém nem nada pode esconder-se! — declara ela. — Não pensem que podem fazer tudo o que vos passa pela cabeça, não, não podem, ninguém é livre».

Vanga recebe os mais diversos presentes, mas nada a impressiona, nada terreno representa interesse para ela. Com os olhos fechados, observa fenómenos desconhecidos para nós.

Uma vez falámos com ela sobre um arco-íris que aparecera após a chuva. Eu sentia que um dos seus extremos ia dar ao canal que corria no prado em frente à casa de Vanga em Rupite. Estende a mão — e tocas-lhe. A casa de Vanga e este extraordinário e misterioso Kojuh ficaram enquadrados pelo arco-íris, e esta imagem produzia uma impressão muito estranha e forte. Eu calava-me, sem dizer à irmã o que via. Mas de repente ela disse: «Dá-me a mão. Vamos sair para o prado, mais perto do canal, leva também uma cadeira!» Estávamos só nós duas...

Sentámo-nos, caladas, e as belas cores do arco-íris viam-se com toda a clareza. Um espetáculo excecionalmente belo. E eu, não compreendendo como podia o arco-íris brilhar tanto tempo no céu, decidi perguntar à irmã:

«Diz-me, como vêes o arco-íris, o que significa toda esta beleza reunida?» «O arco-íris — responde ela — apareceu pela primeira vez depois de ter parado a chuva que caiu durante 40 dias e destruiu todo o género humano e todas as criaturas terrestres (na essência, contou a lenda bíblica). Só ficou a arca de Noé». Eu digo-lhe: «Mas isso é uma lenda. Como imaginas isso?» Vanga: «Não posso transmitir-te tudo o que vejo, mas à noite, mais perto da meia-noite, ao atravessar a sala no andar de baixo da minha casa, passo sempre pela arca de Noé, que ali está há tantos anos».

O que isso significa, nunca mo explicou, e até hoje guarda ciumentamente o segredo dessas palavras.

Lembro-me de um caso assim. Uma vez veio ter com Vanga uma mulher jovem, acompanhada pela mãe e por um jovem monge. Vanga dirigiu-se logo ao monge: «Para que vieste?» — «A minha mãe está doente» — respondeu o monge. «Mas tu és monge — disse Vanga —, a tua casa é o mosteiro, e a igreja a que te consagrastes é a tua mãe. Eu sei que os monges devem viver apenas para Deus, porque, ao fazerem o voto, morreram para o mundo». O monge ficou embaraçado, e depois, reunindo forças, disse: «Trouxe a minha parente, que quer ir para um convento e tornar-se freira». «Como assim? — pergunta Vanga. — Ela não é donzela, é casada». — «Sim — confirmou o rapaz —, tem dois filhos, mas vive mal com o marido e considera que a sua vida não tem sentido». — «E então — continuou Vanga —, tu, vestido de hábito, foste abrir-lhe o caminho? Não, ela não tem direito nem a abandonar os filhos, nem a tocar nas portas da igreja. De quem quer esconder-se? Sai de casa, mas as lágrimas dos seus filhinhos queimá-la-ão viva. Ide-vos embora!.. E tu, rapaz, não tens lugar lá!»

Vanga é capaz de acompanhar toda a vida humana. Aqui não se pode deixar de mencionar o grupo de jovens que roubaram ícones. Eles ocupavam-se de trabalhos de restauro, tinham acesso ao património das igrejas e mosteiros. Os jovens abusaram da confiança da administração monástica. Vanga desmascarou-os e contou a todos os presentes, com precisão espantosa, como planearam o roubo. Disse aos ladrões que eram pessoas más, inúteis e que estavam destinadas a pagar caro por esse ato ignóbil.

Um velho conhecido nosso, uma pessoa de idade avançada, tinha 15 moedas de ouro. Decidiu escondê-las para um dia negro. Mas escondeu-as de tal forma que um dia os netos, a brincar na cama, encontraram no travesseiro um saquinho com as moedas. Ao descobrir o desaparecimento das moedas de ouro da almofada, o velho foi ao tribunal e apresentou queixa contra o vizinho, que nesse dia fatídico o visitara e lhe pedira algum favor. No entanto, no dia seguinte veio mesmo ter com Vanga para perguntar se tinha feito bem. Vanga disse-lhe:

— Para que te zangas com uma pessoa boa? Ele não é ladrão. Olha debaixo do telheiro, onde está pendurado o saco com forragem para o burro, e aí encontrarás o que perdeste.

O homem foi-se embora, e no dia seguinte, ainda ao amanhecer, correu para casa de Vanga e, assim que ela abriu a porta, caiu de joelhos diante dela e disse:

— Obrigado, Vanga, por me teres salvo do pecado e da vergonha. Afinal, com o vizinho somos amigos desde a infância.

...Uma mulher jovem contou-nos o seguinte: «Durante longos anos vivemos toda a família numa velha casa degradada. Um dia perguntei a Vanga se alguma vez teria uma casa como as pessoas. E ela disse-me: “Sim, vejo uma casa, mas só as janelas, sem alicerces”. Não entendi o que isso significava, mas comecei a esperar. Dois meses depois, ao voltar do trabalho, reparei que diante da nossa casa se erguia uma nuvem de pó. Apressando o passo, vi com horror que a nossa velha casa ruíra (ao lado construíam uma casa nova e, como se soube depois, os trabalhadores escavaram a terra debaixo da nossa choupana), os alicerces desmoronaram-se, e no andar de cima, segurando-se Deus sabe em quê, pendiam as janelas...»

Vanga disse uma vez:

— Se eu comesse a dizer às pessoas tudo o que vejo e sei, elas logo queriam abandonar esta vida.

Ela esforça-se por todos os meios para preservar as famílias ameaçadas pelo divórcio. A ela, como a ninguém mais, é conhecido quão certo está aquele que se considera caluniado e espoliado. Vanga escuta pacientemente todos, e depois profere o seu veredito severo, sem temer que alguém fique descontente ou a odeie por a ter desmascarado.

Uma vez roubaram do guarda-roupa dela em Rupite um belo vestido de veludo. Ao descobrir o roubo, não se afligiu muito, apenas notou: «Não faz mal, eles alegrar-se-ão com ele e trazê-lo-ão de volta». E uma semana depois mostrou-me o vestido.

Os ladrões arrombaram a porta e viraram tudo na casa de pernas para o ar. Chamaram a milícia, e os milicianos começaram a perguntar a Vanga: «Diz-nos quem são, os ladrões?» Vanga respondeu-lhes: «São crianças, e trarão tudo o que roubaram». Dois dias depois, os pais trouxeram-lhe as crianças para que se desculpassem perante ela. Vanga estava sentada no pátio, e os rapazes estavam diante dela com as cabeças baixas de culpa. «Então, rapazes, o que conseguistes? Tenho pena de vós. Agora já compreenderam que nada fica em segredo? É uma desgraça se isso se tornar um hábito em vós. Saibam então de mim: nenhum roubo fica por desvendar, e os ladrões são desprezados por todas as pessoas. Ide e nunca mais façais isso!»

Há momentos em que os seus olhos cegos se abrem muito, durante vários minutos contempla algo em movimento, segue-o com o olhar, e depois fecham-se de novo. Acontece estarmos sentadas as duas, a conversar sobre algo, e de repente ela adormece. Uma vez decidi ler-lhe um livro que trouxera comigo. Mas já na primeira página Vanga adormeceu. Reparei nisso e parei de ler, e ela disse-me: «Continua!» Quando li várias páginas, ela acordou e disse: «Está bem escrito, mas errado. Transporte-me para longe, para verificar até que ponto o dito corresponde à verdade, mas lá não é nada assim».

O livro era sobre um tema histórico.

Nós vemos e imaginamos uma coisa, e ela vê e imagina algo completamente diferente. Acontece aproximar-se das flores, escutar, e depois dizer: «Sabes o que me contou agora o gerânio: eu sou remédio para os nervos, recomenda-me às pessoas!»

Mas como consegue Vanga ver tudo isso, qual é o mecanismo de receção da informação?

Vanga diz: «Quando uma pessoa se coloca diante de mim, sinto como se na minha cabeça se abrisse uma janela, através da qual observo imagens, e a vida da pessoa passa perante os meus olhos, como num ecrã, e do alto soa uma “voz” que me indica o que devo transmitir».

«Ainda em 1971 disse à artista Sun — chinesa, casada com um búlgaro: “Virá o dia em que regressarás aos teus e viverás com grande honra”. Quando nos encontramos pela primeira vez, abriu-se diante de mim uma grande janela e vi uma natureza muito bela — árvores, campos, casinhas baixas — e pessoas com sapatos de corda. Que país belo! E depois disse a Sun: “O teu filho tem paralisia, mas só tu própria podes ajudá-lo. Vejo que ele se curará”. Pouco depois Sun partiu para a China, estudou lá acupuntura e, ao regressar, começou a fazer sessões e curou o filho. Ouvi dizer que agora está de novo na sua pátria e muito feliz».

Uma vez Vanga encontrou-se com o artista Svyatoslav Roerich, da Índia. Então a primeira imagem que surgiu mentalmente perante o seu olhar foi um grande vaso no quarto dele, no qual crescia um belo lírio branco. Vanga disse ao artista: «É o maior ornamento espiritual da tua casa! De novo como se abrisse uma grande janela e perante mim brilharam em todo o seu esplendor os cumes prateados do Tibete e dos Himalaias. Que beleza! Lá, nesses lugares, está a história mais antiga da humanidade. O teu pai era simplesmente um ser não terreno. Ele também era artista, mas muito mais do que isso. Todas as suas pinturas são as suas visões. Tu deves continuar a sua obra».

Durante as suas sessões vê rostos concretos, a aparência exterior das pessoas, cenas da vida humana, o ambiente:

«Veio ter comigo uma conhecida e começou a gabar-se de como era uma dona de casa magnífica, e a criticar a desleixo e a desordem na casa das outras vizinhas. E eu vejo que a cortina no quarto dela está caída, e as meias do marido enfiadas na gaveta onde ele guarda as ferramentas, e digo-lhe: “És uma dona de casa péssima e não vale a pena bateres no peito” — e depois descrevi tudo o que vi na casa dela, e a mulher envergonhada retirou-se para casa».

Outro caso: «Apareceu-me para uma visita uma mulher inteligente, muito bem vestida, investigadora científica com todos os títulos e graus. E eu digo-lhe: “De que servem as tuas ciências, se nem sequer sabes fazer uma sopa. Como vais chegar ao grande, se não sabes o pequeno? És mulher, e tens obrigações inadiáveis.”»

Para Vanga não tem importância em que tempo surgem perante ela as imagens — no passado, no presente ou no futuro.

Conversando com um visitante sobre vários problemas, declarou-lhe de repente que na família dele havia uma pessoa apelidada de «turco». O visitante não sabia disso, mas passado algum tempo veio especialmente para lhe contar a seguinte história: durante a guerra, o tio dele apanhou a mulher em casa do vizinho e matou-a no local por ciúmes. Desde então passaram a chamar-lhe «turco».

Em 1944, um camponês da aldeia de Kromidovo, na região de Sandanski, soube que o filho fora morto pelos alemães perto da aldeia de Novo Selo, na Macedónia. No lugar indicado encontraram sete sepulturas, mas os corpos estavam muito desfigurados e era impossível reconhecê-los. Perguntaram a Vanga, e ela disse que a sepultura que procuravam ficava na margem do rio, junto a um grande arbusto. Quando encontraram e escavaram a sepultura, do bolso do casaco do morto caíram documentos e uma fotografia bastante bem conservada, que ajudou a esclarecer que ali repousava o filho do homem de Kromidovo.

Quando as tropas búlgaras entraram em Belomorie (Trácia Egeia) em 1942, ela disse ao marido: «Cuidado com a água!» Depois, dos que regressaram, souberam que todos adoeceram com malária ou sofreram de doenças do fígado.

Após a visita ao cabeleireiro (provavelmente devido ao uso de instrumentos sujos), no rosto de um jovem homem D. G., de uma aldeia de Petrich, surgiu uma terrível eczema. Primeiro a pele do rosto ficou muito vermelha, e depois cobriu-se de feridas e crostas. Nenhum medicamento nem creme ajudava. Ele foi ter com Vanga. E ela aconselhou-o a pegar um copo de lama pura e macia do rio — apenas um copo — e misturá-la com um copo de sal. Fazer algo como uma máscara à noite. No dia seguinte, quando removeram a crosta suja, por baixo dela apareceu pele limpa e branca.

A um pintor idoso e gravemente doente D. U., a quem os médicos não conseguiram diagnosticar, Vanga disse que ele tinha aderências na zona do diafragma e recomendou-lhe que fosse à Alemanha Ocidental para tratamento. O que ela disse cumpriu-se exatamente, e o pintor ficou completamente saudável.

A um oficial que partia para a frente, disse-lhe para não montar a cavalo durante o ataque, mas ele esqueceu-se da sua advertência. E na primeira batalha o cavalo debaixo do oficial foi morto, e ele próprio mal se safou, tendo sofrido um ferimento grave.

Quando, em 1979, veio ter com ela o conhecido ator soviético Viatcheslav Tikhonov, Vanga disse à irmã: «Que esperem um pouco, porque tenho de receber o sinal de quando os posso receber». No momento em que Tikhonov pisou o limiar da sua sala, Vanga gritou-lhe: «Por que não cumpriste o desejo do teu melhor amigo Yuri Gagarin? Ao partir para o último voo de teste, ele foi a tua casa despedir-se e disse: “Não tenho tempo para compras, por isso peço-te muito que compres um despertador como prenda, como se fosse eu a comprar-to, e o ponhas na secretária.

Que este despertador seja a memória de mim”». As palavras de Vanga abalaram o ator, ele sentiu-se mal. Deram-lhe valeriana. E Tikhonov disse que tudo fora exatamente assim, mas na confusão causada pela morte de Gagarin ele esqueceu-se de cumprir o pedido do amigo. A isso Vanga respondeu: «Mas todos vocês devem saber: Yuri Gagarin não morreu. Ele foi levado!» Por quem, porquê, para onde — não diz.

Ao escritor que acompanhava Tikhonov, Yulian Semenov, disse-lhe: «Tens de escrever e continuar a série de filmes por mais algumas séries (refere-se à série famosa “Seventeen Moments of Spring”). Só que sabes pouco sobre o tema das próximas séries. Tens de ir à Espanha e encontrar um certo Vladimir. Ele contar-te-á muitas coisas interessantes que te ajudarão no trabalho».

A um escritor que acabara de começar a escrever um livro, disse-lhe: «O teu plano de que no final do livro a mulher deve morrer é inverosímil. Na vida não é assim. Deixa a heroína viver, para que o livro seja “verdadeiro”».

A um visitante engenheiro, Vanga, depois de descrever toda a situação na casa e a sua situação familiar, contou-lhe o que estava guardado no sótão antigo, indicando que no baú estava a máquina de escrever do avô. O engenheiro espantado lembrou-se de que o avô realmente tinha uma máquina de escrever, mas não sabia onde estava. Vanga disse-lhe também que os cálculos em que estava ocupado nesse momento não saíam porque havia um erro, e indicou-lhe onde o devia procurar.

Segundo Vanga, toda a vida do visitante passa diante dela como num ecrã, destacando-se especialmente os momentos mais significativos do destino.

Muitos anos atrás veio ter com Vanga um pintor de cerca de quarenta anos, que se apresentou como Van Gogh. Ele ofereceu-lhe o quadro «Cristo com os discípulos na ceia grande». Este quadro ainda hoje adorna a sua casa. Então Vanga disse-lhe: «Trabalhaste muito, mas não tens nada, és pobre. Esforça-te por manter o espírito elevado, porque te esperam ainda muitas provações. Um dia receberás aquilo que, na opinião dos outros, não mereces. Irás longe, mas antes sofrerás uma derrota terrível. Partirás para o caminho completamente sozinho».

Dois anos após o encontro com o pintor, apareceram a Vanga uns pais furiosos, que declararam sentir-se roubados e humilhados, porque a filha de 22 anos fora seduzida e casara, como se veio a saber, com precisamente esse pintor, que eles odiavam.

Mas Vanga, juiz implacável e justo, cortou:

«Vocês são os pais da rapariga, não é? Ouçam-me atentamente! O homem com quem a vossa filha casou é pobre, mas é uma pessoa boa e honesta. Não vão conseguir trazer de volta a vossa filha, porque ela ama-o. Mas se mesmo assim o conseguirem, hão de arrepender-se amargamente».

Os pais irreconciliáveis conseguiram mesmo destruir a família. Levaram a filha à força para casa, que nessa altura já tinha dois filhos. O pintor desesperado, que perdera tudo — casa, mulher, filhos, pátria — partiu pelo mundo. Aos pais, felizes por terem arrancado a filha dos braços do genro odiado, restava viver a tragédia mais terrível — durante um passeio de carro com o novo eleito, a filha sofreu um acidente automóvel e morreu no local.

A mulher abatida pelo desgosto viaja por diferentes países à procura de consolo para a alma sofrida. Ela é de Montreal. Os bandidos mataram-lhe o marido na rua e raptaram-lhe o único filho, desaparecendo com ele em direção desconhecida. O assassino foi preso, mas do filho nem sombra desde então. Após longas buscas, a polícia informou-a de que a criança morta fora encontrada no fundo de um lago. A mãe desesperada não se conformava com a ideia da morte do filho e em julho de 1987 apareceu à porta da casa de Vanga.

«Atingiu-te uma terrível desgrça — começou Vanga —, mas diz-me, tu és a mãe dessa criança?»

— «Não — respondeu a mulher —, adotámo-lo».

— «Agora ouve — continuou Vanga —, a criança está viva, mas levaram-na para fora do país. Agora frequenta a escola numa grande cidade. Vive com

peessoas que fazem tudo para que ele te esqueça, esqueça a casa e a pátria. Mas receberás notícias dele, e em abril do próximo ano — informações completas. Após longas provas e peripécias, num belo dia voltarão a estar juntos». A mulher abalada partiu, e passado algum tempo informou que na véspera do julgamento o assassino quis encontrar-se com a esposa do homem que matara, mas ela não teve forças para o ver e pediu à melhor amiga que o fizesse. O réu pediu para transmitir à mãe que a criança estava viva, mas que ele não podia indicar o paradeiro. Fora de si de alegria, a mulher disse que se curvava perante o dom de Vanga e acreditava que tudo o que ela previra se cumpriria e terminaria felizmente.

A um professor doente e pobre, pintor de Petrich, Vanga disse que na velhice ficaria rico e muito famoso. Alguns anos depois, o professor ganhou no totoloto desportivo 20 000 levas, e depois mais uma vez — 10 000. Os seus quadros começaram a ser populares, o número de admiradores do seu talento cresceu muito.

«Vocês não veem — diz Vanga —, mas todas as manhãs junto a mim está uma mulher — como de serviço, vestida de branco e azul em todos os tons. O que vem ter comigo evoca no meu espírito diferentes quadros da sua existência, e aquela que está ao meu lado diz-me o que é necessário dizer, e eu transmito».

Sabe Vanga ler os pensamentos? Sim. Frequentemente cita aos visitantes o que eles pensaram antes de entrar ou o que pensaram outrora sobre algum assunto. A distância não tem importância para ela.

Ela lê os pensamentos também de estrangeiros, e recebe a informação na forma de voz. Para ela não existem barreiras linguísticas.

«Recentemente visitou-me um romeno cujo filho se afogara no Danúbio. O homem pensava que outro miúdo empurrara a criança para a água, e esse pensamento não o deixava em paz. E eu disse-lhe: “Não, não foi assim. O teu filho atirou-se à água e enredou-se em umas raízes. Assustou-se e não conseguiu sair para a margem. Ninguém tem culpa. Aqui, vejo o lugar do acidente e posso descrever pormenorizadamente como aconteceu”».

Às vezes perguntam a Vanga: «Se predizes a alguém a morte ou algo outro fatal para ele, pode a pessoa evitar a desgraça? E pode Vanga evitá-lo?» — «Não — declara ela categoricamente. — Ninguém pode. A vida do homem está estritamente determinada, e ninguém a pode alterar».

Uma vez veio ter connosco um rapaz, camionista, e ofereceu-se para levar Vanga ao mosteiro de Rojen. Ao regressar, ela disse-lhe: «Faça o que fizeres, vê lá, a 15 de maio vem ter comigo sem falta». Mas nesse dia um amigo pediu-lhe um favor: levar no camião materiais de construção para a casa dele, e o rapaz disse à mãe que provavelmente iria ter com Vanga a 17 de

maio, pois era-lhe difícil recusar o amigo. Foi precisamente nesse dia que foi esmagado num passo a nível por um comboio em movimento. Como aconteceu tudo isso, ninguém sabe, mas os especialistas consideram que o desastre se deu porque os travões do camião falharam. Vanga viu essa imagem, mas não conseguiu evitar o acidente.

Lyubka conta:

— O meu sogro — professor, pintor autodidata e violinista — decidiu um dia pintar Vanga. O retrato feito por ele está na casa de Petrich de Vanga. Mas enquanto a pintava, a irmã repetiu várias vezes: «Tio Boris, aconteça o que acontecer, não vendas nem o anexo junto à casa, nem o violino».

O meu sogro ficou intrigado com este conselho, mas ela não lhe disse mais nada. E eis o que aconteceu dez anos após essa conversa. A nossa casa em Sandanski era antiga, e um dia, à hora da sesta, quando o sogro descansava com o violino nas mãos, a casa desabou de repente, e da sala onde ele estava, como da sala ao lado, só ficou um monte de tijolos. Estranhamente, o sogro não sofreu nada, limitando-se a um susto leve. O anexo ficou intacto, que o conselho comunal usava então como padaria. Esse anexo serviu-nos ainda muito tempo, até nos instalarmos finalmente.

Veio ter com Vanga o búlgaro A. X., que emigrara para a Áustria muitos anos antes. Contou-nos que casara bem com uma mulher rica, tem uma boa família, mas sente saudades da Bulgária e frequentemente nos pensamentos volta à pátria. Doou uma grande soma para a construção da Casa para búlgaros do estrangeiro e veio à cerimónia solene da primeira pá de terra. Vanga disse-lhe que antes do início da cerimónia, segundo o antigo costume, era preciso sacrificar um cordeiro, que ele devia comprar. Durante a cerimónia prestaram grande honra a esse homem. Ele deu a primeira pá, mas logo depois morreu. O cordeiro, como Vanga lhe aconselhara, ele não comprou, e no entanto ela via que era precisamente a ele que cabia o papel de cordeiro sacrificial, e ficaria para sempre na terra natal.

Vanga declara: «Eu estou presente nos pontos mais quentes do planeta, vejo derramamentos de sangue, cataclismos naturais e desastres. À noite vocês dormem, e eu folheio as páginas da existência humana e vivo as tragédias de todas as pessoas».

Lyubka conta:

— Muitos anos atrás Vanga, com um grupo de mulheres, entre as quais a minha sogra, partiu para o mosteiro de Rila. Lembro-me muito bem que foi a 1 de novembro de 1950 — festa de S. Ivan. Após o fim do serviço na igreja, Vanga ficou muito inquieta e insistiu veementemente com as mulheres e os peregrinos que ali estavam para saírem imediatamente dali, dizendo que em breve aconteceria algo terrível. As mulheres não a compreenderam. Pensaram

que o terrível aconteceria à saída da igreja, pois havia muita gente, e tentaram convencer Vanga a ficar mais um pouco, já que o autocarro para Sandanski só partia às 17 horas, e até lá podiam ainda passear pelo mosteiro. Vanga manteve-se firme, mas as mulheres não a obedeceram, e então ela partiu de carro com uns conhecidos.

Completamente de forma inesperada, às 14 horas, surgiu no céu uma enorme nuvem e desabou uma chuva tão forte que em pouco tempo o rio de Rila transbordou e inundou todas as estradas. Já ninguém podia sair do recinto do mosteiro. A aldeia mais próxima do mosteiro foi submersa, as casas arrastadas. A minha sogra e as mulheres que vieram com ela passaram com grande dificuldade para um lugar seguro pelas vigas que os bombeiros estenderam para salvar as pessoas. A sogra voltou a casa com um vestido só, encharcada até aos ossos, morta de medo, e adoeceu logo.

A fita da vida humana desenrola-se diante dos «olhos» de Vanga, até chegar ao seu fim fatídico — a morte. Vanga não sabe por que isso acontece, a informação sobre a pessoa surge sem o seu conhecimento e sem o seu desejo. Ela afirma que não consegue controlar este processo, não o pode parar nem deixar de o ver.

Levaram a Vanga uma jovem rapariga que se sentia mal. As pálpebras fechavam-se sozinhas. Ela simplesmente não conseguia manter os olhos abertos. Vanga disse-lhe: «Tens a glândula tímica danificada. Vai imediatamente ao médico!» E depois disse aos familiares dela: «Vão ao médico, para saberem que fizeram tudo o possível. No entanto, não se conseguirá curar a rapariga e ela morrerá».

Lyubka diz:

— Lembro-me de outra pessoa. Veio com duas mulheres de Sófia. Um robusto, um grandalhão, andava direito, com ar importante. Olhei para ele, olhei, e não conseguia perceber quantos anos teria. Depois não aguentei e, embora fosse inconveniente, perguntei-lhe a idade. O homem riu-se, pediu-me para adivinhar e disse que fora oficial ainda na Primeira Guerra Mundial. Fiquei espantadíssima e declarei que era impossível àquela idade ter tão bom aspeto, e ele respondeu-me que se conservava tão bem graças aos cuidados constantes consigo próprio e à ausência de obrigações para com os outros, e que pretendia seguir esse princípio dali em diante.

Vanga ouviu-o em silêncio, mas de repente bateu com o pé e disse: «Não, chega! Já te basta!» Não percebemos o que significava esta frase. Antes de partir, o homem garboso quis provar a nossa comida, pois da cozinha vinham cheiros apetitosos, elogiou a comida e notou que por um instante como que voltara à infância. O homem partiu, e três dias depois informaram-nos de que morrera. Era isso que significava o «Já te basta!» de Vanga.

A filha de Lyubka — Anna, médica:

— A medicina durante muito tempo negou o dom de Vanga. Antigamente, nesses círculos, chamavam-lhe charlatã e especuladora astuta, que se servia de «espiões» que andavam entre as pessoas a recolher informações para ela. Lembro-me de, na infância, as crianças vizinhas rirem-se de mim porque eu era a «sobrinha da adivinha». No entanto, depois muita coisa mudou. As pessoas compreenderam que aqui se esconde algo sério, que ainda não conseguimos explicar, e prestaram-lhe atenção. O doutor Georgi Lozanov e o seu grupo começaram a realizar investigações sistemáticas, colocadas numa base científica. Recolheram uma massa de dados, descreveram milhares de casos.

A mim, como médica, caberia ser mais cética em relação a este fenómeno, mas até agora, no que toca ao estabelecimento de um diagnóstico ou ao tratamento de uma determinada doença, Vanga, como se diz, dá-me uma lição. Sei que ela não percebe de medicina. E como ela «vê» e chega à verdade — não consigo compreender. Mas ao conhecimento científico foi colocada por ela uma questão importante, e aos cientistas cabe responder-lhe. Só podemos orgulhar-nos de que no nosso país exista um fenómeno assim, e devemos aplicar esforços, verdadeiramente todos os esforços necessários, para o estudar.

Após o lido, surge na pessoa uma pergunta legítima: de que modo, quando e por que razão precisamente em Vanga se manifestaram estas capacidades fenomenais? Talvez na sua biografia encontremos a chave que nos ajude a penetrar neste mistério...

«EU VIVO NÃO PARA MIM, MAS PARA AS PESSOAS»

A casa de Vanga em Petrich é diariamente cercada por centenas de pessoas. Cada um que chega aqui quer ouvir respostas para as suas perguntas apenas da boca dela. Um espera resolver problemas pessoais ou profissionais, outro — livrar-se de desavenças familiares, um terceiro anseia curar-se de uma doença, um quarto veio simplesmente por curiosidade, desejando ver com os próprios olhos as capacidades proféticas de Vanga, porque ouviu sobre ela os rumores mais incríveis.

Os habitantes de Petrich habituaram-se tanto às multidões diante da casa dela que as encaram de forma completamente natural e, provavelmente, poucos deles se dão conta de que «tesouro» se tornou para a sua cidade Vanga, que se mudou para aqui em 1942. Vêm ter com ela as pessoas mais diversas — pela idade, pelo nível de educação, pelas convicções. O que as atrai com tanta força ao limiar da casa dela? A esperança de se curarem, de

obter respostas para perguntas intrincadas, capazes de trazer clareza à sua existência inquieta. E Vanga profetiza...

O que há nela de tão extraordinário, que o destino achou por bem dotá-la de um dom tão invulgar?

Vanga nasceu a 31 de janeiro de 1911 na cidade de Strumica (Jugoslávia), numa família de camponeses não ricos. Do pai herdou a resistência física, o sentido de justiça e a compaixão pelos desamparados, e da mãe — o caráter alegre, o amor pela limpeza e pela ordem, elevados a culto.

Nasceu dois meses antes do termo previsto, muito fraquinha, com as orelhas coladas à cabeça, com os dedos das mãos e dos pés grudados. Ninguém sabia se a menina sobreviveria, por isso colocaram a criança mais perto do fogão, embrulhada num estômago de boi e coberta com lã não lavada, na esperança de que aguentasse até ao nono mês. Numa das noites de março, a menina chorou alto, e as «avós» videntes indicaram à mãe que, na essência, a criança nascera precisamente nesse momento.

E como na região de Strumica havia a crença de que não se podia dar nome ao recém-nascido enquanto não se soubesse se ele viveria, na manhã seguinte a avó da criança, que se anunciara com o choro, saiu à rua e pediu à primeira transeunte que encontrasse que dissesse um nome feminino. Essa disse: «Andrómaca». Nessa altura, em Strumica, muitas mulheres tinham nomes gregos, mas à avó esse nome não agradou e parou a segunda transeunte. Essa pronunciou: «Vangelia», que significa «portadora de boas novas». O nome também é grego, mas nessa região tão comum que a avó o aceitou como seu «de sangue» e aprovou-o.

O pai de Vanga — Pande Surchev — era ainda muito jovem quando se alistou como voluntário e partiu para lutar contra o jugo otomano. Foi capturado, compareceu perante um tribunal turco, e este condenou-o a prisão perpétua na cadeia «Yedi-Kule». Ali sofreu terríveis torturas e quase perdeu a esperança de salvação, quando de repente, em 1903, foi inesperadamente libertado. Os «jovens turcos», que chegaram ao poder e proclamaram a Turquia monarquia constitucional, por decisão do governo libertaram os prisioneiros das cadeias. Ao regressar à pátria, Pande Surchev compreendeu que os destacamentos de voluntários — as chetas — ainda existiam, e voltou a juntar-se à luta. Pouco depois, no entanto, as chetas foram dissolvidas, e todos regressaram aos seus lugares natais.

Pande voltou a Novo Selo, mas em casa não encontrou ninguém. Os pais tinham morrido, e o irmão perdera-se algures. Passava dias inteiros a vaguear sem propósito, sem saber o que fazer. E de repente soube por acaso que a comuna da cidade de Strumica dava aos colonos casas turcas abandonadas e terra, e decidiu mudar-se para esses lados.

Deram-lhe uma casa velha na periferia da cidade. Quase todas as casas eram degradadas, de adobe, e o bairro parecia mais uma aldeia abandonada do que uma periferia urbana. As ruelas eram estreitas, sujas, e à noite não se via um palmo à frente do nariz. Os quintais cercados por sebes eram pequenos, dentro passeava o gado, que à noite era fechado nos andares inferiores das casas ou os donos dormiam juntos com ele. Todos os colonos eram habitantes das aldeias vizinhas — camponeses, pequenos artesãos, comerciantes —, e mudaram-se para a cidade, impelidos pela necessidade.

O aspeto pitoresco da periferia, apelidada pelo povo de «Svetiko», porque as casinhas se situavam à volta da igreja dos Santos Quinze Mártires, era complementado por algumas famílias ruidosas de ciganos e pela família de um hodja, que não quisera mudar-se para a Turquia. Todos o chamavam Gyl-Baba, porque tinha um jardim com as rosas mais belas de toda a região.

O novo colono passou a viver em paz e harmonia com os vizinhos. Tendo recebido um pouco de terra, começou a cultivá-la. Primeiro viveu sozinho, e depois chamou-lhe a atenção a frágil, como uma rapariguinha, ágil e alegre Paraskeva, e tomou-a por esposa.

Vangelia tinha apenas três anos quando, durante o parto do segundo filho, morreu a mãe dela. E pouco depois começou a Primeira Guerra Mundial. O pai de Vanga foi imediatamente mobilizado e partiu para a frente. Vanga ficou aos cuidados da vizinha Asanitsa — uma turca muito boa e compassiva. Durante três anos não houve notícias do pai, e os vizinhos já pensavam que Vanga ficara órfã de todo, quando num belo dia Pande, vivo e são, mas magro até não se reconhecer, regressou a casa.

E de novo viveram com Vanga na velha casinha, mas o pai mal conseguia lidar com a filha. Nessa altura ela já tinha sete anos, era magrinha, de olhos azuis e cabelo louro, e tinha um temperamento rebelde e teimoso. Via-se que a filha crescera sem o carinho e as orientações maternas.

Nessa altura, em Strumica instalou-se um novo poder e os novos mandachuvos locais introduziram ordens rigorosas e restrições de vários tipos. Muitos habitantes de Strumica não compreendiam o motivo e viviam em medo constante. A inquietação instalou-se também na alma de Pande, preocupado com o futuro da filha.

E ela crescia alegre, divertida, comunicativa, e as crianças vizinhas vinham com grande prazer brincar no quintal deles. O jogo preferido dela consistia em as crianças deitarem-se na relva — eram os «doentes», e a «doutora» Vanga tratava-os. Colhendo ervas, fazia-lhes compressas, e depois obrigava os «curados» a varrer bem o quintal — ela não tolerava sujidade — e sentava-se numa esteira. As crianças rodeavam-na em grupo, e Vanga começava a contar histórias inventadas por ela. As crianças escutavam avidamente cada palavra sua.

Passados anos, quando estava bem-disposto, o pai contava aos filhos histórias divertidas do então «governo» de Vanga, e todos riam a bom rir.

Vanga adorava esconder objetos num lugar seguro. Uma vez o pai decidiu ir com o vizinho pescar e pediu-lhe que esperasse um par de minutos, enquanto ele passava por casa para ir buscar as canas. Procurou as canas, procurou, virou a casa do avesso, e nada. Vanga observava com prazer as buscas infrutíferas dele e só depois perguntou o que ele procurava, e disse-lhe onde estavam. Com a mesma teimosia, uma vez ele procurou os tsarvuli¹, e embora tivesse passado várias vezes à volta do caldeirão virado, não adivinhou que estavam debaixo dele.

Compreendendo que não conseguiria gerir sozinho a filha e a casa, Pande decidiu casar-se pela segunda vez. Não tinha grandes hipóteses de sucesso, pois era pobre, viúvo, ainda por cima com uma criança ao colo, mas inesperadamente pouco depois entrou em casa uma nova dona.

Tanka Georgieva era uma das raparigas mais belas da cidade. Tinha tranças tão longas que as trançava de pé numa cadeira. Tanka era noiva de um oficial búlgaro, mas o casamento projetado gorou-se, e os pais, temendo as fofocas das pessoas, sem alarido casaram-na à pressa com Pande. Embora não se alegrasse com o seu destino, Tanka encontrou no marido uma pessoa boa e trabalhadora, e ele — uma dona de casa excelente e uma mãe cuidadosa para a filha.

Passaram-se dias cheios de abundância e compreensão mútua. Pande era um bom camponês e um dono cuidadoso, por isso gradualmente começou a comprar terra e em breve já possuía 10 hectares de lavoura própria. Na época quente até contratava lavradores, e as pessoas começaram a chamá-lo respeitosa de «chorbadji Pande».

¹ Tsarvuli — calçado de couro grosso.

Mas esta prosperidade durou pouco. Um dos mais «zelosos» aderentes do novo poder não conseguia perdoar a Pande o seu passado. E eis que um dia prenderam Pande e levaram-no. Depois tiraram-lhe toda a terra, apesar de ser precisamente a época da ceifa, e a família antes próspera conheceu a miséria, que depois a acompanhou durante longos anos.

Regressado da esquadra, onde sofrera espancamentos e torturas, Pande compreendeu que tinha de ir trabalhar como jornaleiro, para sustentar a família, que nessa altura já se aumentara com um novo membro. Em 1922 Tanka deu à luz um rapaz, a quem chamaram Vasil.

O pai contratou-se como pastor na aldeia de Bosilovo, e depois na aldeia de Dabila. Até ao fim da vida permaneceu pobre.

Em casa esperava-o a mulher com duas crianças — Vanga e Vasil. A filha ajudava ativamente nas tarefas domésticas. Já tinha 11 anos e, cuidando do irmão, inventava brincadeiras, nas quais também participava ativamente. Só que inventou um jogo que preocupava seriamente os pais... Acontecia pôr na rua ou no quintal algum objeto, depois voltar para casa, fechar os olhos e começar a mexer-se às apalpadelas, como cega, à procura do objeto deixado. Teimosamente, uma e outra vez, voltava a jogar esse jogo, e nenhuma proibição nem ameaça dos adultos a conseguia deter.

Em 1923 a família mudou-se para Novo Selo, instalando-se em casa do irmão de Pande — Kostadin. Esse enriquecera, casara, mas Deus não lhe dera filhos, e quando soube em que situação ficara o irmão, chamou-o para junto de si, para juntos cuidarem do gado e não passarem necessidade em Strumica. Pande aceitou.

Vanga, a criança mais velha da família (já tinha 12 anos), tinha as suas obrigações. Todos os dias tinha de ir de burro até aos currais e de lá trazer dois odres de leite.

Uma vez, no verão, regressava à aldeia com duas primas. As raparigas decidiram virar para a Fonte do Khan, que ficava perto da estrada, mesmo no campo. E ninguém compreendeu como aconteceu o resto...

De repente levantou-se uma terrível tempestade. O céu escureceu, soprou um vento forte, que quebrava ramos de árvores e arrancava pela raiz as mudas frágeis. Ergueu-se no céu uma enorme coluna de pó. Torrões de terra, folhas, ramos misturados com lama enrolavam-se num funil. O terrível redemoinho caiu sobre as raparigas, petrificadas de horror, derrubou no chão perto da fonte as primas de Vanga, e a ela própria ergueu-a no ar e atirou-a longe no campo, na localidade de Tyrnaka, a dois quilómetros da fonte. Quanto tempo durou esta tempestade ninguém se lembra.

Quando as pessoas se recompuseram e começaram a procurar Vanga, encontraram-na na lavoura, coberta de terra, pedras e ramos. Ela parecia enlouquecida de medo, mas muito mais terrível era a dor horrível nos olhos cheios de pó — a rapariga não conseguia abri-los de todo. Em casa tentaram aliviar os sofrimentos dela, lavando os olhos com infusão de ervas, mas nada ajudava. Recorreram a videntes e curandeiras, e essas deram-lhe água «encantada e santa», fizeram compressas, cataplasmas, untaram com pomadas, mas nada trazia alívio. Ao fim do dia os olhos dela encheram-se de sangue, e depois embranqueceram juntamente com a íris.

O pai desesperado decidiu regressar imediatamente a Strumica e lá procurar um médico. Na essência, em casa do irmão tinham estado pouco tempo, apenas três meses, e a vida lá fora-lhes dura. Como se tivessem ido para lá só para que os olhos de Vanga sofressem.

Toda a periferia foi imediatamente percorrida pela notícia da desgraça acontecida à rapariga, e o dia todo vinham a casa vizinhas, recomendando várias ervas e pomadas, contando casos de curas com a ajuda dessas ervas, mas, na essência, as mulheres bondosas faziam isso por compaixão, porque nenhuma delas conhecia um remédio capaz de curar esta doença.

Levaram Vanga a um médico e este disse que a situação era grave, a inflamação aumentava e era necessária uma operação urgente, se quisessem salvar a visão. Mas para isso era preciso muito dinheiro...

Levaram a rapariga para Skopje, e lá fizeram-lhe duas operações uma após a outra. Para uma delas o pai arranhou dinheiro, e a outra fizeram-na gratuitamente, tendo em conta a terrível pobreza da família. Mas ambas as operações se revelaram infrutíferas. Os olhos estavam afetados por catarata.

Aconselharam o pai a decidir-se por uma terceira operação e fazê-la em Belgrado, e ele concordou.

Marcaram o dia e disseram que pela operação era preciso pagar 5000 dinares (cerca de 500 levs) — uma soma bastante elevada para aquela época.

O pai ficou abatido, pois não sabia onde arranjar tanto dinheiro. Era muito pobre, e os vizinhos não eram mais ricos do que ele, e não podiam ajudar em nada. Então recorreu à ajuda da antiga sogra, mãe da primeira mulher. Essa outrora declarara que legaria uma parte da terra à neta Vanga. Pande pediu que cumprisse a promessa, vendesse a faixa, e o dinheiro obtido iria para a operação. Mas após a morte da filha as relações da sogra com o genro deterioraram-se, e a avó recusou decididamente ajudar a neta.

O pai decidiu vender as últimas coisas da já de si muito escassa mobília — a máquina de costura, que ficara da primeira mulher, a única ovelha... Mais nada havia para vender. De algures arranhou ainda um pouco mais de dinheiro e assim juntou metade da soma necessária.

Um dia antes da operação, enviaram Vanga para Belgrado com o vizinho Pande Payvanski, um homem abastado, que ia visitar o filho. O pai desejava muito estar ao lado dela nesse momento difícil para Vanga, mas ficou em casa, para não gastar dinheiro.

Quando o vizinho, um senhor bem vestido, levou Vanga ao hospital, de fora podia parecer que um parente rico trouxera uma parente pobre e queria livrar-se dela o mais depressa possível. Foi exatamente essa a impressão que se formou no cirurgião, que no dia seguinte devia fazer a operação. Ao ver quanto dinheiro lhe dava o acompanhante, irritou-se com a avareza dele, chamou Vanga ao gabinete e disse-lhe: «Menina, amanhã opero-te, mas o teu pai enviou apenas metade do dinheiro necessário; por isso farei-te “metade” da operação. Quando trouxerem a soma necessária, opero-te como deve ser!»

Ao regressar a casa, Vanga começou a ver, embora muito debilmente. O médico disse-lhe que para a recuperação do organismo precisava de alimentação calórica, limpeza e tranquilidade. Evidentemente, estes conselhos ficaram como um bom desejo, a vida da família não mudou nada e decorria na miséria e nas privações. Em 1924 nasceu mais uma criança — um rapaz, a quem batizaram Tome, e Pande voltou a contratar-se como jornaleiro, para assegurar o sustento da família de cinco membros. A mulher, na medida das suas forças, trabalhava no campo, e Vanga cuidava dos pequenos e geria a casa.

As condições de vida duras depressa se fizeram sentir. De novo uma película cobriu os olhos dela, mas de uma nova operação nem podia haver fala, e em breve a rapariga ficou completamente cega. Desta vez para sempre.

O desespero era total. Noites inteiras Vanga chorava e implorava um milagre que a tornasse de novo vidente, mas o milagre não se apressava a realizar-se. Assim passaram vários meses, mas Vanga de modo nenhum conseguia conformar-se com a ideia de que era um peso para a família, não fazia nada e não sabia como ajudá-la, como encontrar uma saída para a situação.

Um dia disseram ao pai que na cidade de Zemun havia uma Casa dos Cegos e aconselharam-no a recorrer lá. Talvez a vida lá não fosse doce, mas a rapariga não passaria fome, porque nessa instituição cuidavam bem das crianças.

Em 1925 chegou da Casa dos Cegos a notícia de que podiam aceitar Vanga lá. Ao saber disso, Vanga de emoção não pregou olho a noite toda. Esperava-a um futuro desconhecido, e ninguém lhe podia dizer quanto tempo ficaria em Zemun. Talvez ficasse lá para sempre! Ao pensar que já não «veria» os seus entes queridos, o coração contraía-se-lhe de saudade, e lágrimas brotavam nos olhos.

Na manhã seguinte Vanga despedia-se da casa. Pequena e magrinha, extraordinariamente quieta, ela «observava» a manhã primaveril que chegava. «Observava», naturalmente, um conceito completamente condicional, mais exatamente dir-se-ia que escutava o dia que chegava. Agora percebia o mundo pelo ouvido. Os videntes nem imaginam quantos sons os rodeiam...

Aqui uma brisa leve penetra pela sebe viva, depois acaricia afetuosamente o pelargónio, o gerânio, o levkoj. Pela relva jovem correm patinhas de gato, e o sol baloiça-se no ramo mais alto da ameixeira. Depois o seu raio rasteja pelo rosto dela. Esta imagem grava-se na consciência de Vanga, e ela memoriza-a para toda a vida...

Na Casa dos Cegos em Zemun tudo era novo e interessante. À nova aluna vestiram logo o uniforme escolar — uma saia plissada castanha e uma

blusa com gola marinheira. Deram-lhe uns sapatos bege bonitos. Cortaram cuidadosamente o cabelo louro. Vanga ficou embaraçada e muito feliz. Depois, às escondidas dos outros, apalpou e alisou longamente as suas novidades e sentia-se como uma rainha, pois nunca antes tivera roupa tão bonita.

O regime na Casa era rigoroso. Até ao almoço havia aulas com os alunos; estudavam o alfabeto Braille, ensinavam-lhes várias disciplinas, formavam-nos na música... A nova pupila possuía um ouvido musical extraordinariamente desenvolvido e depressa aprendeu a tocar piano. Parecia que as teclas não apenas emitiam sons, mas contavam-lhe sobre a casa — sobre os campos verdes de Strumica, sobre o céu azul sobre Novo Selo, sobre o quintal semeado de levkojs e gerânios coloridos, sobre o alegre gorgolejar do rio Trakayna, sobre a infância, sobre os entes queridos e próximos, sobre a luz solar... Que pena que a aula de música não durasse o dia todo.

Depois começaram as aulas práticas. Ensinavam as raparigas a gerir a casa — tricotar, cozinhar, arrumar. Na essência, não era um trabalho muito complicado, mas para videntes. E às raparigas cegas era preciso aprender a «ver» com as mãos — adquirir sensibilidade e flexibilidade dos dedos. Vanga assimilava facilmente o material de estudo, e não havia professor que ficasse descontente com ela.

Inadvertidamente passaram três anos. Vanga fez dezoito anos. Sempre parecia muito asseada, e o rosto irradiava calma e serenidade. Havia algum tempo que o iluminava também uma certa alegria interior. Aqui, entre os pupilos do abrigo, havia também um rapaz — Dimitar, da aldeia de Gyoto, na região de Gevgelija — e Vanga sentia que bastava ouvir a voz dele para o coração começar a bater ansiosa e alegremente, e todo o seu ser como que era inundado por uma onda quente. O jovem também se sentia atraído pela voz dela, e ambos estavam no auge da felicidade quando conseguiam ficar a sós. Um dia ele confessou que a amava e propôs casar-se. Os pais dele eram pessoas abastadas e não tinham nada contra cuidar deles.

Dias inteiros Vanga imaginava como ficaria com o vestido de noiva — num longo vestido branco, sob o véu, delicado como um sopro de brisa. E não sentia o chão debaixo dos pés de tanta felicidade. A rapariga enviou uma carta ao pai e começou a esperar a bênção dele. Passaram-se dias de impaciente espera...

VIDA DIGNA DE ADMIRAÇÃO

Mas num dos dias de 1928, em vez da esperada bênção paterna, Vanga recebeu de Strumica uma notícia que a abalou até à morte. O pai escrevia-lhe para regressar imediatamente a casa para cuidar das crianças pequenas. Em 1926 Tanka dera à luz a terceira criança — uma rapariga, a quem chamaram Lyubka, e dois anos depois, durante o parto do quarto — morreu.

Assim Vanga se despediu do seu primeiro amor, da escola, do sonho de casamento e de uma sorte melhor. O regresso a casa foi difícil e atormentador, porque ela compreendia perfeitamente: os três anos passados na Casa dos Cegos de Zemun foram os melhores anos da sua vida e nunca mais se repetiriam.

A vida ulterior da rapariga cega foi marcada por uma pobreza esmagadora e sofrimentos, mas ao mesmo tempo nesse período manifestou-se a sua infinita resistência, que a ajudava a suportar todas as dificuldades.

Em casa Vanga encontrou uma miséria terrível. As crianças, pequenas de todo, estavam sujas, esfarrapadas e esgotadas pela subnutrição crónica. O irmão Vasil tinha 6 anos, Tome — 4, e à mais pequenina — Lyubka — apenas 2 anos. À cega Vanga cabia tornar-se mãe das crianças, dona da casa e guardiã do lar familiar. Assim que Vanga regressou a casa, o pai partiu de novo à procura de trabalho.

Nessa altura ocorreu o terramoto de Chirpan¹, que se sentiu bastante fortemente também na região de Strumica. Do forte abalo a velha casa de adobe desabou, e as crianças de Pande ficaram sem teto. Alguns dias após o terramoto o pai ergueu do lado oposto da rua uma pequena cabana de colmos de junco. Esta casinha esteve em Strumica até há pouco tempo. Consistia numa pequena divisão ligada a um corredor. Depois acrescentaram uma kitchenette, construíram nela uma lareira e aí cozinhavam o pão, evidentemente, quando conseguiam arranjar farinha.

Não havia grandes bens, por isso instalaram-se rapidamente no novo lugar. Vanga, com o seu sentido inato de ordem e limpeza, esforçou-se por dar ao alojamento um aspeto acolhedor. Num lugar visível pôs o baú colorido, que ficara do dote da segunda mulher de Pande, o chão de barro cobriu com esteiras, e num canto colocou a cama, para a qual Vanga tricotou de fios velhos uma colcha, «para ficar bonito». Em frente à casa fizeram um pequeno canteiro, plantando nos bordos várias flores.

Nesta casinha Vanga e Lyubka viveram longos anos na solidão, porque os irmãos, embora ainda fossem muito pequenos, partiram pelas aldeias à procura de trabalho e contratavam-se como jornaleiros ou pastorinhos, para arranjar meios de sustento para a família.

A cidade e as aldeias vizinhas depressa foram percorridas pelo rumor de que a rapariga cega era uma tricoteira hábil, e as mulheres começaram a trazer-lhe lã e a dar-lhe encomendas. Pelo trabalho, em vez de dinheiro, traziam pequenas coisas ou lã velha, com a qual Vanga tricoteava roupa para as crianças. Para si não sobrava tempo. E os habitantes da periferia, sabendo da miséria sem saída da família, davam-lhe roupa usada das vizinhas falecidas.

Vanga começou também a dedicar-se à tecelagem. Ensinou Lyubka a atar os fios rompidos, e a irmãzinha até alta noite ouvia o tiquetaque do tear e o tilintar das agulhas metálicas com que Vanga trabalhava. Quando a irmãzinha adormecia, Vanga dava livre curso às lágrimas. De dia aguentava-se, para não assustar Lyubka e não dar às pessoas motivo para a lastimarem, mas à noite as lágrimas eram o único meio de aliviar os sofrimentos dela.

De manhã as irmãs levantavam-se muito cedo: Vanga não gostava de estar sem fazer nada e não permitia preguiça a quem a rodeava. Queria que tudo à volta brilhasse de limpeza. Todos os dias da semana estavam rigorosamente subordinados a uma certa rotina: à segunda-feira as irmãs ocupavam-se da lavagem, à terça varriam à volta da casa, à quarta remendavam a roupa. O remendo era geralmente feito por Lyubka. Embora ainda fosse pequena, Vanga ensinara-a a gerir a casa e era muito exigente com a irmãzinha: apalpava as costuras, e, se encontrava um defeito, desfazia o remendo e obrigava Lyubka a refazê-lo de novo. Não raro a irmã se desfazia em lágrimas: a roupa rota era muita, e não lhe sobrava tempo para brincar com as outras crianças. Mas Vanga era implacável, afirmando que tudo era preciso fazer como deve ser.

À quinta-feira amassavam a massa para o pão. À sexta iam para fora da cidade cavar argila vermelha, com a qual rebocavam a casinha por dentro, e por fora cingiam-na com um rodapé vermelho — para ficar bonito. Ao sábado iam buscar urtigas ou quenopódio, com que cozinhavam uma sopa. Ao domingo iam à igreja, e após o almoço vinham as mulheres das aldeias vizinhas buscar as coisas tricotadas. No quintal delas reuniam-se também as vizinhas para conversar. Vanga era muito comunicativa, possuía um sentido de humor apurado, e todos gostavam de falar com ela.

Na região de Strumica existe um costume interessante. À noite, no Dia de São Jorge¹, as raparigas solteiras deitavam num grande cântaro diferentes objetos, para conhecer o seu destino. O cântaro era geralmente deixado no quintal de Vanga, debaixo de um velho arbusto de roseira-brava frondoso, semeado de flores vermelho-escuras. Muito frequentemente, talvez por pena de Vanga, escolhiam-na como oráculo, e na manhã seguinte ela tirava do cântaro os objetos lá colocados e previa o destino de cada uma das raparigas. O mais interessante é que tudo o que ela previa se cumpria com precisão espantosa. Mas nessa altura a ninguém ocorria que Vanga possuía o dom da vidência.

Noutro feriado, o Dia dos Quarenta Santos Mártires, as raparigas barravam o rio com ramos, fazendo com eles uma «ponte» simbólica, acreditando que à noite sonhariam com o seu noivo a passar pela ponte. No entanto, no dia seguinte ninguém conseguia surpreender Vanga, pois era ela própria que contava o que lhes sonhara. As coincidências eram demasiado estranhas, mas ninguém tentava explicar este fenómeno.

E no entanto o ambiente festivo e alegre reinava em casa raramente. Vanga não se permitia relaxar, porque a necessidade seguia-os de perto, e ela tinha de trabalhar sem descanso. Muito frequentemente as irmãs passavam fome. Alimentavam-se principalmente de couve brava, pão de milho ou iogurte muito diluído em água. Mas muitas vezes nem esta comida escassa havia. Uma vez informaram o pai de que a farinha acabara, e não tinham onde arranjá-la. O dinheiro em casa aparecia extremamente raramente, e Vanga guardava-o para um «dia negro». O pai foi ter com o seu amigo, um camponês abastado, e pediu-lhe emprestada um pouco de farinha. Esse respondeu que tinha um saquinho de farinha guardado, mas só se dispunha a desfazer-se dele a dinheiro.

O pai pegou no saquinho e pediu a um comerciante itinerante que o levasse aos filhos em Strumica. Que alegria chegou à casa! Vanga logo amassou a massa, cozinhou o pão e, sem esperar que arrefecesse, as irmãs atiraram-se a ele. Mas não passou uma hora, e começaram a sentir-se mal, tudo rodava perante os olhos, abriu-se o vômito. Os vizinhos assustados mandaram alguém à aldeia vizinha buscar o pai, Pande correu para casa, pegou no saquinho e viu que o «amigo» lhe vendera não farinha, mas erva moída, que os locais chamavam «piyavets» — uma erva daninha do campo, muito venenosa.

¹ Chirpan — pequena cidade no sul da Bulgária.

¹ Dia de São Jorge — 6 de maio (novo estilo).

Na periferia da cidade, perto do rio Trakayna, o pai plantou seis cerejeiras. Quando as cerejas amadureciam, o pai vendia-as a comerciantes itinerantes. As crianças aguardavam ansiosamente esse dia, porque o pai prometera que lhes compraria certamente prendas com o dinheiro das cerejas. No entanto, o dinheiro era tão pouco que o cumprimento da promessa era adiado para o ano seguinte.

Uma vez plantaram o seu talhão com tabaco. Houve muito trabalho, e quando o pai o vendeu ao Monopólio do Tabaco, pagaram-lhe uma miséria. O dinheiro chegou apenas para comprar um cântaro de boza¹.

Em 1934, Lyubka entrou para a escola. Era a aluna mais capaz, mas ao mesmo tempo a mais pobre. Vanga alegrava-se muito com o gosto da irmãzinha pelo conhecimento, porque já lhe coubera experimentar a alegria do

estudo, embora breve, na Casa dos Cegos, e sabia que riqueza era essa. Apesar de Vanga manter as crianças em rigor e elas obedecerem-lhe incondicionalmente, não conseguiu convencer os irmãos a irem estudar. Honestamente, essa possibilidade nem existia, pois trabalhavam como jornaleiros, mas mesmo quando sobrava tempo livre, os irmãos não queriam ir à escola. Vasil chegou a declarar diretamente que não estudaria de todo.

Em Strumica foi criado um Clube de Esperantistas, frequentado por quase todas as crianças pobres. Vasil e Tome também se inscreveram nesse Clube e começaram a ir lá regularmente, supostamente para estudar esperanto. Muitas vezes obrigavam Lyubka a distribuir pela cidade certos livros e entregá-los a diferentes pessoas. Depois veio a saber-se que sob a placa do estabelecimento para esperantistas se escondia um clube comunista, e a juventude estudava não tanto a língua, como a literatura marxista.

Ambos os filhos do antigo chetnik Pande abriram naturalmente o caminho para a escola, na qual conheciam a verdadeira verdade da vida. A isso os impeliu não só o sangue do pai e as convicções paternas, mas também o exemplo da vida dele.

Mas tudo isso aconteceu mais tarde. Voltemos agora a 1934. A família continuava a passar necessidades, a suportar privações e a ser submetida a humilhações constantes.

Apesar de a Vanga caber o pior de tudo, era também a pessoa mais resistente, a mais sensata da família. Nem por um segundo se permitia desanimar perante as crianças ou queixar-se do destino aos vizinhos. Era o apoio não só para os irmãos e a irmãzinha, mas também para o pai, que as preocupações constantes com o pão de cada dia consumiam, e muitas vezes caía em desespero. Vanga animava-o, declarando que também para eles chegariam certamente dias luminosos.

O pai, que não conseguia fazer face às despesas, sonhava tornar-se caçador de tesouros e encontrar muito dinheiro. Uma vez Vanga disse-lhe que sabia onde estava enterrado um tesouro e descreveu-lhe o lugar onde podia encontrar moedas antigas. O tesouro repousava numa localidade não muito perto de Strumica. Outrora ali havia uma aldeia, agora abandonada, e perto dela corria um rio. Entre o rio e o bosque encontrava-se uma rocha, e era debaixo dela que estava enterrado o tesouro.

O pai espantado recebeu as palavras de Vanga com desconfiança e começou a troçar, mas depois pensou e lembrou-se de que tal lugar realmente existia. A aldeia chamava-se Rayantsi. Os habitantes abandonaram-na quando ali deflagrou a peste. E o rio chamava-se Rayanska. Sim, havia lá bosque e rocha. O pai perguntou a Vanga de onde sabia tudo isso, e ela respondeu que, enfim, lhe aparecera em sonho. Um dia o pai propôs irem a Rayantsi ver se Vanga lhes dissera a verdade. Até à aldeia foram a pé, mas Lyubka lembra-se

de que Vanga se deslocava na localidade de Rayantsi com muita segurança, como se já lá tivesse estado muitas vezes, e tudo era como ela descrevera. O pai disse que um dia se organizaria e viria ali escavar debaixo da rocha, mas pouco depois caiu e partiu o braço. Assim não lhes foi dado enriquecer. Mais tarde, nessa localidade construíram uma barragem, e se ali estava mesmo enterrado um tesouro, ficou para sempre debaixo de água.

Passado algum tempo após esse caso, desapareceu uma ovelha do rebanho que o pai apascentava. O pai regressou a casa muito abatido: não tinha dinheiro para pagar a perda, e estava certo de que o dono o despediria. Mas Vanga disse: «Não te aflijas, a ovelha perdida está com Atanas de Monospitovo». O pai espantou-se, pois não conhecia esse homem, e muito menos o podia conhecer Vanga, que quase não saía de casa, e além disso não tinha conhecidos dessa aldeia. Espantado e preocupado, o pai perguntou de onde sabia isso, e a filha voltou a referir que vira em sonho. E dali em diante muitos dos sonhos dela revelaram-se proféticos. Provavelmente foi nessa altura que nela se manifestaram os primórdios da clarividência.

O pai foi à aldeia indicada por ela, encontrou o homem de que precisava e recuperou dele a ovelha, que considerava irremediavelmente perdida.

Na véspera do Ano Novo, na administração comunal elaboravam-se listas dos habitantes mais pobres de Strumica, aos quais eram atribuídas pequenas ajudas. Lyubka e Vanga, uma semana antes da data marcada, esperavam em frente ao edifício da comuna essa esmola. Os funcionários que circulavam no edifício olhavam com pena para as irmãs, porque os pés de Vanga, que estava descalça no chão de cimento, incharam e avermelharam do frio. E Lyubka calçava tamancos de madeira diretamente na pele nua.

«Já que não têm calçado decente, era melhor ficarem em casa ao quente!» — dizia às órfãs geladas a tia delas.

Mas também em casa raramente havia calor. Às vezes as irmãs iam à periferia da cidade, à localidade de Chamchiflik, e ali apanhavam pinhas. Mas esse combustível durava pouco, na divisão fazia frio, porque a casinha de colmos de junco era varrida pelo vento de todos os lados.

Apesar disso, Vanga não se queixava da saúde até 1939. Nesse ano adoeceu com pleurisia. E durante quase oito meses a vida dela esteve por um fio. A doença secou-a tanto que, nos dias de bom tempo, Lyubka deitava a irmã numa gamela e levava-a para o quintal, como uma criança. Quando a situação se tornou crítica de todo, chamaram a médica da estação antimalária. Essa inspecionou o quarto com ar de repugnância e pediu a Lyubka que descobrisse a doente. Devido à longa imobilidade, o corpo de Vanga estava coberto de escaras, a pele nas feridas rasgara-se. A médica mandou o sanitário à estação buscar pó e solução desinfetante, chamou Lyubka ao quintal e disse-lhe que a irmã não duraria muito.

Esta notícia correu instantaneamente todo o bairro, e os vizinhos chamaram o padre para dar a comunhão à moribunda. E no dia seguinte, quando os trabalhadores do Monopólio do Tabaco recebiam os salários miseráveis, um deles colocou-se à porta com o boné na mão e começou a pedir dinheiro para o funeral da pobre rapariga.

Dois dias após estes acontecimentos, Lyubka foi buscar água à fonte, que ficava bastante longe de casa, e ao regressar abriu o portão e de espanto deixou cair o cântaro das mãos. Vanga, cuja morte esperavam a qualquer momento, varria ativamente o quintal. Como se não fosse ela que há pouco estava no «leito de morte». Apenas estava mais pálida do que o habitual, mas os movimentos das mãos eram seguros e fortes, como se perante Lyubka estivesse uma pessoa completamente saudável. Ao ouvir a voz da irmã, disse: «Ajuda-me. É preciso varrer tudo limpo, porque em breve virá aqui muita gente».

O ano de 1939 passou sob o signo de novas inquietações, ligadas à campanha eleitoral. O governo de então conduzia uma política reacionária, dirigida ao rapprochement com a Alemanha hitleriana. Isso provocou o protesto do povo e uma onda de manifestações e greves. Começaram prisões em massa.

Foi preso também o pai de Vanga, que num lugar público declarara que a política do governo era funesta para o povo. E de novo na esquadra sofreu torturas. Nessa altura tinha 53 anos, mas quando regressou a casa parecia um velho profundo, porque na esquadra o espancaram até meio morto. As feridas sanguinolentas untavam com várias pomadas e cobriam com peles de animais recém-esfoladas. Mal se pondo de pé, Pande partiu de novo pelas aldeias à procura de trabalho.

No início de 1940, Lyubka adoeceu com meningite. Levaram a rapariga ao hospital da cidade de Shtip, mas lá recusaram aceitá-la: não havia lugares. No entanto, o médico de serviço, ao saber da incrível pobreza da família, ordenou que deitassem a rapariga no corredor. Duas semanas Lyubka esteve entre a vida e a morte, mas visivelmente estava-lhe escrito no destino sobreviver. E trataram-na com fome. Quando Lyubka regressou a Strumica, viu que Vanga se transformara em ossos vivos. Enquanto Lyubka não estava, ninguém atravessara o limiar da casa delas, ninguém se lembrara de levar à rapariga cega nem água. Mas Vanga suportava. Passava dias inteiros sem comida nem água, mas a ninguém se queixou. Vanga alegrou-se muito com o facto de a irmãzinha ter regressado viva e saudável.

Após a grave doença, Lyubka ficou anémica, e um médico militar que a examinou disse que a rapariga se curaria se se alimentasse bem. Olhando para as irmãs esfarrapadas, acrescentou que à mais nova era necessário beber todos os dias meio litro de leite de ovelha.

Então o pai decidiu contratar-se como pastor na aldeia de Hamzali e, na exploração BATA — empresa que produzia calçado —, e levou consigo as filhas. Realmente, leite lá havia muito, e em breve Lyubka recuperou. Todos os dias as irmãs iam buscar água ao poço, que ficava bastante longe da aldeia, no campo. Enquanto Lyubka enchia os recipientes, Vanga sentava-se numa pedra e ficava longo tempo calada, indiferente a tudo. Sentava-se imóvel, como surda, e não reagia mesmo quando Lyubka exclamava: «Vamos, já enchi a água!» Num desses passeios para buscar água, Vanga estava especialmente estranha, Lyubka até chorou.

Petrificada de medo, ficou longo tempo junto à irmã imóvel, quando de repente Vanga, como que sacudindo de si o torpor, pronunciou: «Não tenhas medo, não há nada de terrível, simplesmente falei com uma pessoa. Era um cavaleiro, veio ao poço dar de beber ao cavalo. Disse-lhe para não se zangar contigo, tu não lhe cedas o lugar porque não o vês. O cavaleiro disse-me: “Vês esta erva com florzinhas brancas pequenas, que cresce perto do poço? É a “erva estrelada”, ajuda no tratamento de muitas doenças”».

Lyubka olhou à volta e só então reparou numa erva realmente muito interessante, que cobria densamente a terra. Num caule fininho sem folhas brilhavam florzinhas brancas pequenas, que lembravam estrelinhas. Lyubka até hoje não sabe como se chama esta planta, porque em nenhum outro lugar a encontrou, e os locais também nada sabiam de uma ervinha com tal nome. Mas então, ao ouvir o que a irmã disse, assustou-se mais do que antes, porque em todo o campo limpo, além delas as duas, não havia ninguém, donde poderia aparecer aqui um cavaleiro?

Que gente é essa com quem Vanga de tempos a tempos fala? Afinal, Lyubka nunca os viu...

Provavelmente estava predestinado que o ano de 40 fosse um ano negro para a família. Aproximava-se o verão. O pai, estando em Strumica, caiu e partiu o braço. No lugar da fratura abriu-se uma ferida profunda. Em breve supurou, deram-se a conhecer também as velhas feridas, infligidas durante os espancamentos na administração e nas esquadras policiais. A infeção espalhou-se por todo o corpo, começou a gangrena. Todo o verão as irmãs cuidaram do pai. Num certo momento Pande melhorou, surgiu uma tímida esperança de recuperação, e todos pensavam que o pai conseguiria safar-se, mas à noite Lyubka ouvia Vanga desfazer-se em lágrimas amargas, e pensava que a irmã chorava a sua amarga sorte, pois sabia que o pai em breve morreria e elas ficariam órfãs de todo.

Em setembro o pai piorou de todo. Chegaram também os irmãos, para se revezarem junto ao pai. Pela primeira vez em tantos anos toda a família se reuniu, no entanto continuavam a atormentá-los a fome. De manhã os irmãos iam aos mercados — procurar trabalho. Vasil ficava junto ao edifício da

administração comunal, a ver se alguém o contratava como carregador, e Tome passava dias inteiros a lavar estômagos na matança, na esperança de que à noite lhe dessem um pedacinho de carne e pudesse levá-lo para casa. Mas muitas vezes os irmãos tinham de regressar de mãos vazias.

Uma vez, quando em casa não restava uma migalha de pão, o pai lembrou-se do seu amigo abastado Hristo Tudjarov e mandou Tome e Lyubka ter com ele, para que lhes desse emprestado um pouco de dinheiro. «Dinheiro assim não se dá — respondeu o “amigo” do pai —, amanhã vão ao campo e apanhem o algodão que sobrou. Por isso dou-vos dinheiro».

Na manhã seguinte as crianças de Pande saíram para o campo e passaram o dia a apanhar algodão. Era outubro. Soprava um vento forte e cortante, que gelava até aos ossos. Como se quisesse expulsar as crianças do campo, onde já não havia mais ninguém. As mãos delas ficaram azuis e gretadas do frio. À noite foram ter com o dono e estenderam-lhe um saquinho cheio, e esse atirou aos pés de Tome duas levas e disse que Lyubka era demasiado pequena e não lhe cabia dinheiro nenhum, e depois empurrou-os e bateu com a porta, pois no ar começaram a rodopiar flocos de neve.

Ao regressar a casa, as crianças choravam de dor e ofensa, as lágrimas caíam no pedacinho de zapekanka que compraram com o dinheiro ganho para o pai doente.

No início de novembro o pai sentiu o fim próximo, reuniu as crianças e disse: «Filhos, eu morro, vocês ficam sozinhos. Sejam honestos, trabalhadores e em tudo obedeçam a Vanga. Agora ela será o vosso apoio!»

Em novembro de 1940, com 54 anos, Pande desceu à sepultura. O corpo do falecido, lavado e vestido com roupa nova, jazia numa esteira diretamente no chão. O pope não veio cantar o ofício fúnebre, e as crianças não sabiam como enterrar o pai, porque não tinham dinheiro.

O dia todo e a noite toda as crianças passaram a sós com o corpo do pai morto.

No dia seguinte o vizinho delas, que servia de sacristão na igreja católica, contou ao padre a tragédia dos infelizes órfãos, e esse ordenou que enterrassem Pande gratuitamente no cemitério católico.

Após o funeral, o padre, compadecendo-se das crianças órfãs, deu-lhes um pouco de dinheiro do tesouro da igreja, para que comprassem pão.

¹ Boza — bebida de malte de milho painço ou cevada.

Arrastaram-se dias pesados, e apenas a paciência ilimitada de Vanga, a sua coragem e resistência ajudavam os outros a não caírem em desespero total. Apesar de a ela caber o mais difícil de tudo, dava-lhes o exemplo de

como lutar contra as dificuldades, não se render e acreditar que também na rua deles haveria festa.

Pouco depois do funeral do pai, os irmãos partiram de novo pelas aldeias à procura de trabalho.

Vanga e Lyubka ficaram por longo tempo sozinhas.

Uma terrível tempestade reunia-se sobre o mundo. As pessoas começaram a falar de uma nova guerra. Do mercado começaram a desaparecer os bens de primeira necessidade. Os ricos compravam enormes reservas de provisões. Os vizinhos reuniam-se no quintal de Vanga e conversavam até alta noite, as suas vozes ansiosas ecoavam na rua silenciosa. Vanga repetia muitas vezes que todos deviam juntar dinheiro e fazer um sacrifício aos deuses, para proteger a cidade da destruição, pois dentro de um ano explodiria a guerra. As vizinhas não ligavam muito às suas palavras, pois consideravam que eram inspiradas pela ansiedade e inquietação gerais. Vanga dizia-lhes que todos esses acontecimentos futuros vira em sonho, mas ninguém acreditava nela. Os sonhos não eram para elas um argumento, e ninguém tencionava dar-lhes alguma importância.

Assim, cheio de inquietações e incertezas, passou todo o ano de 1940. E no início de 1941...

«Era alto, louro e divinamente belo. Como um guerreiro antigo, vestia armadura que brilhava ao luar. O cavalo branco escavava a terra com a pata. O cavaleiro parou ao limiar da casa de Vanga e entrou na pequena divisão. Dele emanava tal resplendor que dentro ficou claro como de dia. Virou-se para Vanga e falou com voz grave: “Em breve tudo no mundo se misturará, e os rastos de muitas pessoas perder-se-ão. Tu ficarás sentada aqui e preverás sobre mortos e vivos. Não tenhas medo! Eu estarei junto a ti e direi-te o que transmitir!”»

Lyubka estremeceu porque Vanga a acordara. Sentando-se na cama, viu que a irmã tremia toda. Depois perguntou: «Lyubasha, não viste o cavaleiro a sair do quintal?»

«Que cavaleiro ainda? — espantou-se a irmã. — É tarde. Provavelmente sonhaste.»

«Não sei, talvez tenha dormido, mas o sonho foi muito estranho. Ouve...»

A inquietação de Vanga transmitiu-se também a Lyubka, e até de manhã nenhuma das duas pregou olho.

A 6 de abril de 1941, em exata conformidade com o que Vanga previra, as tropas alemãs atravessaram a fronteira jugoslava. Na manhã desse mesmo dia, todos os habitantes abandonaram as casas e esconderam-se em bunkers ou no bosque perto da cidade. Só Vanga e Lyubka ficaram em casa. De

repente os vidros das janelas estremeceram, ouviu-se o estrondo de máquinas pesadas. Após o meio-dia, as irmãs ouviram fala estrangeira e o pisar de botas — os alemães iam de casa em casa recolher ovos e galinhas. De um pontapé grosseiro abriu-se também a porta delas. As irmãs apertaram-se uma contra a outra, mudas de medo. O soldado olhou para elas, lançou um olhar de desprezo ao miserável interior da casa, vasculhou o quintal e foi-se embora. Nesta casa não havia nada para levar.

Um ou dois dias depois começaram a regressar a casa os vizinhos. Saíram-se com um susto leve, além de ovos e galinhas os alemães nada tocaram. Os vizinhos foram logo ao quintal de Vanga ver as irmãs, mas pararam timidamente ao limiar da casa, não ousando entrar. Os que chegaram depois reuniam-se no quintal. Uma mudança extraordinária ocorrera com Vanga: tornara-se simplesmente irreconhecível. Eis como a recordam as testemunhas...

«Na pequena divisão, num canto debaixo da lamparina acesa, sentava-se Vanga e profetizava com voz grave, poderosa, decidida. Estava incrivelmente magra, mas parecia alada e muito excitada. O vestido desbotado das lavagens, remodelado várias vezes, pendia nela, mas mesmo assim não conseguia esconder a enorme tensão que prendia o corpo. Dos olhos cegos emanava vazio, mas o rosto dela estava tão espiritualizado que parecia irradiar luz. E Vanga profetizava e profetizava... A voz dela nomeava com precisão espantosa localidades e acontecimentos, nomes de homens mobilizados que regressariam vivos, ou daqueles a quem atingiria a desgraça...»

«Isso durou muitos dias, ela quase não dormiu durante um ano. O aspeto de Vanga era tão impressionante que as pessoas sentiam desejo de se ajoelharem perante ela. Os homens a quem previra o regresso realmente regressaram no prazo indicado por ela».

A fama de Vanga como vidente espalhou-se instantaneamente por toda a cidade, e no quintal das irmãs começaram a reunir-se multidões de pessoas.

Eis o primeiro caso da sua vidência.

A mulher do vizinho Milan Partenov sentava-se no quintal de Vanga e lamentava que não houvesse notícias do marido. Chorava os quatro filhos, considerando que ficaram órfãos. De repente Vanga disse-lhe: «Não chores, mas vai depressa para casa e prepara o jantar, porque Milan chega esta noite só de roupa interior. Vejo-o. Agora está escondido num barranco, não longe da cidade».

A mulher pensou que Vanga lhe dizia isso para a consolar, mas mesmo assim obedeceu e foi para casa. Preparou o jantar e esperou até à meia-noite, mas o marido não chegava. Zanguada consigo mesma por ter acreditado em Vanga, a mulher deitou-se. Mas passado algum tempo levantou-se de um

salto, porque alguém batera levemente na janela. Espreitou para fora e quase desmaiou. No quintal estava o seu Milan, realmente só de roupa interior. Como se veio a saber, fugira do cativeiro, escondendo-se longo tempo, até chegar a casa. A mulher abalada correu à casa de Vanga, começou a bater à porta e a gritar: «Vanga, o Milan chegou!»

Ainda no início da guerra, Vanga disse à mãe de Hristo Pyrchanov que o filho estava vivo, mas regressaria tarde. A noiva dele, Pavlina, não acreditou nesta previsão vaga e casou com outro. Um ano depois Hristo regressou vivo e são e a primeira pessoa com quem se encontrou na cidade foi a antiga noiva, que à vista dele desmaiou. As crianças correram a casa da mãe do soldado para lhe dar a notícia alegre, mas o coração materno não aguentou tanta felicidade e rebentou.

Estes dois casos foram amplamente comentados não só na cidade, mas também nas aldeias vizinhas. Para a casa de Vanga fluíu um rio humano. Cada um queria saber algo sobre o destino dos seus entes queridos. Vanga a ninguém recusava. Passava algum tempo, e o que Vanga dissesse cumpria-se...

Vanga ajudava todos, com que problemas quer que a procurassem. Em breve tornou-se famosa também como curadora hábil de várias doenças, recomendando como principal meio ervas. Isso era normal, pois ao longo de muitos milénios o homem usara ervas curativas para tratar doenças. Interessante, no entanto, é que com os seus «receituários» Vanga deixava perplexos até os ervanários experientes, pois recomendava os meios mais simples ou as ervas mais simples, que, na opinião deles, não possuíam as propriedades que Vanga lhes atribuía. Ou então propunha combinações invulgares de ervas, no entanto os seus remédios sempre surtiam um efeito rápido e eficaz.

Assim, por exemplo, curou uma mulher doente mental, aconselhando os familiares a colherem a erva que crescia nas águas do riacho próximo e a regarem várias vezes a doente com a infusão dessa planta. E a mulher acalmou-se. Agora tem cerca de 80 anos, está saudável, não tem alma nos netos.

Vanga indicava aos camponeses que a visitavam onde procurar o gado perdido. E eles sempre o encontravam. E uma vez desmascarou um vigarista que roubara um leitão a uma viúva pobre, e em voz alta descreveu como ele o fizera. O ladrão envergonhado fugiu, e na manhã seguinte a viúva encontrou o leitão à porta da casa dela.

Todos estes casos eram transmitidos de boca em boca, as pessoas começaram a tratar Vanga com reverência temerosa. Gozava do respeito dos habitantes de toda a região, que a procuravam pelos mais diversos motivos, e ela ajudava todos. Resolvia com facilidade até litígios intrincados de muitos anos.

Assim nasceu gradualmente a lenda de Vanga. Alguns temiam as capacidades proféticas de Vanga e acusavam-na de feitiçaria e bruxaria. Outros, que recebiam com entusiasmo as suas visões, exageravam o que ela dizia, atribuindo-lhe «milagres bíblicos». Mas todos estes casos diziam uma coisa: Vanga gozava do reconhecimento das pessoas comuns, porque elas sentiam nela uma protetora e apoio. Na essência, respeitam-na infinitamente até hoje. Convidam-na incessantemente para ser madrinha de recém-nascidos ou comadre em incontáveis casamentos na região de Petrich. Chamam-na também para festas familiares. As pessoas consideram que se Vanga aceitar o convite e honrar com a sua presença, na casa reinarão amor e prosperidade.

«Em abril de 1942 — conta Lyubka —, veio ter connosco a nossa antiga amiga avó Tina e disse a Vanga que em breve a visitaria um hóspede muito importante. Não nos explicou que hóspede era esse, apenas notou que em 1918 ele ficara hospedado em casa dela. Depois a avó Tina saiu e em breve regressou com um homem de estatura média, de olhos cinzentos, bigodudo e calvo, vestido com um casaco cinzento e calças de golfe. Perguntou a Vanga se podia dedicar-lhe um pouco de tempo. Perguntei à avó Tina quem era esse homem, e ela sussurrou-me que era o rei búlgaro Boris III. Fiquei espantada, pois nem me passara pela cabeça que à nossa choupana miserável pudesse vir o próprio rei. E Vanga sentou-se como habitualmente no canto e, antes que lhe perguntassem algo, falou com voz muito severa: “O teu reino cresce, espalhaste-te amplamente, mas prepara-te para voltar a caber numa casca de noz”. E repetiu: “Prepara-te!” Depois acrescentou: “Memoriza a data — 28 de agosto!”»

O rei não perguntou nada e retirou-se muito embaraçado. Morreu a 28 de agosto de 1943.

Após a morte dele, vieram a nossa casa em Strumica três mulheres da Bulgária. Trouxe-as uma habitante de Petrich. As damas chegadas declararam que eram parentes dos regentes e pediram a Vanga que dissesse o que seria da família real, e ela respondeu-lhes: «Quando regressarem, enfeitem o leito real com um laço vermelho-escuro. Peguem num vaso com uma flor e venham de novo ter comigo, mas apressem-se!» «Não pode ser — objetou uma das mulheres — esse laço branco ou cor-de-rosa?» — «Não — acrescentou Vanga —, só vermelho!» Claramente descontentes, as mulheres partiram e nunca mais apareceram. Mas todos sabemos que a 9 de setembro sobre o palácio ondearam bandeiras vermelhas da vitória da revolução popular.

TODOS TÊM DIREITO

À FELICIDADE

Em 1942 a fronteira com a Bulgária foi aberta, e para Vanga começaram a afluir pessoas de Petrich, das aldeias vizinhas e de lugares mais distantes. Todos queriam ouvir da boca dela previsões sobre si e as suas famílias, sobre o futuro. Vinham ter com ela muitos doentes, pois acreditavam que só Vanga lhes podia conceder a cura.

Uma vez vieram ter com ela soldados do 14.º regimento de intendência. Entre eles estava um rapaz moreno, de 23 anos — Dimitar Gushterov, da aldeia de Krynjilitsa, na região de Petrich, que queria necessariamente falar com Vanga a sós, pois a ansiedade consumia o seu coração e ele estava em completa confusão. Não longe da aldeia de Sklave, bandidos mataram o irmão dele, comprador de porcos, e roubaram-no. Ficaram três crianças órfãs e a mulher doente de tuberculose.

Vanga saiu ao limiar da casa dela e de repente chamou esse jovem pelo nome, e depois disse: «Sei por que vieste. Queres que eu nomeie os assassinos do teu irmão, talvez o diga, mas não agora. Tens de me prometer que não te vingarás, pois isso nem é preciso. Viverás até ao dia em que com os teus próprios olhos verás o fim deles».

Vanga a ninguém permitia vingar-se. Está absolutamente convencida de que o homem nasceu só para realizações boas e deve aspirar a elas, pois nenhum ato vil fica impune. É punido da forma mais cruel, e mesmo se a punição não atinge o autor, atinge os descendentes dele. Perguntei muitas vezes a Vanga por que acontece assim, e ela sempre respondia: «Para doer ainda mais!»

Lembro-me de um caso assim. Muitos anos atrás veio ter com Vanga um homem de uma aldeia perto da cidade de Sandanski. Morreram-lhe 12 filhos. A décima terceira criança viveu 12 anos, mas também morreu. Os médicos consideravam que a mãe ainda no útero infetava os filhos com tuberculose, por isso não viviam muito. Vanga deu outra explicação. Quando esse homem ainda era jovem, a mãe dele, mulher de idade avançada, engravidou. Quando a sua condição se tornou visível, esse homem envergonhou-se da própria mãe, pois considerou o que lhe acontecera uma vergonha.

Um dia enfureceu-se tanto que espancou cruelmente a mãe. Em breve ela morreu, e morreu também o fruto no ventre dela. Isso fora há muito tempo, o visitante de Vanga esquecera o seu ato vil e veio perguntar a Vanga em que estava a causa da sua desgraça e por que a natureza o privava de descendência. Então Vanga recordou-lhe o seu ato ignóbil e descreveu tudo o que acontecera com os mínimos pormenores, como se tivesse estado presente, e depois disse severamente: «Deves saber que a causa da tua

desgraça está em ti mesmo, e não na tua mulher». E de novo, pela enésima vez repetiu: «É preciso ser bom, para depois não sofrer!»

Mas voltemos ao encontro dela com o soldado... Então em Strumica, em 1942, Dimitar Gushterov ficou tão atordoado com o que ouvira que nem se lembrava de como saíra da casa dela. Não conseguia explicar de onde Vanga sabia tanto o nome dele como a dor do seu coração. Depois veio ainda várias vezes ter com Vanga, e conversavam longamente sobre algo na pequena divisão.

A 20 de abril Vanga disse à irmã que esse jovem queria casar com ela, e por isso em breve ambas se mudariam para Petrich.

Nessa altura os irmãos não estavam em casa. Vasil prestava serviço militar em Dupnitsa¹, e Tome fora levado para trabalhos na Alemanha.

A 22 de abril uma carroça pintada parou em frente à casa de Vanga, e dela desceu, elegante e emocionado, o futuro marido de Vanga. Ele cobrira o fundo da carroça com feno aromático, sobre o qual estendera tapetes tecidos em casa de cores vivas, para que as irmãs se sentissem confortáveis na viagem. A notícia correu todo o bairro, de todos os lados acorreram vizinhos, parentes e conhecidos — para se despedirem dela. Alguns diziam que Vanga fazia mal ao abandonar a terra natal, mas ela não os ouvia, pois separava-se de recordações dolorosas, da miséria e do pesado destino de órfã.

Na essência, também o futuro era incerto, mas os que partiam esperavam que no novo lugar tudo se arranjasse.

O enxoval da noiva era simbólico — Vanga passou ao ombro um xaile vermelho de lã tricotado por ela própria, pegou num tacho de cobre e numa panelinha como memória da casa paterna — e assim acabaram os breves preparativos.

Na porta penduraram um cadeado enferrujado, e ninguém podia dizer com certeza se alguma vez o abririam...

A carroça pôs-se a caminho pela estrada irregular que levava a Petrich, e os três futuros entes próximos permaneciam num silêncio triste, provocado pela separação de Strumica. Na mesma noite chegaram a Petrich, à rua Opolchenska, 10. A carroça parou em frente a uma casa térrea, que outrora claramente servira de armazém. O beiral pendente parecia prestes a desabar a qualquer momento sobre as cabeças dos chegados. E em frente à casa estendia-se um grande quintal abandonado.

Das janelas das casas vizinhas seguiam-nos olhos curiosos, porque o rumor sobre Vanga vidente já se espalhara pela cidade há muito, e os habitantes de Petrich examinavam-na da cabeça aos pés, expressando em voz

alta dúvidas quanto ao facto de uma mulher cega poder realizar os trabalhos domésticos e gerir a casa. Mas Vanga não prestava atenção às palavras deles.

Os chegados entraram num corredor escuro, longo e sujo. De ambos os lados havia uma divisão, uma delas tornou-se mais tarde o quarto dos recém-casados, e na outra Vanga recebia os numerosos visitantes. «Atrás havia ainda uma divisão — recorda Lyubka —, que servia de cozinha, quarto e, em geral, era o espaço para as necessidades de todos os da casa.

Nela estava um catre feito de tábuas grosseiras colocadas sobre quatro latas de querosene em vez de pernas. Não havia colchão, as almofadas eram sacos de lã cheios de folhas de milho. Nesse catre dormia a mãe de Dimitar, a avó Magdalena, que nessa altura tinha cerca de setenta anos, os três filhos do filho assassinado e dois filhos de outros filhos. Estava tudo sujo, abandonado, o mobiliário miserável completava a impressão opressiva.»

Aconteceu que Vanga se separou de uma vida miserável, cheia de privações incessantes, para a substituir por outra — não menos miserável e difícil.

A 10 de maio de 1942 Vanga casou-se com Dimitar e assumiu os seus direitos de dona da casa. À jovem nora as coisas não lhe corriam bem. A avó Magdalena, com a franqueza própria das pessoas simples, não escondia a decepção com a escolha do filho e recebeu os jovens diretamente ao limiar com as palavras: «Eh, filho, era esse o destino que te estava reservado?» Visivelmente, esperava que o filho trouxesse uma moça camponesa robusta, que assumisse os cuidados da casa e da família sobrecarregada por uma pesada desgraça e doenças, pois além das crianças dos irmãos de Dimitar, preocupava-a também o destino da nora do filho assassinado, que jazia num dos cantos da casa e definhava de tuberculose. E a própria avó Magdalena já era muito velha e quase não conseguia ocupar-se dos trabalhos domésticos.

Vanga engoliu em silêncio a ofensa. Mas muito em breve mostrou do que era capaz. Possuindo um carácter forte, não se assustava com palavras, não temia a pobreza nem outras dificuldades, pois acumulara uma experiência sólida nesse aspeto, praticamente desde o momento em que aparecera neste mundo.

Sem descanso de mãos, ela e Lyubka lavavam, limpavam, poliam, viravam e tingiam, e em breve a casa brilhou de limpeza. Naqueles anos de guerra era muito difícil criar um lar acolhedor, ainda mais na ausência de meios, mas Vanga, com a sua inventividade característica, literalmente fazia milagres. De tecido simples coseu cortinas, e Lyubka ornamentou-as com bordados. De fios grosseiros tingidos tricotaram colchas para as camas, e tudo ficou bonito, no estilo tipicamente de Vanga, que gostava que «tudo fosse arranjado e apresentável».

Vanga proibiu os camponeses locais de se reunirem no quintal deles e aí fazerem comércio. As irmãs limpavam o quintal, logo se notou que na casa aparecera uma dona ativa e expedita.

E a família passou a viver como todas as outras famílias nessa época. Mas a tranquilidade durou pouco. As pessoas depressa souberam que em Petrich se instalara uma vidente, e o fluxo humano dirigiu-se de novo à casa de Vanga. O marido não se alegrava com tal desenvolvimento dos acontecimentos, pois considerava que, uma vez que Vanga se tornara mulher casada, era altura de deixar de se ocupar de profecias, e o principal cuidado dela devia ser, como é devido, a casa e a família.

Dimitar respeitava muito a mulher, mas o comportamento dela oprimia-o, pois pensava que ele próprio podia sustentar a família. Vanga amava-o muito, valorizava Dimitar tanto como marido como como pessoa, mas considerava que a sua vocação — servir as pessoas — era muito mais forte do que o apego familiar, e que a sua vida pessoal devia estar subordinada à vida dos outros. Além disso, o seu dom não a deixava em paz e exigia constantemente expressão...

De novo começaram a vir ter com ela pessoas — militares e civis, doentes e sofrendores, e todos alimentavam a esperança de que Vanga os ajudasse.

Muitos jovens dessa região tinham ido para partisans e com armas na mão lutavam contra o fascismo. Os seus familiares preocupados queriam saber o que era deles. Por exemplo, o partisan Asen Shapkarov recomendara ele próprio à mãe: «Não tenhas medo! Vai frequentemente ter com Vanga, e ela dir-te-á se estou vivo, saudável, e em geral, como estou lá!»

No entanto, estas visitas não ficaram em segredo para a polícia, e dois polícias — Dimitar Chuchurov e Boris Lazarov — andavam diariamente perto da casa de Vanga, a farejar e a escutar. Incomodavam Vanga e tentavam descobrir o que ela dizia aos familiares dos «inimigos do poder». Mas Vanga calava-se. Então ameaçaram-na de que a obrigariam a cumprir «serviço de trabalho», sabendo de antemão que uma mulher cega não podia cumprir as exigências deles. Como resgate exigiam muito dinheiro ou a entrega de partisans. E assim era dia após dia.

Começou a mobilização também dos reservistas. Dimitar foi enviado para a Grécia. Na despedida disse a Vanga que, se regressasse vivo, construir-lhe-ia uma casa nova e criaria tais comodidades que ela não sentiria a sua deficiência. Dimitar tinha «mãos de ouro», era um construtor nato, embora nunca tivesse estudado. O marido de Vanga cumpriu a promessa em 1947.

Ao despedi-lo, Vanga apenas disse: «Cuidado com a água». Realmente, todos os que sobreviveram e regressaram da Grécia tinham a saúde arruinada pela malária ou por doenças do fígado, porque lá bebiam água de pântano.

Em 1942, Vanga começou a receber frequentemente a visita da professora da cidade de Sveti Vrach (atual Sandanski) Maria Gaygurova, e as irmãs depressa se tornaram amigas dela. Maria tinha seis filhos: quatro raparigas e dois rapazes gémeos, que nessa altura serviam no exército em Bitola. Vanga dizia-lhe muitas vezes: «Tia Maria, a minha irmã Lyuba será tua nora, e casará com um dos teus gémeos». Passado algum tempo, Lyubka conheceu Stoyan (um dos gémeos), agradaram-se um ao outro e casaram-se.

(Aqui apenas acrescento que se trata da minha mãe e do meu pai, e também dos pais dele — os meus avós.)

O marido de Maria Gaygurova — Boris — era também professor de classes superiores, uma pessoa muito culta e inteligente. Sabia oito línguas, tocava maravilhosamente violino, ocupava-se de pintura, apaixonava-se por matemática, lia os clássicos franceses no original.

Sendo uma pessoa culta, educada no espírito das concepções materialistas, não acreditava muito nas previsões e um dia, estando em casa de Vanga, decidiu testar as capacidades clarividentes dela, perguntando: «Sabes o que aconteceu aos restos do meu pai, morto pelos turcos em 1912 perto de Melnik? Os ossos dele nunca foram encontrados». Vanga disse-lhe que devia procurar em Melnik um certo Petar, que fora testemunha do acontecido e poderia contar-lhe como tudo se passara. As palavras de Vanga produziram uma grande impressão no meu avô, mas ele não conseguiu ir imediatamente a Melnik. Quando finalmente encontrou a família de Petar, esse já não estava vivo. No entanto, o filho de Petar, que sabia desse caso pelo pai, contou pormenorizadamente ao visitante.

O pai de Boris Gaygurov era padre, um dos destacados lutadores pela pureza da língua búlgara, pela independência da escola búlgara e da igreja búlgara na região de Melnik. Toda a vida dedicara ao serviço desta grande causa. Em outubro de 1912 fora preso como correligionário de Yane Sandanski¹ e, juntamente com outros camaradas dele, foi barbaramente assassinado. Mas mesmo após a morte os seus restos mortais não foram deixados em paz. Os ossos foram desenterrados e espalhados por um barranco, e no lugar deles na sepultura atiraram ossos de um cavalo morto.

Ao saber a verdade sobre a morte do pai, Boris Gaygurov encheu-se de respeito por Vanga e um dia perguntou-lhe sobre o destino dos seus dois irmãos, que emigraram da Bulgária em 1921. Desde então nada se sabia deles. Vanga disse-lhe: «Shteryo morreu, e Nikola está vivo. Vejo-o. Estudou numa grande cidade na Rússia. Tornou-se um grande cientista... Mas agora não está lá. É prisioneiro, num campo. Não te preocupes com ele. Regressará na primavera. Estará vestido com roupa cinzenta, e nas mãos terá duas malas...»

Era simplesmente incrível. O meu avô não conseguia acreditar que o irmão desaparecido se tornara um cientista soviético, e ainda menos acreditava que estivesse num campo. Despediu-se de Vanga convencido de que nunca saberia a verdade.

Numa manhã primaveril de 1943, um viajante cansado parou em frente à casa de Boris Gaygurov. Estava vestido com roupa cinzenta, e aos pés tinha duas malas. Ninguém sabia quem era. Nem Boris o reconheceu, quando saiu para falar com o desconhecido. Era o irmão Nikola. Após 22 anos de ausência, o irmão mais novo Nikola regressou à pátria e confirmou inteiramente o que Vanga dissera sobre ele.

... Após a morte de Yane Sandanski, a Organização Revolucionária Interna Macedónia (VMRO) dividiu-se em dois campos. Um dos agrupamentos considerava que era preciso unir-se aos comunistas e agir em conjunto, e o outro era contra tal união. Entre os dois agrupamentos começou uma luta encarniçada, muitos comunistas foram mortos.

Ambos os irmãos de Boris Gaygurov, tal como ele próprio, eram membros do partido comunista. Shteryo tornara-se comunista ainda estudante da faculdade de direito da Universidade de Sófia. Juntamente com o irmão Nikola, em agosto de 1919, fundara em Sveti Vrach e nas aldeias vizinhas a primeira célula comunista e fora eleito o seu primeiro secretário. Pela sua atividade comunista, ambos os irmãos foram condenados à morte à revelia pela VMRO e foram obrigados a abandonar secretamente o país.

Nikola atravessou de barco para Odessa. Após longos anos de miséria, fome e toda a espécie de privações, conseguiu mesmo assim obter formação e tornar-se engenheiro. Construía centrais elétricas em muitas repúblicas do país soviético. Quando deflagrou a Segunda Guerra Mundial e os alemães invadiram a União Soviética, Nikola foi capturado e levado para trabalhos na Alemanha como prisioneiro de guerra soviético. Após muitos sofrimentos, conseguiu fugir do campo. Escondeu-se longo tempo, e depois juntou-se a um grupo de búlgaros que trabalhavam em Berlim. Seguiram-se novas atribulações, até conseguir convencer os alemães de que era búlgaro, e a Bulgária nessa altura era aliada da Alemanha.

Passando por numerosas verificações, recebeu de Sveti Vrach a confirmação da sua cidadania, e depois documentos oficiais, e decidiu regressar.

O próprio Nikola ficou espantado não menos do que o irmão, ao saber que a previsão de Vanga coincidia exatamente com tudo o que vivera na União Soviética, e depois na Alemanha.

Na primavera de 1944, quando as cerejas já amadureciam, o marido de Vanga regressou da Grécia. No entanto, do homem antes saudável restava

apenas a sombra. Adoecera com malária, sofria do fígado, tremia-lhe o corpo muitas vezes, embora no exterior estivesse tempo quente. Ficara completamente sem forças e não conseguia realizar qualquer trabalho. Em 1945 Dimitar começou a construção de uma casa nova. Erguia-a e fazia tudo ele próprio, apenas para os trabalhos mais pesados chamava mestres. E no quintal reuniam-se cada vez mais pessoas, que vinham pedir ajuda a Vanga. Ela levantava-se antes do amanhecer, amassava a massa e cozia pão para os mestres, e depois colocava-se à porta e a todos os visitantes oferecia uma partícula da sua força.

Várias vezes veio de Sófia ter com Vanga um oficial com a mulher. Todos os invejavam muito, porque o casal parecia «modelo» em todos os aspetos, e Vanga disse um dia: «Não invejem, o futuro mostrará se valia a pena invejá-los». Após a vitória veio a saber-se que o oficial fora carrasco. O tribunal popular condenou-o à morte, e o oficial foi fuzilado.

A esse respeito Vanga dizia por vezes: «A ninguém invejes, sem ver o seu fim!»

Outro caso. Uma mulher de uma aldeia de Petrich perdeu durante a feira a filha de três anos. Procuraram a menina por todo o lado, mas sem sucesso. A mãe desesperada não queria acreditar que a filha morrera, e foi ter com Vanga saber do seu destino. Essa disse à mãe que a filha fora raptada por ciganos que estavam na feira, e que passariam muitos anos antes que num belo dia a mulher a encontrasse.

E eis que desde essa altura passaram exatamente 22 anos. Em 1962, uma visitante de Vanga viajava para Blagoevgrad e na estação de Kresna ouviu duas mulheres a conversar sobre o facto de que numa aldeia próxima viviam várias famílias ciganas, mas a nora jovem de modo nenhum se parecia com a mãe — loura, de olhos azuis e em geral não como a sua parentela. O coração materno estremeceu, que tantos anos esperara que a previsão de Vanga se cumprisse. Sem demora, foi àquela aldeia, encontrou facilmente a casa de que precisava e, ainda sem atravessar o limiar, viu a «nora loura». Nesse minuto pensava que de emoção o coração lhe saltaria do peito.

A mulher falou com a jovem, mas essa apenas olhava para ela atordoada, não acreditando nas suas palavras, pois toda a vida vivera entre ciganos. O marido da jovem mulher até decidiu expulsar a hóspede atrevida, como lhe pareceu. Mas a sogra ordenou aos jovens que se calassem, pois lembrava-se do que a mãe da nora lhe contara. Realmente, a menina ainda criança fora dada a ela para criar por outros ciganos, que muitos anos antes tinham estado na feira de Petrich. E esses, por sua vez, receberam-na de certos camponeses. A cigana aceitara a criança e criara-a, e depois casara-a.

¹ *Atual cidade de Stanke Dimitrov.*

¹ *Yane Sandanski (1872—1915) — revolucionário búlgaro, destacado lutador pela libertação da Macedónia da escravidão otomana.*

A mãe emocionada começou a contar à filha o passado e perguntava-lhe constantemente: «Lembras-te?», — e de repente na cabeça da jovem mulher como que se esclareceu. Ela disse que se lembrava de um grande quintal e de um poço com uma pedra grande ao lado, e que uma vez ali um galo a bicara na perna. Mostrou também a marca do galo. A mãe já não duvidava de que perante ela estava a filha desaparecida, e por isso propôs-lhe que fossem à aldeia natal e se certificassem de tudo no local. Pelo caminho, a «cigana» lembrou-se de que tinha um irmão, reconheceu sem dificuldade o quintal e orientava-se livremente na casa. Reuniram-se os habitantes da aldeia, e o encontro foi tão comovente que nenhum dos presentes conseguiu conter as lágrimas.

Em maio de 1944, o irmão mais novo de Vanga, Tome, regressou da Alemanha e instalou-se em Strumica. A 10 de junho, o mais velho, Vasil, chegou inesperadamente a Petrich vindo da aldeia de Lahana (Grécia), onde prestava serviço militar. Disse a Vanga que iria para Strumica, e lá juntar-se-ia aos partisanos.

Nessa altura, no fim da guerra, na região de Strumica foi formada uma brigada partidária, e muitos rapazes entraram nela para perseguir o exército alemão em retirada. Às escondidas de Vanga, Lyubka e Vasil combinaram partir juntos. Nessa altura Vasil tinha 22 anos. Ao saber da decisão do irmão, Vanga ficou muito abalada e com lágrimas nos olhos suplicava-lhe que não partisse. Disse-lhe: «Não vás, matar-te-ão aos 23 anos!» Mas o irmão declarou-lhe que não acreditava nas previsões dela, e nesse mesmo dia partiram juntos para Strumica, procuraram lá Tome, e no dia seguinte os três foram para os partisanos.

Em outubro de 1944, Vasil, que era comandante de um grupo de sapadores, recebeu a tarefa de fazer explodir a ponte perto da aldeia de Furka, porque por ali atravessavam partes do exército alemão em retirada. Vasil cumpriu claramente a tarefa que lhe fora dada, mas não reparou que, ao tirar do bolso da camisa os fósforos para acender o cordão da explosivo, deixara cair o bilhete de identidade. Após fazer explodir a ponte, escondeu-se em casa de um amigo que vivia na aldeia e tencionava nessa mesma noite regressar ao destacamento.

Os soldados alemães, que inspecionaram o local da explosão, encontraram o bilhete de identidade, e um turco lenhador, preso não longe da ponte, confessou que vira o rapaz da fotografia na aldeia mais próxima. Todos os habitantes da aldeia foram imediatamente reunidos na igreja. Vasil, que ainda não sabia do que se tratava, também foi preso. Os alemães emitiram uma ordem: se no espaço de uma hora os aldeãos não entregassem o

partisan, queimariam todos vivos na igreja. As pessoas sabiam que Vasil estava entre elas, sabiam que fora ele que fizera explodir a ponte, mas calavam-se. Vasil, vendo toda a inexorabilidade da situação, saiu da multidão e declarou: «Fui eu que fiz explodir a ponte!» Convencidos pela fotografia de que era realmente aquele que procuravam, os alemães arrastaram-no para o adro da igreja, expulsaram da igreja os habitantes da aldeia e à vista de todos começaram a torturar barbaramente o partisan: metiam-lhe nos ouvidos ferro em brasa, escarneciam dele, e depois, quando ele quase perdera os sentidos, abateram-no a tiro. O cadáver desfigurado deixaram no adro como escarmento para os outros.

Vasil morreu a 8 de outubro, no dia em que fazia 23 anos...

Em 1947, o marido de Vanga terminou a construção da casa e adoeceu gravemente. Já se sentia mal desde que regressara da Grécia, e a casa tirara-lhe as últimas forças. Dimitar começou a queixar-se de dores no estômago, e um amigo aconselhou-o a beber um copinho para a dor passar. Dimitar começou com um copo, mas gradualmente viciou-se na rakia. Mudou muito. Fechou-se em si mesmo, passava dias inteiros sozinho no quarto a beber amargamente.

Provavelmente vivia algum drama, mas a ninguém contava. Tanto os médicos como a própria Vanga pediam-lhe incessantemente que mudasse o modo de vida, que não bebesse, pois isso levava à morte, mas ele não ouvia ninguém. Vanga tornou-se como uma sombra, consumiu-se de desgosto e chorava noites inteiras. Mais tarde contou à irmã que sabia do destino do marido, que ele não se salvaria, mas guardava esse conhecimento bem fundo na alma, calava-se, na esperança de um milagre.

E o fluxo humano perante a porta dela não secava, Vanga escutava todos, dava conselhos e receitas de cura todos os dias, e ninguém suspeitava sequer da tragédia que se desenrolava na sua própria casa.

Dimitar «tratava-se» com o meio «comprovado» durante doze anos, até cair de vez. Vanga desesperou de todo. Depois levaram Dimitar para o hospital: a cirrose progressiva do fígado levava a que o corpo se enchesse de água. Vanga quis estar com ele e passou quase uma semana sentada ao lado dele na enfermaria do hospital. Quando o médico de serviço chamou Lyubka e lhe disse que queria comunicar algo a Vanga, essa respondeu que não era necessário, a irmã já sabia do fim que se aproximava e pedia que deixassem o marido ir para casa.

Trouxeram Dimitar para casa, ele pareceu relaxar e adormeceu. No chão, aos pés do marido, adormeceu também num sono pesado Vanga. Durante todos os seis meses da grave doença dele, Vanga não se afastara dele, como se quisesse transmitir-lhe uma parte da sua força e da sua coragem, ou talvez

fosse um doloroso adeus incessante ao homem amado, com quem vivera vinte anos.

Lyubka: «Quando Dimitar já estava em agonia, Vanga pôs-se de joelhos junto à cama dele, dos olhos cegos corriam lágrimas incessantemente. Sussurrava algo. Se rezava para prolongar a vida dele, ou se despedia dele, não sei. Mitko expirou a 1 de abril de 1962, com 42 anos. Logo depois disso Vanga parou de chorar e adormeceu. Fizemos tudo o necessário para preparar o falecido, começaram a reunir-se pessoas, e ela continuava a dormir. Dormiu até ao funeral. Depois disse-me: “Acompanhei-o até ao lugar que lhe estava destinado”.»

Na manhã seguinte saí para as pessoas reunidas à porta dela, que não suspeitavam do acontecido, e pedi-lhes que se dispersassem, porque Vanga enterrara o marido e não estava em condições de receber quem quer que fosse. Ela ouviu-me e gritou: «Não, não os mandes embora, recebo todos. Eles precisam de mim!»

Desde esse dia nós, os filhos da irmã de Vanga, Lyubka — Krasimira, Anna e Dimitar — os únicos sobrinhos de Vanga, somos testemunhas da sua pesada vida de viúva solitária, da sua tragédia pessoal, e também da sua notável atividade incansável em benefício das pessoas. Visivelmente, assim o quis o destino: privada da felicidade pessoal, Vanga era feliz ao dá-la aos outros.

Lembro-me de como ela parecia nessa altura: com um lenço de viúva preto, que usa até hoje, o rosto pálido, como que petrificado, todo o seu ser como que voltado para si mesmo, tenso e concentrado, como se estivesse longe de tudo o que a rodeava.

E as pessoas continuavam a vir e a vir, chegavam já de todo o mundo. Preocupavam-nas problemas diferentes, perguntas diferentes. Cientistas e menos cientistas, céticos e crentes, doentes e saudáveis, aproximando-se dela com medo ou com escárnio, descrentes e curiosos. E ela a ninguém recusava a receção.

Proponho à atenção dos leitores um relato dessa época.

«Penso que em 1944 o meu pai, médico e materialista convicto, foi ter com Vanga por curiosidade. Em Petrich, em frente à casa dela, estava cheio de gente. Vanga apareceu ao limiar e chamou o meu pai, pelo nome que só se usava no círculo familiar mais íntimo. Em casa, Vanga contou-lhe pormenorizadamente sobre o passado dele; o meu pai casara duas vezes e ela descreveu com muita precisão os casamentos dele, recordou-lhe coisas pessoais de que nem as companheiras de vida tinham noção. Depois falou-lhe do futuro. Disse-lhe que morreria de cancro daqui a 14 anos. Sobre mim soube o seguinte: serei feliz no casamento, mas o meu marido viverá pouco. Ficarei

viúva com uma criança pequena ao colo. Depois casarei de novo, mas a escolha será infeliz. Disse também que o destino do meu irmão seria ainda mais trágico e que morreria num acidente aos 20 anos.

O pai ficou muito abalado e a princípio quis não contar a ninguém, mas depois não aguentou e partilhou o que ouvira de Vanga com a segunda mulher. E essa, passados anos, contou-mo também a mim.

Passaram anos, e o meu pai pensou que tinha uma úlcera. Operaram-no duas vezes. Durante a segunda operação apenas abriram e voltaram a fechar. Morreu de cancro em 1958, no dia previsto por Vanga.

Casei e fui feliz. Nasceu-nos uma criança. Mas o meu marido adoeceu subitamente e morreu. Casei uma segunda vez, mas realmente foi um erro. A família desfez-se. Há alguns anos o meu irmão corria atrás de um elétrico, mas não conseguiu agarrar-se bem aos corrimãos, escorregou e caiu debaixo das rodas. Tinha 20 anos. Tudo o que Vanga previra ao meu pai se cumpriu»¹.

Outro caso. A criança dos nossos vizinhos, um bebé de dez meses, ardia há mais de vinte dias com febre alta. Os médicos não conseguiam descobrir a causa, prescreveram diferentes medicamentos, mas todos sem efeito. Então levámo-lo a Vanga, e ela disse para o banharmos em água em que tivesse sido cozido feno do bosque. Durante o primeiro banho a temperatura baixou, e após o segundo o bebé acalmou-se e curou-se.

Uma bailarina russa, casada com um búlgaro, após o parto teve perturbações do aparelho locomotor. Os médicos consideravam que já não poderia dançar, mas Vanga disse que ela se curaria, teria mais dois filhos e espalharia a fama do bailado russo nas suas tournées pelo mundo inteiro. E assim foi.

Mas nessa altura, após a morte do marido, que mesmo assim fora para Vanga algum apoio, ela já não conseguia lidar sozinha com as multidões de pessoas que estavam à porta, gritavam, pediam, esperavam, choravam e suplicavam que lhes dissesse pelo menos algo. Uma vez até derrubaram a cerca e esmagaram Vanga com ela. Após esse incidente, ela mal se recuperou. Depois Vanga falou com a minha mãe Lyubka e o meu pai Stoyan, e decidiram mudar-se para Petrich, para estarem mais perto dela e ajudá-la, na medida das suas forças. Acabáramos de construir uma casa nova na cidade de Sandanski, mas deixámos tudo e partimos para Petrich. Foi em 1966.

Eis o que recorda o meu pai, Stoyan Gaygurov:

— Na minha família começaram a falar de Vanga ainda em 1942. Os meus pais sentiam por ela profundo respeito e recorriam muitas vezes a ela por vários motivos. É espantoso que ela soubesse de mim, sem nunca me ter visto (quando ela vinha a nossa casa, eu era soldado), e previu que eu casaria com a irmã dela.

Pode dizer-se que ela estava diariamente presente na nossa vida não só como parente, mas também como fenómeno. Não consigo explicar-me como ela, ainda durante o nascimento dos meus filhos, previu a vida deles e tudo aconteceu como ela dissera.

À minha filha mais velha Vanga previu que estudaria hieróglifos e línguas estrangeiras. Quando a filha cresceu, decidiu candidatar-se à faculdade de filologia e ocupar-se da língua búlgara, mas distribuíram-na para o departamento de língua turca. E assim estudou hieróglifos e línguas estrangeiras. À filha mais nova, Anna, previu que seria uma médica muito boa, e a filha na escola dedicava-se seriamente à música, tocava muito bem piano. Não sei porquê, mas no último momento decidiu candidatar-se ao instituto de medicina, tornou-se realmente médica e ama muito a sua profissão. Ao filho Dimitar previu que seria um bom técnico, e realmente é assim.

Muitos dos que se relacionam ceticamente com as capacidades de Vanga consideram até hoje que Vanga tem intermediários que recolhem informações sobre as pessoas que a visitam. Isso, evidentemente, é falso, e impossível, pois vêm ter com ela milhares de pessoas completamente desconhecidas de todos os cantos do globo terrestre. Além disso, ela fala de recém-nascidos e de crianças ainda não nascidas. E como vê e fala com pessoas mortas há 100, 200 anos e mais, de que nem os familiares se lembram, como sabe que medicamento ou que ervas recomendar a uma pessoa gravemente doente, e depois essa pessoa cura-se, precisamente quando a medicina, com a sua prática milenar, se revela impotente?

Eis a questão a que devemos responder.

Vanga realmente não conseguia lidar com as multidões de pessoas que dia e noite cercavam a casa dela, por isso recorreu à ajuda e proteção do Estado. O dom dela foi avaliado devidamente. A partir de 3 de outubro de 1967, Vanga passou, por assim dizer, para o «serviço estatal». Nomearam pessoas que mantinham a ordem no quintal dela e cuidavam do descanso e tranquilidade dela. No conselho comunal foi criado um departamento especial que se ocupava da inscrição dos que desejavam ir ter com Vanga. Por outras palavras, finalmente Vanga obteve reconhecimento oficial, e, como já mencionei no início, tornou-se até objeto de investigação científica, realizada pelo Instituto de Sugestologia e Parapsicologia sob a direção de Georgi Lozanov.

Infelizmente, o trabalho científico sério iniciado em breve estagnou, e dos numerosos materiais nada foi publicado. Em todo o caso, no nosso país as pessoas sedentas de informação queriam ler algo fidedigno sobre Vanga, porque sobre ela circulavam os rumores mais incríveis. Talvez precisamente como ressonância a tudo isso, em 1966 no jornal «Pogled» (Olhar) apareceu um material sobre Vanga. O artigo chamava-se «Parapsicologia... e Vanga» e

foi escrito por Emil Hristov. Nele era apresentada uma entrevista a Lozanov e fazia-se a primeira tentativa séria de explicar o fenómeno. É até hoje a única publicação fidedigna no nosso país (1987 — nota da aut.). No entanto, ao mesmo tempo no estrangeiro saíram várias publicações sobre Vanga. A personalidade dela é popular em muitos países, o que é eloquentemente testemunhado também pelas numerosas cartas do estrangeiro que continuamos a receber.

¹ Este caso foi descrito em 1970 por Sheila Ostrander e Lynn Schroeder no livro *«Psychic Discoveries Behind The Iron Curtain»*, edição IMPACT, UNESCO.

Ainda em 1970, nos Estados Unidos, foi publicado um livro dedicado às capacidades paranormais das pessoas que vivem nos países da Europa de Leste, edição IMPACT (UNESCO): *«Psychic Discoveries Behind The Iron Curtain»*. Os autores do primeiro capítulo, intitulado «Vanga Dimitrova — o oráculo búlgaro», tentam, através da descrição de casos da prática de Vanga e de entrevistas com os seus visitantes e especialistas, explicar este fenómeno e trazer à discussão uma série de problemas interessantes. Outra questão é o grau de veracidade de tudo o que é descrito, mas no final do capítulo, que tem cerca de 30 páginas, afirma-se que, quando o livro for publicado, ele será, muito provavelmente, a monografia mais aprofundada e criativa sobre um profeta vivo.

«EU SOU A PORTA PARA ELES»

A manifestação mais surpreendente da clarividência de Vanga é, talvez, o contacto que ela estabelece com os entes queridos falecidos, parentes e conhecidos do visitante. Quanto à questão da morte e ao que acontece ao ser humano depois dela, as conceções de Vanga diferem fortemente das representações do homem contemporâneo. Eis uma das conversas com ela, gravada em fita magnética em 1983, durante a qual ela disse ao realizador P. P.: «Eu já te disse: o corpo morto apodrece, e tudo o que é vivo, ao morrer, apodrece.

Mas uma parte do corpo ou da alma, nem sei como chamar-lhe, não apodrece. Vocês falam de reencarnação. O que isso significa, não sei. Mas aquilo que no ser humano não apodrece, na minha opinião, é assim: desenvolve-se para atingir um estado superior, mas não sabemos qual é. Acontece mais ou menos assim: morres como pessoa comum, depois passas a aluno, depois a licenciado, depois a cientista ou ocupas um cargo elevado, e assim sucessivamente. Esse é o superior. Isso é a alma.»

Ela encara a morte apenas como o fim do estado físico da vida e, na sua opinião, a personalidade preserva-se mesmo depois desse final fatal.

A uma pergunta de um visitante sobre por que razão ela lhe fala da mãe falecida — se teria sido ele a trazer a sombra dela consigo —, Vanga respondeu: «Não foste tu que a trouxeste. Eles vêm sozinhos, porque eu sou a porta para eles. Assim que uma pessoa se coloca à minha frente, os seus parentes falecidos rodeiam-na, fazem-me perguntas e respondem às minhas, e eu transmito aos vivos o que ouço deles.»

Vanga: «Veio ter comigo uma mulher jovem e eu perguntei-lhe logo: ‘Lembras-te de que a tua mãe falecida tinha uma cicatriz na coxa esquerda?’ Ela confirmou. Perguntou-me como é que eu podia ter visto isso. Muito simples! A morta colocou-se à minha frente. Jovem, alegre e ridente, de olhos azuis, com um lenço branco na cabeça. Vestia um vestido colorido. Ergueu a saia, mostrou-me a cicatriz e disse: ‘Pergunta se ela se lembra de que eu tenho uma cicatriz de uma queda.’ Entretanto, a mãe falecida continuou:

‘Diz à Magdalena (a outra filha) para não ir ao cemitério, porque ela está sem joelho.’ (A visitante confirma que a irmã se desloca com dificuldade, pois tem uma prótese no joelho). ‘Diz à minha filha que, há muito tempo, quando os turcos quiseram incendiar a nossa aldeia de Galičnik (na SFRJ — nota do autor), o meu pai deu muito dinheiro ao bej para salvar a aldeia. Depois decidimos construir uma igreja e cortámos todas as amoreiras da aldeia. Transportámo-las à noite, às escondidas, para o local escolhido para a construção. Construímos a igreja. À frente dela fizemos uma fonte revestida com três torneiras.’»

A filha, espantada, disse que não conhecia esses pormenores, mas que tinha estado na aldeia de Galičnik e que, de facto, não vira lá amoreiras, mas à frente da igreja havia realmente uma fonte com três torneiras.

Vanga continua a transmitir: «Há alguns anos, o meu filho caiu e bateu forte com a cabeça; agora está muito doente.» Sim, confirma a visitante. O irmão tem um tumor no cérebro. Foi operado. Vanga informa: «Façam outra operação, mas só para vos tranquilizar. Não resultará em nada e em breve o teu irmão morrerá.»

Outro caso. Veio uma mãe cujo filho soldado morrera numa catástrofe. Vanga pergunta: «Como se chamava o filho?» — «Marko», responde a mulher. «Mas ele diz-me que se chama Mario.» — «Sim — confirma a mulher —, em casa chamávamos-lhe Mario.» Através de Vanga, o filho informa a mãe quem foi responsável pela catástrofe e diz: «A morte avisou-me ainda na sexta-feira, e eu parti para junto dos antepassados na terça-feira.» O soldado morreu numa terça-feira. O morto perguntou se lhe tinham comprado o relógio. A mãe contou que o filho perdera o relógio no quartel e ela prometera comprar-lhe um novo, mas, ao saber da catástrofe, não cumprira a promessa. O filho perguntou por que razão não via a irmã em casa, e a mãe explicou que, depois de terminar os estudos, ela vivia e trabalhava noutra cidade.

A incrível capacidade de Vanga comunicar com os mortos causou uma enorme impressão também no nosso conhecido crítico literário Zdravko Petrov. No número de 24—30 de julho de 1975, a revista «Sofia News» publicou um interessante artigo dele, intitulado «Búlgara — profetisa». Em versão ligeiramente abreviada, apresentamos aqui o seu relato.

«Até ao outono de 1972, eu não dava particular importância ao facto de, numa pequena cidade chamada Petritch, mesmo junto à fronteira grega, viver uma profetisa viva que atraía a atenção de todos os búlgaros. Desde cedo de manhã até tarde da noite, aglomeram-se pessoas à porta da casa dela. Ela fala sobre o paradeiro de parentes desaparecidos, esclarece casos criminais, faz diagnósticos médicos, revela vestígios do passado. A propriedade mais impressionante do seu dom consiste em explicar o presente e penetrar no futuro. Os seus prognósticos, porém, não têm um carácter fatalmente inevitável. A experiência ensinou-a a ser cautelosa nas previsões. Nem tudo o que é possível se torna realidade. Se usarmos o termo de Hegel «realidade difusa», que ele empregou para explicar a probabilidade como categoria filosófica, é exatamente esse que deve ser aplicado ao que Vanga prevê. Sobre algumas coisas, ela fala com uma precisão espantosa.

Tive oportunidade de assistir a uma «sessão» na casa dela e fui testemunha do momento em que pedi a um dos seus «pacientes» que lhe desse o relógio (normalmente os visitantes trazem um pedaço de açúcar) para o apalpar. Ele estranhou que ela precisasse de tal objeto, e ela disse-lhe o seguinte: «Dá-me o teu relógio, eu não seguro nele, seguro no teu cérebro.»

... Acabei em Petritch por puro acaso. Decidi dar-me uma pequena pausa e fiquei lá alguns dias. O meu encontro com esta mulher do povo, de 60 anos, dotada do dom da profecia e de um notável sentido de humor, tornou-se um dos acontecimentos mais extraordinários da minha vida.

Na verdade, eu não tencionava submeter-me a qualquer sessão. Pelo visto, Vanga sentiu esse meu estado de espírito logo nas primeiras horas em Petritch, porque depois disse ao meu amigo advogado: «Ele não veio para eu lhe dizer algo, mas eu mesmo assim disse-lhe.» E desatou a rir com a sua gargalhada característica.

Mas a parte mais interessante desta história ainda agora começa.

O amigo que me apresentou a Vanga tinha carro e propôs às irmãs que, depois do almoço, fôssemos dar um passeio fora da cidade. Chegámos à aldeia de Samuilovo, perto da qual se conservam as muralhas da fortaleza do czar Samuel — objeto de investigações arqueológicas e de restauro. No carro, quase não falei, troquei apenas duas ou três frases com o amigo. Ao chegarmos, subimos ao baluarte da fortaleza e começámos a observar as escavações. Vanga não podia apreciar a paisagem pitoresca e ficou no carro com a irmã. Elas conversavam sobre qualquer coisa, enquanto eu passeava

pelo prado. De repente, quando estava a 7—8 metros dela, ela começou a falar. Era evidente que as suas palavras se dirigiam a mim. Deixou-me estupefacto logo com a primeira frase: «O teu pai Petar está aqui.» E eu, tal como Hamlet, fiquei frente ao espírito do meu pai. O que podia eu dizer? O pai morrera havia 15 anos. Vanga começou a conversar com ele, mencionando pormenores tais que fiquei petrificado. Não me recordo o que senti na altura, mas, segundo testemunhas, parecia terrivelmente agitado, com uma palidez mortal no rosto. Vanga repetiu várias vezes que o meu pai estava à frente dela, embora eu ainda hoje não saiba em que projeção ela o via: no passado, no presente ou no futuro; chegou mesmo a apontar na direção dele com a mão. Para ela, o tempo não existia de forma fragmentada — passado, presente, futuro —, mas como um fluxo homogêneo. Pelo menos, é o que me parece.

Entretanto, ela disse-me que o pai falava do Domingo de Ramos — Tsvetnitsa, que eu tinha um nome relacionado com uma flor — Tsvyatko ou Zdravko. Confirmei que me chamo Zdravko. Depois disse que o meu pai falava turco. Ele era advogado de profissão, mas trabalhara como professor de economia política e direito civil num ginásio turco em Shumen até 9 de setembro de 1944.

Em seguida, Vanga começou a falar dos meus tios. Nomeou dois. Sobre o meu terceiro tio, que morrera em circunstâncias trágicas, fui eu próprio que lhe falei. Vanga declarou que no fundo do assassinato dele estava uma traição. Fiquei também incrivelmente surpreendido por ela perguntar quem na nossa família era chamado Matei. Respondi que era o nome do meu avô. Tinha cinco anos quando o enterraram. Desde então passaram 40 anos. De onde poderia ela saber o nome dele?

Ao regressar de Petritch a Sófia, contei este caso aos amigos, sem esconder o meu espanto. Eles perguntaram-me se, estando diante de Vanga, eu teria pensado no avô. Respondi que era impossível, pois mesmo em Sófia raramente menciono o nome dele, já que quase não restam parentes que se lembrem dele. E os meus amigos nem sequer conhecem o nome. Vanga, porém, disse que o avô fora uma boa pessoa, o que corresponde plenamente ao que eu sabia dele pelos familiares.

Vanga falou dos meus parentes durante 10—15 minutos. Disse que a minha sobrinha, que entrara na universidade, fizera uma escolha errada. Mencionou pormenores do quotidiano, por exemplo, que eu comprara um radiador com defeito. Depois aconselhou-me a apanhar mais sol. (De facto, não gosto de sol forte.) Caso contrário, teria de andar de bengala. Disse: «Que o sol seja o teu Deus.» E acrescentou que eu tinha duas formações superiores («duas cabeças», como ela se expressou). Os presentes comentaram que eu fizera uma especialização em Moscovo, e ela perguntou o que era isso. Depois começou a contar que via soldados alinhados à frente dela, soldados do czar Samuel — figura trágica da história búlgara. Como se sabe, foram cegados por

Basílio II, cognominado por isso Bulgaróctono. Vanga perguntou-me quem os cegara, de que nacionalidade era o homem que dera essa ordem. Estava tão atordoado que esqueci completamente a que dinastia imperial pertencera Basílio II. Mais tarde, o meu amigo admirou-se de como eu, que conheço tão bem a história bizantina, pudera esquecer a origem do imperador.

Provavelmente, impressionou-me o facto de ela penetrar num passado tão remoto. Noutra ocasião, Vanga perguntou-me quem eram os bizantinos. Contou que, certa vez, estando na igreja da cidade de Melnik, ouvira vozes: «Nós somos bizantinos.» Vira pessoas com vestes de brocado e vestígios de termas romanas debaixo da terra. Sabe-se da história que vários altos dignitários bizantinos foram realmente exilados para Melnik.

Falou também de outras personalidades históricas.

Em certo momento, falámos da sua capacidade de ver o passado e o futuro. O tempo todo decorria entre nós uma conversa extraordinária. Vanga começou a falar da morte. Todos nós fixávamos o olhar no seu rosto. Evidentemente, tinha visões. Contou vários casos em que sentira a morte. Do seu marido e de como vira o momento exato da morte dele. Depois descreveu como, certa vez, no pátio, estavam a fazer doce de ameixas e a morte «sussurrou» entre os ramos das árvores. Tudo soava como uma balada. Vanga falava da morte como de uma mulher com belos cabelos abundantes. Tive a sensação de que diante de mim não estava uma vidente, mas uma poeta.»

A morte... Essa hóspede terrível e indesejada que corta o fio da nossa vida. Mas, segundo Vanga, é uma projeção do nosso «eu» noutras dimensões, ainda incompreensíveis para nós.

Certa vez, veio ter com Vanga uma mulher jovem de Sófia. Vanga virou-se de repente para ela e perguntou: «Onde está o teu namorado?» — e a mulher respondeu que ele se afogara havia alguns anos. Vanga descreveu-o, notando que via o morto como se estivesse vivo, e conversava com ele; ele até lhe fazia perguntas: «Aqui está ele, colocou-se à minha frente, alto, moreno, com sinais no rosto e um pequeno defeito na fala.» A mulher confirmou o que foi dito. Vanga: «Ele diz-me: ninguém tem culpa da minha morte. Fui eu que caí à água. Fiquei muito assustado porque não sei nadar... O coração rebentou. Dobrei-me ao meio... Pergunta onde estão o relógio e as outras coisas dele. Nomeia nomes e pergunta por vários amigos e parentes... Aconselha a sua amada a casar-se passado algum tempo e garante que a escolha dela será feliz.»

Um cientista espanhol, professor, conta como a mãe cuidara dele com ternura enquanto viva, mas passara toda a vida na pobreza. Vanga interrompe-o e diz: «Espera, eu conto-te como foi... No leito de morte, ela disse-te: 'Não tenho nada para te deixar, mas dou-te o antigo anel de família. E como ficarás sozinho — que ele te ajude e te guie na vida!」 O professor, espantado,

confirmou que tudo fora exatamente assim. «Então — perguntou-lhe Vanga —, o que aconteceu a esse anel?» O espanhol explicou que, já sendo um cientista conhecido, numa caminhada pelo campo, o anel escorregara do dedo e caíra num rio. Procurou-o durante muito tempo, mas não o encontrou.

— O que fizeste, homem! Cortaste a ligação com a tua mãe!

O cientista, confundido, confessou que tal pensamento lhe ocorrera, porque depois de perder o anel deixara de ter sorte, mas, como cientista materialista, afastava ideias desse tipo.

Durante a inundação em Skopje, uns pais perderam o filho único. Julgaram que ele se afogara. Vieram perguntar a Vanga. E Vanga (o caso foi-me contado por ela própria) disse-lhes: «Não chorem, porque tantos dias lhe foram concedidos. A criança действительно não está entre os vivos. Mas procuram o cadáver no sítio errado. Está mais abaixo, depois da grande curva do rio. Ali crescem árvores grandes e o corpo enroscou-se nas raízes. De um lado sobressai a sua mãozinha. Se eu fosse agora, encontrava logo o lugar. Aqui está, vejo-o como se estivesse vivo. Ele diz-me: 'Vem, eu levo-te até ao sítio.'»

Passado algum tempo, familiares dos pais vieram ter com Vanga e transmitiram-lhe que o cadáver da criança fora encontrado exatamente no local que ela indicara.

Casos destes há milhares, mas não posso enumerar todos, até porque o tema é muito triste.

Mas Vanga não se move apenas no reino dos mortos. Abraça com o pensamento também o renascimento de cidades inteiras. Tomemos, por exemplo, Melnik. «Aqui — diz Vanga —, cada ervinha, cada pedrinha, cada palmo de terra é uma santidade. Venho a este lugar com prazer, aqui descanso como em nenhum outro sítio. Carrego-me de força, energia e inspiração. Sento-me numa pedra qualquer e apetece-me ficar em silêncio. E que ninguém me incomode. Tudo o que me rodeia fala comigo — as pedras, as ruínas, os montes... A cidade conta-me a sua história desde tempos remotos: vejo pessoas há muito falecidas, templos e casas destruídos que existiram há milhares de anos.

Uma vez, viemos novamente aqui com a minha irmã Lyuba, e ela trazia o primeiro neto, um bebé de seis meses. De repente, como se a própria alma dele me dissesse: 'Olha, minha irmã, para Melnik. E tu és como ele.' Fiquei muito perturbada e chorei durante muito tempo.

Porquê — como Melnik? Tão vazia e solitária como ele, ou com uma história tão antiga como a desta cidade? Não sei. Até hoje não consigo decifrar essas palavras.»

No início dos anos 70, Vanga sentia um forte desejo de ir a Melnik e aí receber os seus numerosos visitantes, pois acreditava que nesses lugares lhe desceria a inspiração e poderia contar muitas coisas interessantes. Mas uma prática dessas numa cidade tão pequena acarretava inúmeros problemas organizacionais, e o seu pedido não foi atendido. É realmente uma pena, porque quem sabe o que ela nos poderia ter revelado!

E há ainda este caso interessante:

Em 1983, o realizador N. P. partilhou com Vanga os seus planos para rodar um filme sobre Orfeu. A ideia do filme alimentava-a há muito tempo. Vanga respondeu que o filme não resultaria, porque a conceção estava errada na base. Disse (a conversa foi gravada em fita magnética, que guardo comigo):

— O dom de Orfeu não vem do céu, vem da terra. Ele encosta o ouvido à terra e canta. E os animais selvagens param e escutam-no, mas não compreendem. Orfeu é terreno. Tocava numa folha de salgueiro, num ramo de salgueiro, na casca do olmo, na casca da faia e do carvalho. Deitava-se no chão e escutava, e a terra soava para ele. Orfeu canta com a terra.

Para onde quer que vá, toca em qualquer árvore, e os passarinhos cantam para ele, e o céu dá-lhe, e escreve na terra, e ele, ao passar, lê e volta a cantar.

— Muito bem — virou-se ela para o realizador —, tu descreve-lo como um trapaceiro, mas tu vês-o?... Para mim, Orfeu é assim: em farrapos, uma criança muito infeliz... Depois passa como um rapaz por barbear, desgrenhado, com unhas compridas... E canta sempre. Todas as vozes lhe são dadas pela terra.

... Não sei porquê, atrás dele vai Samuel...

Eu, ao entrar em transe, vejo estas imagens, mas ninguém me fez tais perguntas, e para mim não era interessante. Mas quando penso: «Meu Deus, quanta coisa não houve no mundo!»

Com maior prazer, Vanga fala de flores. Percebe-as como seres vivos, e os madrugadores podem observá-la a percorrer o seu belo canteiro junto à casa em Petritch. Na localidade de Rupite, também para diante de cada flor, acaricia-a com ternura, rega-a e sussurra-lhe qualquer coisa. Afirmo que as flores lhe contam muitas coisas.

E aqui há algo de inexplicável... Se chega a Vanga um visitante cujo parente próximo morreu há pouco tempo, o contacto com essa morte recente faz-lhe mal, podendo até desmaiar. E nesses casos diz sempre: «Porque não trouxeram um vaso com uma flor? A informação sobre o ente querido, que involuntariamente evocam com a vossa presença, transfere-se para as flores, e elas salvam-me.» Vanga não gosta de ramalhetes e diz: «É o mesmo que mãozinhas cortadas de crianças, a flor tem de estar viva.»

A irmã Lyubka recorda que, certa manhã, Vanga lhe pediu que saísse para junto das pessoas que esperavam à porta e trouxesse uma mulher (indicou o nome), vendedora de flores de Sófia. Quando Lyubka perguntou como sabia que lá estava essa visitante, Vanga respondeu: «Estas ‘brincos’ acabaram de me sussurrar isso. Ela veio perguntar pelo filho preguiçoso. Chama-a, que eu lhe digo!»

Sobre flores, falou longamente também com o escritor soviético Leonid Leonov, em 1980. Disse-lhe que o seu magnífico jardim lhe provocava inveja: sabia que ele também sabia comunicar-se maravilhosamente com as flores, e elas davam-lhe inspiração, ajudavam-no a escrever livros. Repreendeu-o por ter oferecido o filodendro que tinha em casa à União dos Escritores, dizendo-lhe que arranjasse imediatamente outro, pois essa planta também era para ele fonte de inspiração criativa.

Sobre flores, plantas e ervas, Vanga conversou também com o conhecido pintor indiano Svetoslav Roerich. Quando ele lhe perguntou sobre ervas medicinais, Vanga observou: «É outro tema grande para conversa. O mundo começou com ervas e com ervas terminará. Mas as ervas de um país só curam as pessoas que nele vivem. Assim foi predestinado. Para que cada um se cure com as suas ervas.»

ATIVIDADE CURATIVA

De facto, o tema da saúde, do diagnóstico e do tratamento de várias doenças ocupa um lugar importante na atividade de Vanga. Ela considera que quase todas as doenças podem ser tratadas com ervas. Afirma que a Bulgária é um país abençoado, pois também cá crescem muitas plantas medicinais. Vanga está convicta de que está próximo o dia em que a humanidade se livrará da terrível doença — o cancro —, porque será encontrado um meio de combatê-lo. Diz: «Há de vir o dia em que o cancro será acorrentado com correntes de ferro!» Quando lhe pedi que explicasse o que isso significava, respondeu que o medicamento que ajuda a curar essa doença deve conter ferro, pois o teor desse elemento no organismo humano diminuiu significativamente.

Na sua opinião, no futuro será descoberto outro medicamento, muito necessário para restabelecer a saúde humana. Será fabricado a partir de hormonas de cavalo, de cão e de tartaruga, porque o cavalo é forte, o cão é resistente e a tartaruga é longeva.

Ao recomendar tratamento com ervas, Vanga aconselha as pessoas a banharem-se com infusões delas, pois o impacto mais eficaz ocorre quando penetram através dos poros da pele.

Vanga nunca contradiz a medicina oficial e reconhece os seus sucessos em todas as áreas. Nesse sentido, as recomendações que dá reforçam, mais do que negam, os métodos clássicos de tratamento. Mas considera que o consumo excessivo de medicamentos é prejudicial, pois assim se fecha a porta pela qual a natureza, com a ajuda das ervas, penetra no organismo humano e restabelece o equilíbrio perturbado no corpo doente.

Vanga alegra-se com as descobertas na área da medicina e acha que o renascimento dos métodos de acupuntura tem grande importância. Mas eis, por exemplo, o que disse a um médico que a visitou recentemente e que pratica acupuntura.

Vanga: «O tratamento com agulhas é correto, mas para obter sucesso é preciso trabalhar não com agulhas metálicas, mas com agulhas de argila — como se fazia na antiguidade. Essas agulhas devem ser aquecidas num braseiro, e não com eletricidade, porque no homem há eletricidade, e assim vós reforçai-la, o que impede a ação correta em determinados pontos.»

O médico objetou que isso significaria um regresso ao passado, e Vanga disse-lhe:

— Pois é, tudo regressa ao passado, olha à tua volta!

Poderíamos extrair da sua atividade alguns conselhos gerais, válidos para todos?

Sim, é possível, embora aqui valha a pena notar que as ervas e os métodos de tratamento recomendados por Vanga para a mesma doença variam de pessoa para pessoa, pois Vanga considera que cada organismo é tão individual que necessita de um tratamento específico. Eis alguns casos em relação aos quais sabemos com exatidão que os conselhos de Vanga trouxeram alívio ou ajudaram a curar.

- A um doente com leucemia, Vanga recomendou beber sumo das raízes de malva; a uma criança com a mesma doença — beber sumo dos frutos da malva.

- A um doente com cirrose, disse para tomar leite materno misturado com farinha branca.

- Aos pais de uma criança que, durante o sono, batia com a cabeça na parede, aconselhou banhá-lo no orvalho da manhã. O banho devia ser feito da seguinte forma: estender um pano limpo num prado coberto de orvalho matinal, recolher o orvalho das ervas e plantas. Depois, enrolar a criança nesse pano embebido em orvalho. O pai, após cumprir as indicações de Vanga, veio pessoalmente informar que a criança se acalmara e se sentia bem. Vanga dá grande importância ao orvalho da

manhã, pois considera que, ao amanhecer, as plantas libertam muitas substâncias curativas.

- Aos pais de uma criança que, há mais de dois meses, ardia com febre alta, Vanga recomendou banhá-lo em água onde tivesse sido cozida uva verde.

- A uma pessoa que sofria de eczema, mandou trazer um ramo de flores silvestres, cozê-las e banhar-se nessa água.

- A uma mulher que sentia comichão em todo o corpo, mandou cozer um quilo de cevada e banhar-se nessa água.

- A um jovem com problemas renais, aconselhou beber chá de sementes de abóbora, triturar dois pacotes de sementes de linho, fazer uma compressa e aplicá-la no local doloroso.

- A uma pessoa intoxicada no trabalho por vapores nocivos, aconselhou manter os pés em água morna à noite.

- A uma mulher que sofria com humidade no local de trabalho e com excesso de fadiga, recomendou espalhar numa tela uma mistura fina de cera, azeite e água e enrolar as pernas com ela.

- Uma criança com epilepsia devia ser banhada em água onde tivesse sido cozido feno silvestre.

- A uma mulher que, durante dez anos, sentia dores no peito, disse que tinha a pleura inflamada e recomendou fazer compressas com massa fermentada com kvass (*fermento*) caseiro, adicionando 100 g de vinagre, 100 g de óleo de girassol e 100 g de vinho. Aplicar no local doloroso.

- Uma criança nervosa devia ser banhada em água onde tivesse sido cozido feno silvestre.

- A quem sofria de sinusite — pingar no nariz gotas de ciclâmen.

- A uma pessoa atormentada por tosse, recomendou beber, durante uma semana, chá de sementes de linho e, em geral, não beber água fria.

- Como medida preventiva contra doenças cardíacas, aconselha a cada pessoa, quatro vezes por ano, durante quatro dias, beber infusão de flores de espinheiro-alvar.

- A um visitante com erupções cutâneas, recomendou banhar-se em água onde tivesse sido cozida casca de carvalho.

- A quem sofria de asma — beber decocção de flores de tussilagem.

- A uma mulher que se queixava de um «caroço» no corpo, disse para preparar uma mistura de cera de abelha em pó, losna e rakia e aplicar no local doloroso.
- A um doente com reumatismo neurálgico — tomar banhos de sol, depois de untar os membros dolorosos com uma mistura de gordura e óleo de arma.
- Aos pais de uma criança de quatro anos com problemas intestinais, disse que a alimentavam mal e aconselhou limitar a gordura na sua dieta.
- Em estado pré-infarto, recomenda beber, durante 4 dias, em jejum, chá dos frutos do espinheiro-negro.
- Em caso de gastrite, beber decocção de erva de ornitógalo (*erva-de-São João*).
- A uma mulher que sofria de dores de cabeça devido a fortes emoções, disse para tomar, antes de dormir, uma colher de açúcar com água.
- A uma mulher que se queixava de arritmia de origem nervosa — ralar meio quilo de limões, misturar com mel. Tomar de manhã e à noite uma colher de sopa.
- Uma menina de nove meses teve hemorragia menstrual. Vanga aconselhou pegar num punhado da terra que, na primavera, as formigas atiram para fora do formigueiro, escaldá-la com água a ferver e segurar a menina sobre o vapor. Pouco depois deste procedimento, a hemorragia parou.
- O diabetes e a psoríase, Vanga considera-os consequência de um forte stress, medo ou experiência muito desagradável.
- Na fase inicial do diabetes, recomenda beber decocção das pontas dos ramos de amora-silvestre e diz que a doença não progredirá.
- Segundo Vanga, a úlcera é resultado da ingestão de comida mal mastigada e quente.
- A asma, na maioria dos casos, surge devido ao consumo de bebidas frias em estado de fadiga.
- A perturbação do metabolismo provém muitas vezes de uma alimentação incorreta.
- A mastite nas mulheres resulta do uso de roupa interior e vestuário apertado.

- Os tumores, na maioria dos casos, aparecem após quedas ou traumatismos; podem manifestar-se muito tempo depois.
- As doenças renais são, na maior parte das vezes, consequência de constipações.
- A infertilidade nas mulheres surge geralmente como resultado de relações sexuais precoces, medo de engravidar, uso de roupa interior muito apertada, constipações; causas quase idênticas estão na base da esterilidade nos homens.

E assim por diante.

O meu irmão Dmitry Gaygurov conta também muitos casos curiosos. Um deles:

— Vou todos os dias a casa da tia e tive várias vezes oportunidade de a observar em diferentes estados, bem como o seu comportamento, e de estar presente nas suas sessões. Quero contar uma experiência minha relacionada com ela. Aconteceu em 1988.

Três dias antes, a tia estava calada, pensativa, não queria falar com ninguém e pedia que não a incomodassem. No quarto dia, chamou-me e mandou-me sentar ao lado dela. Ficámos assim sentados e em silêncio durante algum tempo. De repente, virou-se para mim e, com uma voz desconhecida que me provocou arrepios, disse: «Eu sou o espírito de Joana d’Arc e cheguei de longe. Vou para a Anatólia, porque lá se está a derramar muito sangue neste momento, e vou ajudar a estabelecer a paz.»

Fez-se uma curta pausa, após a qual a voz continuou: «Não acusem esta alma de nada, porque ela não é de vós, nem de ninguém. Há uma testemunha. É a tua mãe (a irmã de Vanga — Lyubka — nota do autor), que a carregou numa bacia quando ela estava no leito de morte. Nesse instante, a alma dela partiu, outra se instalou nela e ela recuperou para continuar a sua vida terrena. Ela não é vossa parente e não sabe reconhecer-vos.» Fez-se nova pausa curta, e depois ouvi: «Ela deve entrar em Notre-Dame e passar uma noite em vigília, pois através dela vos serão revelados grandes segredos sobre o mundo e, em particular, sobre ela própria.»

Seguiu-se um longo silêncio, a minha tia foi voltando lentamente a si, a forte palidez que lhe cobria o rosto foi desaparecendo aos poucos, mas passou o dia inteiro apática e abatida. Que milagre foi aquele, não consigo explicar de todo.

Lembro-me também de outros casos estranhos, especialmente os relacionados com os seus métodos de tratamento.

... Uma noite, veio a nossa casa o meu amigo B. P., da aldeia de Kolarovo. Mais exatamente, trouxeram-no os irmãos. O meu amigo tivera

subitamente um ataque de loucura e atirara-se aos familiares com um machado. Era um homem forte e violento, por isso os irmãos amarraram-no com cordas. Fui ter com a tia, acordei-a a meio da noite e perguntei o que fazer. Ela disse: «Comprem um cântaro novo, encham-no com água contra a corrente do rio e, com essa água do cântaro, deem três vezes sobre o doente. Depois, atirem o cântaro por cima do ombro para que se parta, mas não se virem para trás!»

Quis sugerir aos conhecidos que adiassem o tratamento para de manhã, mas vi que o meu amigo estava fora de si e, quer fosse vergonha ou não, fui acordar o oleiro que morava perto de nós; embora muito intrigado com a minha visita a meio da noite, deu-me o vaso necessário.

O rio em Petritch passa no centro da cidade, e a nossa casa fica numa margem mais alta. Descemos ao rio e fizemos tudo como a tia mandara. A bem dizer, ainda bem que era tarde, porque o nosso «ritual» no rio parecia estranho a qualquer um. Mas o principal é que, depois de lhe deitarem a água, o meu amigo amoleceu, dormiu a noite toda e, de manhã, acordou como pessoa normal.

Outro caso:

Veio ter com Vanga um jovem, operador de bulldozer, que ferira o joelho durante trabalhos de drenagem de um pântano. Desde então, a perna inchava, supurava e os médicos disseram que teria de ser amputada. Mas a tia aconselhou-o a encontrar uma rã, se possível na mesma zona onde se ferira, tirar-lhe a pele e aplicá-la no local doente. O visitante da tia cumpriu a recomendação. Depois, dormiu dois dias a sono solto, embora antes não conseguisse dormir sequer com doses elevadas de soníferos; ao acordar, viu que a ligadura caíra e que nela estava um núcleo purulento (como o de um furúnculo), com cerca de 10 centímetros de comprimento. Em apenas uma semana, a ferida cicatrizou e a perna foi salva.

Admirei-me com este remédio, mas depois li numa revista de ciências naturais que na pele da rã foram descobertas substâncias extraordinárias: mesmo que uma cobra venenosa a pique, ela não morre, porque essas substâncias neutralizam o veneno.

- Há muito tempo, senti uma dor aguda no antebraço esquerdo, que depois muitas vezes me impedia de dormir. Fui ao médico, que me disse que era depósito de sais e que o tratamento seria difícil e demorado.

Pedi conselho à tia, e ela disse-me para pegar em dois pacotes de incenso, triturá-lo em pó e misturá-lo com 50 g de vinagre de maçã. Depois, espalhar a mistura num pano de lã e aplicá-lo no local doloroso durante três noites seguidas. Desde então, a dor desapareceu como por encanto.

- Um amigo meu de Petritch teve uma dor idêntica, mas Vanga recomendou-lhe outro remédio: impregnar um pano de lã com gasolina, aplicá-lo no local doloroso e, por cima, pressionar com um prato de cobre aquecido (o suficiente para suportar o calor), e realizar três sessões. A dor dele também desapareceu.

- M. T., de Petritch, tinha uma verruga na mão que a incomodava no trabalho e, sem querer, arranhou-a. Uma semana depois, apareceram verrugas por todo o corpo. A tia aconselhou a mulher a encontrar a erva delphinium, triturá-la em pó e polvilhar a verruga que surgira primeiro. Após este procedimento, todas as verrugas desapareceram do corpo da mulher.

- K. S., da cidade de Ruse, tinha um filho doente com asma, razão pela qual vivia em Sandanski. Vanga mandou-o colher 40 folhas de tussilagem e trazer-lhas juntamente com meio litro de rakia. Depois de pegar nos objetos, disse ao pai para macerar as folhas na rakia e aplicá-las no peito da criança. Após esta terapia, os ataques cessaram.

- K. B. sofria há longos anos de hemorróidas internas e não conseguia curar-se. Vanga disse-lhe para encontrar a erva visco-branco que cresce em pinheiros (planta parasita interessante, cujas sementes se fixam na casca das árvores, mas morrem se caírem no solo). Depois, picar os caules da planta num copo de água e deixar de um dia para o outro; de manhã, beber essa infusão. As hemorróidas desapareceram.

- A. P. curou-se de diabetes em fase inicial com a seguinte receita de Vanga: ela pegou em vagens de feijão (aproximadamente 3 kg), e depois disse para cozer essas vagens e beber um copo da decocção todas as manhãs em jejum.

A irmã Lyubka guarda uma espécie de enciclopédia onde estão registados casos de recuperação de doentes, bem como muitos conselhos de Vanga. Aqui estão alguns:

- Andai descalços no verão, aconselha Vanga. Não interrompam a ligação com a terra. No verão, as crianças devem correr nuas e descalças. Deixai-as sujar-se, deixai-as brincar em todo o lado, isso protegê-las-á no inverno de todas as doenças. Não castigueis as crianças com comida seca.

- Além do banho, é necessário lavar os pés todas as noites.

Muitas vezes, com Vanga, fazemos aulas de «botânica». Levo-a pelos prados em Rupite, e ela, como professora, explica-me pacientemente. Não sei como nem o que ela «vê», mas até me aponta com o dedo: «Esta ervinha ao pé de ti, sabes qual é?» Sei, respondo. «Pois os frutos dessa ervinha são um excelente alimento para crianças anémicas; olha agora para esta planta grande

com três folhas. Quem a cultiva em casa tem pesadelos à noite, especialmente quando floresce. Aqui estão, todos falam comigo! Esta flor, que parece um sino, foi trazida de um país onde há muita inquietação. Agora sinto o cheiro de aipo. É um excelente remédio contra reumatismo. Que façam salada dele em todas as casas. E a menta é remédio para perturbações gástricas. A erva que cresce ao longo do canal é um ótimo medicamento para crianças que sofrem de incontinência urinária. E esta, que agora pisámos, é remédio para feridas de difícil cicatrização... As plantas falam-me, mas são muitas e eu consigo lembrar-me de poucas...»

- Curou um jovem médico de erupções cutâneas, mandando-o beber durante vinte dias decocção de sementes de ervilhaca.
- A uma criança doente com amígdalas inflamadas e adenoides aumentadas, recomendou fazer uma compressa com massa macia polvilhada com caules finamente picados da erva senécio e colocá-la à volta do pescoço, como uma gola. O procedimento não deve ser feito mais de 1—2 vezes, por meia hora cada. A inflamação desapareceu sem deixar rasto.
- Vanga: «Para a icterícia, há um remédio muito simples que elimina a doença em três dias sem deixar vestígios. Assim que a doença for detetada, durante 3 dias e de manhã, beber o sumo de 1 limão misturado com 1 colherzinha de bicarbonato de sódio. Beber em jejum.»
- A um jovem doente com leucemia, Vanga aconselhou beber decocção de grãos de trigo, milho, aveia, centeio e milho-miúdo. Mais tarde, o jovem informou que se sentia ótimo e ganhara 5 kg.
- A outro jovem que tinha ataques e todos pensavam que sofria de epilepsia, Vanga disse que se tratava de um nervo pinçado devido a uma queda... Recomendou-lhe pegar numa tela, molhá-la numa mistura de azeite, cera derretida e cera de abelha e aplicá-la ao longo de toda a coluna vertebral — de cima a baixo. Os ataques cessaram.
- A uma mulher que sofria de uma doença fúngica nas unhas, disse para fazer café forte e mergulhar as mãos nele 2—3 vezes.
- A outra pessoa a quem fizeram uma operação sem sucesso nos gânglios linfáticos inflamados devido a infeção, Vanga disse que precisava não de um cirurgião, mas de um dentista, porque, na sua opinião, a infeção era causada por uma prótese dentária mal feita.
- A uma mulher que se queixava de inchaço nas pernas, propôs o seguinte tratamento: dissolver um pacote de sal grosso num balde de água fria. Depois, pegar numa toalha, molhá-la nessa água e aplicá-la na zona lombar. Assim que a toalha aquecer, repetir o procedimento.

Como resultado do tratamento, saiu muita água do organismo da mulher e as pernas deixaram de inchar.

Lyubka: «Quando éramos pequenas e tínhamos malária, Vanga tratava-nos da seguinte forma: num recipiente esmaltado limpo, colocado ao sol, punha um ovo de galinha fresco e adicionava 200 g de vinagre de vinho puro. Até à manhã seguinte, a casca do ovo dissolvia-se. Então, Vanga batia bem essa mistura e dava-nos a beber em jejum.»

• *Quando alguém se intoxica com peixe, Vanga recomenda que tome imediatamente uma colher de sopa de anisete* misturada num copo de água. Uma vez, eu própria me intoxiquei com carpa recheada e senti-me muito mal. Passei a noite a vomitar e, na manhã seguinte, desmaiei mesmo na escada. Vanga gritou-me que bebesse imediatamente anisette, senão morria. Cinco minutos depois, senti-me melhor e, aos poucos, tudo passou.*

(NT: No original búlgaro, o termo usado é quase certamente "маслика" (*mastika*) ou "анасонова ракия" (*anasonova rakia*) – uma bebida alcoólica tradicional búlgara (e dos Balcãs) feita de rakia (aguardente de fruta, geralmente uva) aromatizada com sementes de anis (*anason*).

Não percebo nada de ervas nem de tratamentos com ervas, por isso prefiro pôr aqui um ponto final. Existem milhares de casos que comprovam as extraordinárias capacidades de Vanga como curandeira, mas aqui não podem ser descritos, nem são o objeto deste livro. Cabe aos especialistas avaliar as suas capacidades e dizer se nas suas recomendações e conselhos há um grão racional. Os exemplos acima são apenas uma pálida ilustração da sua atividade multifacetada. E, mesmo assim, perguntemos todos juntos a Vanga: como pode o ser humano preservar o dom inestimável — a saúde?

«Como? — responde ela. — É muito simples. Não tenho conselhos especiais, e cada um de vós sabe o que não deve fazer. Antes de mais, de maneira nenhuma comer em excesso — a comida já está estragada com tantos fertilizantes, e todos os órgãos do corpo humano ficam sobrecarregados com quantidade excessiva de alimento. Se nos fosse necessário comer tanto, a natureza ter-nos-ia dado dois estômagos, e não um só, não é verdade? Digo muitas vezes aos responsáveis agrícolas: 'Devem semear muito centeio, as pessoas precisam de comer pão de centeio para preservar a saúde e sobreviver. Nos tempos de hoje, o centeio tem enorme importância.'

Comam mais alimentos brancos. Bebam com mais frequência chá silvestre. Reduzam a quantidade de gorduras na vossa dieta. Quem está saudável deve reduzir gradualmente a quantidade de carne consumida e, no fundo, abandonar a carne.

Comam pelo menos uma vez por semana trigo cozido e bebam a água para terem força.

Não fumem.

Podem tomar antes das refeições 20—30 gramas de rakia — para desinfecção. Mexam-se mais e trabalhem mais.

Deitem-se cedo — às 22 horas, levantem-se cedo — às 5—6 horas, é o melhor período para descansar, para depois não ficarem nervosos e tensos.

Elevem a limpeza a culto. Não tomem banho com água muito quente, usem mais frequentemente sabão caseiro. Tenham cuidado, porque (anotei estas palavras dela em 1981) muitas doenças desconhecidas aparecerão. As pessoas cairão na rua sem causa aparente e sem sinais visíveis de doença, e isso ainda é evitável, porque está nas vossas mãos.»

Não abusem dos fertilizantes e químicos, porque a natureza já está a sufocar. Há de vir o dia em que da face da Terra desaparecerão várias plantas, vegetais, animais — primeiro a cebola, o alho, a pimenta; depois as abelhas, e o leite tornar-se-á prejudicial.»

O SER HUMANO E A SUA SAÚDE ESPIRITUAL

Vanga considera que, antes de mais, é necessário preservar a saúde espiritual. Eis o que ela diz sobre isso: «Todo o ser vivo, toda a Terra e todo o Universo obedecem a um ritmo e ordem estritamente determinados. A violação dessa ordem, mesmo na mais pequena medida, leva a erros enormes, por vezes fatais, pelos quais depois todos nós pagamos.»

— Muito bem, e como podemos respeitar essa ordem?

— Como? Não violando a harmonia!

— E como alcançar a sintonia com ela?

— Esforcem-se por ser bons... Tomemos, por exemplo, uma árvore. Chega a primavera e ela cobre-se de flores, mas nem todas dão fruto; as restantes foram vazias, só para enfeitar. Um bom dono olha para ela e diz: «Esta árvore é bravia e inútil, não dá proveito, por isso há que cortá-la!»

E nós não temos o direito de ser inúteis e não trazer proveito, porque cada ser humano — seja qual for — veio a esta Terra com uma tarefa determinada: preservar a vida em todas as suas manifestações, para que ela se possa desenvolver em nome de objetivos superiores, sobre os quais ainda nada sabemos.

Temos nós o direito de negligenciar esta responsabilidade majestosa, dando rédea solta às nossas qualidades negativas e assim atrasando o desenvolvimento e o progresso — para a frente e cada vez mais alto?

Reforcemos esta conversa sobre moralidade com alguns exemplos que sugerem o que Vanga tinha em mente.

...Um homem idoso, cansado e modestamente vestido hesita, envergonhado, diante de Vanga e acaba por perguntar: «Diz-me, irmã, o que hei de fazer e para onde hei de ir? A minha mulher morreu e fiquei completamente sozinho!»

Vanga: «Como assim — sozinho? Tens sete filhos.» — «Sim — responde o velho —, mas eles têm as suas preocupações, não ligam a mim e esqueceram-se de mim.»

Vanga calou-se um pouco e depois disse:

— Ouve o que te vou dizer: para aqueles que são esquecidos pelos filhos, o nosso Estado criou todas as condições para uma velhice tranquila. Ele cuidará também de ti. Ainda te esperam longos anos de vida e, se me escutares e aceitares os cuidados do Estado, viverás melhor do que agora. És pai e sei que te vai doer, mas fica sabendo: os teus filhos pagarão cruelmente por terem esquecido o seu dever filial. Nada nesta vida fica impune.

...Um casal sem filhos vem ter com Vanga para perguntar se terão um filho. A mulher sente-se completamente destroçada. Desesperara, porque o marido a repreende constantemente, considerando-a culpada. Vanga, enfurecida, dirige-se ao marido: «Quem te deu licença para maltratares a tua mulher? Onde sabes que é ela a culpada por não terem filhos? A causa está em ti, e a tua culpa é maior. Vão os dois ao médico e curar-se-ão. Terão um filho!»

...A uma mulher que diz que não pode ter filhos, aconselha que adote uma criança, porque há muitas mães indignas que voluntariamente se privam das alegrias da maternidade. A natureza recompensa igualmente quem dá à luz uma criança e quem a cria. A grandeza da mãe que adota e educa uma criança não é inferior à daquela que a deu à luz. «Até o teu mérito será maior, porque o teu coração está aberto ao amor e levarás o nome de 'mãe'.»

...Uma mulher desesperada pergunta a Vanga: «Como hei de trazer de volta para casa a minha filha, que seguiu um mau caminho? Ela não nos suporta, não nos respeita e não quer voltar para casa!» Vanga diz: «Trá-la até mim! E a ti digo o seguinte: és tu a culpada pelo mau comportamento do teu filho. Fazes tudo por ela, não lhe dás nenhum trabalho, serves-lhe tudo de bandeja, compras o que ela quer, tremes por ela — só para que esteja bem, só para que seja fácil. E o que acontece — dás tudo para em troca não receberes nada. A lei no nosso país devia ser alterada: quando julgarem essas crianças

mimadas e desregradas que cometem crimes, deviam mandar para a prisão os pais, e não as crianças!»

«Uma vez, pedi à irmã — diz Lyubka — que recebesse a minha amiga, que eu julgava estar muito doente. ‘Não, ela não está doente, é uma mulher muito má! Quer que tudo neste mundo seja só para ela e para os filhos dela. Deixa que ela te conte em que barraca cresceu e agora vive bem, mas tudo lhe é pouco — dá-lhe vários carros, apartamentos, vilas — e a ganância vai destruí-la. É uma doença de que não há cura!’»

Uma mulher muito obesa veio ter com Vanga e perguntou se lhe dariam um apartamento, porque há muitos anos se aperta num quatinho pequeno com os filhos e tem de suportar condições de vida muito más. Vanga, enfurecida, bateu com o pé no chão e exclamou: «Que apartamento ainda? Tu carregas às costas duas casas. Ora diz lá, o que não está certo! Eu vejo! Vendeste a casa dos teus dois maridos e gastaste o dinheiro em futilidades. Então, que casa estás agora a pedir? Se dependesse de mim, não te dava apartamento, porque não tens direito a mais.»

E agora um exemplo ainda mais interessante.

Uma vez, vieram ter com Vanga um casal idoso de uma aldeia perto de Pleven para partilhar as suas mágoas. De repente, a meio da conversa, Vanga virou-se para o velho e perguntou:

— Diz-me, porque é que, para onde quer que vás, arrastas uma corda atrás de ti?

O velho não soube o que responder, mas a velhinha percebeu e contou a seguinte história.

Quando ainda eram jovens e saudáveis, tinham uma grande plantação de melancias e ganhavam muito dinheiro com a venda delas. Uma vez, quando levavam o produto para o mercado, uma criança trepou para trás da carroça e levou uma melancia. O avô ficou terrivelmente zangado, pegou numa corda grossa e bateu cruelmente no rapazinho endiabrado. A avó mal conseguiu tirar o menino das mãos do marido enfurecido.

— Vais pagar por essa falta, avô — pronunciou o seu veredito Vanga. — Que grande lucro é uma melancia?

Difícilmente haverá um problema da vida quotidiana que não chegue à porta da casa de Vanga. A este respeito, gosto muito de uma frase de um dos seus admiradores: «Mesmo que ela não te preveja nada, basta ir ter com Vanga pedir conselho, pois ela lê o livro da vida.»

Uma vez, perguntei-lhe:

— Afinal, o que é o ser humano?

Vanga riu-se e respondeu:

— Nesta pergunta está também a resposta: um ser vaidoso que se ocupa constantemente de autoanálise, auto-observação, procura sempre e nunca se encontra a si mesmo, mas isto, claro, é uma brincadeira. Se olharmos de cima, como parte de um enorme Universo, o ser humano é uma minúscula partícula de pó perdida na infinidade, mas carregada com uma «faísca divina». Por isso, muitas vezes se eleva acima da sua própria estatura; conduz uma busca incessante, investiga, desvenda os mistérios do universo, faz descobertas espantosas. Já lançou um olhar decidido para o céu e não teme os seus desafios.

Lembra-te! Daqui a 200 anos, o ser humano estabelecerá contacto com irmãos de razão de outros mundos. Primeiro, um aparelho húngaro captará um sinal do cosmos... E a verdade sobre esse cosmos deve ser procurada nos antigos livros sagrados! (Conversa gravada em maio de 1979 — nota do autor.)

— E até lá?

— Até lá, à humanidade está destinado viver muitos cataclismos e muitos eventos turbulentos; também a consciência das pessoas mudará. Virão tempos difíceis, as pessoas dividirão-se em grupos por fé. Virá ao mundo o ensinamento mais antigo. Perguntam-me: «Vai chegar depressa esse tempo?» Não, não depressa. A Síria ainda não caiu! (1980)

— Às vezes, vou ter com a irmã muito cedo — diz Lyubka —, antes de ela começar a receber visitantes, e muitas vezes encontro-a muito cansada. Pergunto-lhe por que não dormiu, e ela responde-me: «Não consigo dormir, porque passei a noite toda nas zonas mais tensas da Terra e vejo eventos terríveis... Gostaria agora de dormir, quando as pessoas já acordaram, mas não consigo, porque os visitantes esperam por mim!...»

— Depois da grande inundação em Skopje — continua Lyubka —, fomos de visita a Strumica, a casa de um velho conhecido nosso — Pande Ashkapov. Ele estava muito abatido, porque a casa dele em Skopje ficara meio destruída pela inundação, e perguntou à irmã o que devia fazer: reparar a casa velha ou juntar dinheiro para uma nova? E Vanga disse: «Para que queres uma casa nova, homem! Foges de Skopje, porque muito em breve lá acontecerá algo terrível. Fica-te em Strumica.»

Uma semana depois, houve um forte terramoto em Skopje, que causou muitas desgraças.

O SER HUMANO E O SEU TEMPO INQUIETO

No início de 1968, Vanga mergulhou várias vezes em transe e gritava: «Lembrem-se de Praga! Lembrem-se de Praga! Grandes forças pairam sobre a cidade e gritam: ‘Guerra! Guerra!’ Praga transformar-se-á num lago onde pescarão peixe!...»

Era assustador ouvi-la. Há muitas testemunhas que ouviram estas palavras, porque ela as repetiu várias vezes.

Depois, todos nós fomos testemunhas dos eventos na Checoslováquia, mas o que ela queria dizer com Praga se transformar num lago de pesca, ainda hoje não entendemos. Normalmente, ela não explica nem interpreta o que diz, especialmente quando se trata de eventos importantes e decisivos, dizendo que ela própria não os compreende.

Vanga evita falar de política, e tem as suas razões para isso, porque as suas palavras podem ser interpretadas de várias formas. Mas, mesmo assim, por vezes, embora raramente, toca em temas semelhantes. Eis uma conversa interessante que teve em 1981 com o jornalista libanês Abdel Amir Abdallah, que partilhou as impressões do encontro num artigo publicado no semanário político «Al-kitah al-arabi», editado em Beirute.

O seu relato chegou até nós numa tradução do italiano. Foi publicado na revista «Bulgaria d’Oggi» (n.º 2 de 1982). O jornalista era hóspede da agência Sofia Press. Transmitimos o seu relato em versão abreviada.

«Em casa de Vanga.

A sala, como tantas outras. Ao centro — um refletor. Vanga estava sentada num sofá coberto com um tapete às riscas azuis e laranja. Tentei concentrar todas as forças espirituais para não cair sob a influência desta mulher. Tirei os óculos e olhei para os rostos das outras três mulheres sentadas num canto da sala. Tudo parecia gravar-se na minha consciência.

Reinava o silêncio. Era inspirado pelo rosto de Vanga.

Depois, Vanga ergueu a cabeça e disse com voz forte e confiante, refletindo uma vontade inabalável:

— Jornalista libanês, aproxima-te e senta-te aqui! O motorista que saia!

Foi o primeiro sinal que demonstrou a força de Vanga. Como soube ela que o motorista estava na sala?

— Dá-me um pedaço de açúcar, jornalista libanês!

Tirei o açúcar do bolso e pus na mesa, para ver como ela o pegaria. Sem qualquer esforço, estendeu a mão e pegou no açúcar. Depois começou a apalpá-lo. A mão movia-se com segurança.

Vanga virou-se para mim e tive a impressão de que me observava com uma visão interior. Depois disse:

— Usas óculos, que pões principalmente em encontros importantes e noutras ocasiões semelhantes. Porque os tiraste agora?

Segundo golpe que Vanga desferiu na minha desconfiança.

— Ouve — disse ela —, o teu pai e a tua mãe estão vivos e neste momento estão no Líbano. Neste instante, a tua mãe está em casa, o pai não; talvez esteja no campo. Vives na cidade e fazes jornalismo há doze anos. Escreves sobre serviços, mas podes escrever também sobre política. Mas a tua contribuição nessa área é pequena, escreves raramente sobre política. Em 1982—1983, alcançarás grandes sucessos no trabalho. Terás sete filhos e, quando fizeres 42 anos, serás testemunha de uma grande guerra, mas não te direi quem a desencadeará.

Seguiram-se exclamações desconexas, parecia que ou dava uma ordem ou expressava admiração por algo.

— És muçulmano e cumpres as festas do calendário muçulmano. Tendes um grande texto sagrado — o Corão. Devias lê-lo por completo, prestando especial atenção aos capítulos 9, 10, 11 e 12.

Vanga continuou:

— Em 1984, a Síria travará uma grande guerra, porque os eventos complicar-se-ão muito. Estiveste em Jerusalém? Agora vejo Bagdade. O que é isso Bagdade? Vais lá.

Ela continuou a falar, sem me dar oportunidade de fazer perguntas.

— Os problemas virão ao Líbano do norte e do sul, do leste e do oeste. Vejo o Nilo. O que é isso o Nilo? Também lá estarás. Diante de ti há muitos caminhos.

Ouve, jornalista, debes respeitar muito a tua mãe. Deves lembrar-te de que ela quer algo de ti.

O Líbano está cercado por línguas de fogo. Há muitos frutos vermelhos e muita água. Mas no vosso país não há nem haverá petróleo.

Depois, Vanga perguntou-me:

— Quem te falou de mim?

— O editor-chefe Walid al-Husseini queria falar contigo.

Vanga calou-se um pouco e depois voltou a apalpar com os dedos o pedaço de açúcar.

— Agora, no Líbano, há muitas máquinas armadas. Em maio de 1982, o vosso céu escurecerá. — Depois continuou: — No Líbano há muitos comités, mas eles nada podem fazer. As trincheiras ficarão abertas e as barricadas não serão destruídas.

Quem foi o vosso profeta? Aquele que prega e olha para três planetas? Vejo a sua alma entrar na minha sala.

Quem é este Elias Sarkis? O vosso presidente, cristão, solteiro, de origem árabe. Bom político. Mas agora no Líbano há muitas tropas.

As vossas relações com a Síria devem sempre ser muito boas. No futuro, essas relações serão ainda melhores.

Vanga ficou um instante em silêncio e depois acrescentou:

— Ouves, neste momento em Beirute está a haver guerra.

Depois disse:

— Este fogo será apagado, mas depois voltará a acender-se.

Em seguida, perguntou-me:

— Aprovas esta guerra?

Respondi:

— Não, não aprovo.

A senhora Vanga disse-me isto a 2 de dezembro de 1981, às 8 horas e 45 minutos.

Ao regressar ao Líbano, procurei nos arquivos um material que dizia que nesse dia, na parte ocidental de Beirute, se travava um combate sangrento entre apoiantes de duas organizações.

Normalmente, Vanga não fala de política. E todos avisaram-me disso. Mas por que razão comigo falou precisamente de política? Talvez porque eu estava preocupado com a situação política no país e pensava no futuro do Líbano? Pensei nisso antes do encontro com Vanga, e à noite, antes de adormecer, e os meus segredos ficaram impressos no pedacinho de açúcar, e Vanga depois os decifrou com os seus sentidos e os vestiu com palavras.

Ao regressar a Sófia, pensei muito nesta mulher, cujo dom é reconhecido pelo Estado. No hotel, refleti sobre o que Vanga dissera e cheguei à conclusão de que não valia a pena publicar o que dizia respeito a mim pessoalmente, e muito menos a todos nós, e em primeiro lugar à minha pátria, o Líbano.

Porquê? Porque, se o que Vanga disse se confirmar, será horrível! Queria acreditar que eram apenas palavras.

Ora, «boa sorte» ao Líbano, se Vanga tiver razão!»

Sobre a situação política e o futuro da Nicarágua

Vanga falou com um alto representante desse país em 1978. O visitante expressou a esperança de que, talvez, a situação lá se normalizasse em breve, ao menos em parte, mas Vanga observou:

— Não, aí ainda se derramará muito sangue. Rios de sangue. O que vos espera, nem imaginam!

Véspera de Natal — 24. XII. 1981. Estamos ao lado da lareira com Vanga e olhamos para os toros a consumirem-se. Há uma velha crença: pela forma como a lenha arde e como ficam as brasas, pode-se julgar como será o ano seguinte. Observamos o jogo caprichoso das chamas e ficamos em silêncio. A «matriarca» da nossa família é Vanga, e pedimos-lhe que diga se o ano vindouro será feliz. Ela, naturalmente, não pode ver o fogo na lareira, mas «calcula» os sinais com o seu dom incrível:

«Em 1981, o planeta esteve sob sinais muito maus, mas o ano seguinte será povoado por novos «espíritos». Deles emanará óleo e muita esperança. 1981 nada deu às pessoas, mas tirou muito a todos, a todos nós...

Seguir-se-ão outros anos em que cidades e aldeias ruirão em terremotos e cheias, cataclismos naturais abalarão a Terra, gente má levará a melhor, e haverá incontáveis ladrões, bêbados, delatores e prostitutas.

Entre as pessoas criar-se-ão laços frágeis e duvidosos, condenados ao rompimento desde o início. Os sentimentos desvalorizar-se-ão fortemente e só a falsa paixão, ou melhor, a ambição e o egoísmo, se tornarão estímulos nas relações humanas.

1982 será o ano que brilhará com nova luz boa. A Terra será povoada por novas almas, e algumas delas serão vistas. Uma luz mais viva brilhará em Jerusalém.

Virão pessoas que não têm cultura, mas conhecimento. Virá a palavra «Volga», e ela se elevará sobre o planeta.

1981 trouxe infortúnio a muitas pessoas, levou muitos líderes. 1982 será favorável à cultura, mas chegará o dia para as pessoas que trabalham nessa área em que as separarão, como trigo da feijão. 1982 trará muitas coisas novas e bem. A sua força começará a 22 de março. Será um ano de jejuns, reinos e forças, e começará na primavera, quando a flor diz: 'Eu broto' — e as aves regressam do sul.

Haverá muitas mudanças, virão novas pessoas, outras serão despedidas, muitos postos serão ocupados por mulheres, cujo novo serviço não será vocação para elas. Muitos irão para a reforma por medo, a outros varrê-los-ão

como com uma vassoura no verão-outono de 1983. Esperem mudanças para melhor.»

Se se perguntar a Vanga com que pessoas gosta mais de falar, ela responderá:

— Para mim, todos são iguais.

Em apoio a esta afirmação, conta muitas vezes uma parábola: «Chegou o tempo em que o Senhor Deus ordenou abrir todas as sepulturas da Terra e enviou um anjo para ver o que havia nelas. Quando o anjo regressou ao céu, Deus perguntou-lhe: ‘Diz, o que viste? Viste quem era soldado, quem era pessoa comum, quem era juiz?’ ‘Não, ó Senhor — respondeu o anjo —, vi apenas ossos brancos debaixo da terra!’»

Perguntam muitas vezes a Vanga: «Não te fartaste destas pessoas que vêm todos os dias ter contigo?»

«Não — responde ela (gravado em fita magnética, 1983) —, fartam-me só as velhinhas que não ouvem. Repito-lhes, repito-lhes, e elas voltam e gritam: ‘Repete mais uma vez!’»

— E mais me fartam as mulheres que caem por qualquer homem — diz-me, não me arranjar um amante? Não, digo, fica em casa e atura o marido.

«Mas não o posso aturar, tenho direito à felicidade!» Não percebo que sentido dão à palavra «felicidade»... Provavelmente, as pessoas entendem por felicidade que tudo lhes corra bem, que não haja problemas. Mas não é assim. Não há ninguém nascido só para a felicidade. Eis: um é excelente trabalhador, mas tem problemas em casa; outro tem isso e aquilo, mas não tem saúde; o terceiro é saudável, mas os filhos estão doentes, e assim por diante. Em cada pessoa vivem o bem e o mal. Assim está feito o mundo. Para mim, a felicidade está na paciência da pessoa. Perguntam-me (gravado em fita magnética — nota do autor): «Mas por que há de haver necessariamente o mau, por que não podemos evitá-lo?» — «Porquê? Porque a Terra exige tributo pelo facto de virmos e vivermos nela. Pagamos à Terra como pagamos dívidas pelas nossas casas... Eis, até pelo alojamento de serviço que o Estado dá, também há de se pagar. Assim veio a ser. Por tudo pagamos... Eu vejo o mundo há tantos anos.

Mas os melhores são as pessoas que vivem alto nas montanhas. A mulher pega no fuso e fiadeiro. Lança a ovelha ao pasto e canta. Encontram-se ela e o marido e amam-se à vontade. Olham para os filhos a brincarem no prado e vivem... Já nas grandes cidades passa-se algo terrível: vejo as pessoas afundadas até ao pescoço na lama. Passam diante de mim, e cada uma tem ao pescoço uma tabuazinha: ‘Eu sou hipócrita’, ‘Eu sou ladrão’, noutro ‘Eu sou mentiroso’, no terceiro e quarto: ‘Eu sou vigarista», «Eu sou canalha» e o que mais não se vê. Por isso, muitas pessoas voltaram para as aldeias, e esse processo continuará.»

Suponho que isto interessará a todos, por isso tentaremos distinguir o fenómeno Vanga da sua personalidade propriamente dita, olhar para ela como para uma pessoa comum, uma de nós. Acompanharemos um dia da sua rotina quotidiana.

Às cinco da manhã, ou muito antes, Vanga já está de pé, como ela própria diz: «À noite, só o meu corpo descansa, mas com os pensamentos viajo para longe, muito longe, e vejo muitas pessoas e acontecimentos. No silêncio, ‘vejo’ e oiço como a cada hora tocam os ‘sinos celestiais’, e tudo o que vive obedece a esse ritmo... Que pensas — dirige-se ela a mim —, donde sabem os galos quando caarejar e quando cantam os passarinhos, donde sabe a flor quando acordar e desabrochar ao encontro do novo dia? Tudo obedece a essa voz.»

Depois começa a limpeza (Vanga come pouco e nunca toma pequeno-almoço), porque a limpeza é realmente elevada a culto por ela. Quem esteve na sua casa em Petritch sabe que todas as coisas estão no seu lugar, tudo brilha de limpo. Alguém pode pensar que é uma espécie de mania, mas Vanga dá outra explicação: «Todos os dias vêm ter comigo muitas pessoas. Elas saem daqui limpas, mas ficam comigo as suas doenças, as suas preocupações, as suas más intenções, memórias pesadas e todo o tipo de problemas. É um fardo pesado para os meus ombros, por isso limpo, e fico mais leve.»

Se é verão, dedica algum tempo às flores no belo jardim à frente da casa. Depois, vem o carro do conselho da comuna, e Vanga parte para a localidade de Rupite, que fica a 14 km da cidade. Ali, numa pequena casa afogada em verdura, recebe os seus numerosos visitantes.

Normalmente, veste roupa de cor escura, não só porque é viúva ou porque assim convém à sua idade. «Uma vez, pus uma bela blusa vermelha, oferta de uma americana — conta Vanga —, mas logo uma ‘voz’ me gritou: ‘Não te deixes seduzir pela roupa!’ Tirei a blusa, pus num saco e guardei no armário, onde ainda está.»

Vanga recebe muitos presentes dos visitantes, mas fica só com aqueles que lhe são caros como memória de alguém. O resto distribui-os. Não preza valores materiais, para ela é importante a beleza do objeto e o trabalho nele posto, não o preço.

Vanga diz-nos muitas vezes: «Não procurem o bem-estar à custa das minhas coisas, do meu nome, autoridade e dom, porque o que traz as pessoas até mim é a desgraça, e quem vem ter comigo com pensamentos impuros e fins interesseiros é perseguido e punido cruelmente pela dor humana. Venham ter comigo como verdadeiros amigos, por mim mesma, para que eu vos responda com a minha amizade. Como a minha alma anseia por relações sinceras de amizade! Todos vêm e querem algo de mim, ninguém pergunta o

que quero eu, por que sofro, sobre o que sonho, como me sinto. Eu também sou ser humano vivo, e nada do humano me é estranho!»

Depois entra na sala onde recebe os visitantes e começa as suas sessões. Ouve pessoas diferentes. Dedicar aos visitantes tempo diferente, porque sabe perfeitamente quem precisa das suas palavras e em que grau. A maioria das pessoas sai com a ideia de que não esperou em vão. Àqueles que não estão muito seguros, é preciso dizer-lhes que devem recordar as palavras mais comuns de Vanga, porque elas nunca são ditas ao acaso, e devem ser interpretadas...

O que Vanga diz num momento determinado não pode ser reproduzido e repetido por ela literalmente. Como um radar, com o qual apanha sinais sobre cada pessoa, dá-lhe informação determinada sobre um problema ou quadro específico captado num instante concreto.

Durante as sessões, a memória humana de Vanga não é prestável, e as pessoas lembram-se de muito pouco. E isso não se refere só aos seus visitantes, o que é perfeitamente explicável: as pessoas perdem-se ao contacto com o «sobrenatural», e a memória bloqueia-se. Mas isso diz respeito também a nós, os seus familiares, que estamos sempre ao lado dela e já nos habituámos às suas capacidades sobrenaturais. Lembramo-nos de casos diferentes e das suas previsões acertadas, mas depois verifica-se que lembrámos só uma pequena parte, e cada um diferente.

A este respeito, contarei dois casos.

O escritor Leonid Leonov, que uma vez esteve com ela, decidiu na visita seguinte gravar tudo o que Vanga dissesse, para depois traduzir calmamente e ler o ouvido. Não contava com o tradutor ou com os acompanhantes, porque já sabia que eles lembrariam muito pouco. Estando com Vanga, ligou o gravador e pediu a todos que não se aproximassem dele, para não o danificar ou desligar por acaso.

Desceu sobre Vanga a inspiração, e ela falou de acontecimentos muito importantes para o país dele. O escritor ficou muito satisfeito, mas no hotel em Sófia quase teve um ataque: nem uma palavra do que Vanga dissera foi gravada pelo aparelho.

Contando com o gravador, nós também a escutámos pouco atentamente e lembrámo-nos de quase nada. Perguntámos a Vanga se ele podia voltar, mas ela respondeu que não conseguiria repetir o dito. O momento foi perdido!

Segundo caso. Os escritores P. Ts. e L. G. também gravaram nas duas faixas da fita magnética. Vanga disse-lhes também coisas interessantes «de grande escala», mas quando regressaram a casa e ligaram o gravador, ouviram apenas música folclórica e canções, embora durante a gravação nem rádio nem outro gravador estivessem ligados...

É claro que existem gravações das suas previsões, há alguns anos foi até feito um filme sobre Vanga, que nos parece muito interessante e instrutivo, mas a própria Vanga não aprova nem as gravações nem o filme, porque considera que foi gravado o não essencial, e o que é a essência do seu dom não foi registado nem pelo equipamento mais sensível.

Ao sentir cansaço, Vanga interrompe as sessões. Normalmente, nesses casos, pede à irmã Lyubka que lhe massageie a cabeça. E Lyubka diz que durante o massagem tem a sensação de que os dedos tocam uma superfície incandescente. Faz o massagem com muita cautela, porque a fontanela de Vanga ainda não se fechou, e esse lugar é muito vulnerável nela.

Vanga não é só uma grande obcecada pela limpeza, como também uma excelente cozinheira. Lembro-me de quando éramos crianças e íamos visitá-la a Petritch: ela tratava-nos sempre com pratos muito saborosos. Na altura, admirava-me: como é que ela, sem ver, conseguia acender o fogo no fogão, como sabia o que e quanto devia pôr. Agora, devido à idade, Vanga já não cozinha, mas quando é outra pessoa a fazê-lo, adora dirigir, dar conselhos; zanga-se quando se usa um recipiente inadequado para cozinhar ou se ele não está suficientemente bem lavado. Como é que ela vê todas essas coisas, não sei. Além disso, tem as suas receitas e as suas regras de preparação da comida, combinando num mesmo prato componentes que, na nossa opinião, são incompatíveis, mas o resultado é sempre muito saboroso.

Depois do almoço, Vanga descansa. Raramente dorme, mas gosta de deitar-se em silêncio, ficar sozinha consigo mesma, o que é perfeitamente natural e compreensível. Depois das 17 horas, sente-se novamente disposta. Então, começa a receber os numerosos convidados — familiares, amigos, conhecidos. Vêm de Petritch, de Sandanski, das aldeias vizinhas, de locais mais distantes, até do estrangeiro. Vanga tem uma memória excelente e recorda acontecimentos que ocorreram há muitos anos. Além disso, é uma conversadora notável. Só quem esteve presente nessas reuniões da tarde e da noite pode entender o que quero dizer. Há algo de terno, comovente e patriarcal nessa interação. Sempre que vou ter com ela a essa hora, sinto que Vanga é como Sultana Glaousheva¹, que reunia à volta da lareira a sua numerosa família e conversava com ela sobre vários problemas do quotidiano.

Vanga participa ativamente não só na vida pessoal, mas também na vida pública das pessoas desta região. Expressa a sua opinião sobre a construção de obras, a criação de instituições, mudanças de carácter social, e normalmente as pessoas competentes escutam as suas palavras, porque quase sempre Vanga acaba por ter razão. De facto, é difícil contrariar uma pessoa cujos argumentos se baseiam em visões clarividentes e numa rica experiência de vida. As pessoas compreendem o importante papel que Vanga desempenha e sentem respeito por ela. Na essência, os seus sentimentos são recíprocos: ela ajuda-os, usando as suas capacidades extraordinárias, e eles respondem-lhe

com amor sincero. Neste aspeto, é perfeitamente compreensível a nobre inveja dos outros habitantes do país em relação aos de Petritch, agraciados não só com as generosidades da natureza, mas também com uma profetisa.

É realmente muito agradável observar a comovente imagem de mulheres que vêm ter com Vanga e a quem ela ajudou, com conselhos ou tratamentos, a tornarem-se mães. Hoje, como ela própria diz, Vanga é madrinha ou «mãe espiritual» de mais de 5000 crianças, muitas das quais recorda e acompanha com interesse o destino, interessando-se por todos os seus problemas.

Depois do jantar, por volta das 22 horas, Vanga regressa à casa em Petritch. Acompanham-na só até ao portão, mas ela, em geral, não tem medo de ficar sozinha em casa. Todos pensam que finalmente ela vai descansar como deve ser, porque todas as visitas acabaram...

Como se trata dos dias comuns de Vanga, quero aqui trazer mais um relato da sua irmã Lyubka:

— Vanga não sente medo. Na casa dela em Petritch, sabe-se lá como, entrou uma cobra e enrolou-se em espiral no tapete de pelúcia. Vanga pisou-a, mas não se assustou, e a cobra não a mordeu, limitando-se a rastejar para algum lado. Procurámo-la durante muito tempo, mas não a encontrámos em lado nenhum, e a cobra nunca mais apareceu.

Apesar de Vanga viver sozinha e não ver, a meio da noite desce do segundo andar, passeia pelo jardim e rega as flores. Tem um sistema nervoso muito saudável e uma resistência incrível. Admiramo-nos com o facto de, durante tantos anos, ela receber, ouvir, orientar, desmascarar e aconselhar milhares de visitantes, quase nunca se queixando de cansaço.

Há alguns anos, trabalhava como caixa um rapaz, e Vanga mandou-o emitir recibos sem limite, porque decidira receber pessoas enquanto não lhe faltassem as forças.

E foi o que aconteceu! Uns visitantes entravam, outros saíam; o rapaz suava em bica, simplesmente não conseguia emitir recibos a tempo e implorou: «Tia Vanga, já estou a escrever o centésimo recibo!» Mas Vanga só lhe disse para parar quando não restasse uma única pessoa à porta dela. Todos nós estávamos extremamente exaustos com tanto número de pessoas, com o que tínhamos de ouvir de cada uma e sobre cada uma, mas ela continuava tão disposta, de bom humor, pronta a começar imediatamente outro trabalho... Sim, possuía uma força inesgotável — ainda há três anos era muito forte — por exemplo, conseguia, sem ajuda, mover um guarda-roupa de um canto para o outro.

Uma vez, Vanga comprou um rádio transistor «Sokol», e para onde quer que fôssemos, levava-o consigo. Na verdade, o rádio só nós o ouvíamos,

enquanto ela, nesse tempo, vagueava com os pensamentos nalgum lugar. Mas ele estava sempre na nossa mala de viagem.

Há alguns anos, não sei porquê nem por ordem de quem, funcionários de alguma organização invadiram a casa de Vanga e inventariaram todas as suas coisas — todos os presentes dos seus visitantes agradecidos. Esse ato ignóbil fez com que Vanga adoecesse e ficasse um mês inteiro internada num hospital em Sófia. Durante todo esse tempo, a casa não foi trancada e funcionários desonestos, sob pretexto de inventário, apropriaram-se do que lhes apeteceu.

Ao regressar do hospital, Vanga não quis entrar na sua casa e ficou a viver em Rupite. Disse: «Não quero pisar as pegadas desses ladrões!»

Nós pintámos tudo de novo, lavámos, limpámos e pusemos tudo no seu lugar, mas não conseguimos apagar a dor que lhe foi causada por esse ato ignóbil. Essa ferida não cicatrizou até hoje.

Uma vez, perguntou-me se eu via o rádio transistor em algum lado. Respondi que o procurara em todo o lado, mas não o encontrara. E Vanga disse-me: «Não faz mal, ele próprio mo trará.»

Trabalhava como caixa um homem mais velho, que adoeceu gravemente. Veio ter com ela já completamente consumido pela doença e, passados 15 anos, confessou que se apropriara do transistor e de outras coisas, porque na altura pensara que Vanga estava tão doente que já não se recuperaria. Entregou-lhe o transistor e pediu perdão. Ela não tocou no objeto e apenas disse: «Bem, pagaste o tributo por teres roubado esta coisa de mim. Mas ainda vais sofrer muito por esse ato.»

Pouco depois, o homem morreu em terríveis sofrimentos.

Não sei se Vanga lhe perdoou o ato, nunca mais voltámos ao caso, mas admiro-me com o comportamento dela: saber durante 15 anos onde estava o seu transistor favorito e não dar a entender a ninguém quem era o ladrão, não o ofender de forma alguma. No fim das contas, todos os que a ofenderam vêm ao limiar da sua casa pedir perdão, mas o que se passa na alma dela, só ela sabe.

Muitas vezes, sentamo-nos com ela e refletimos sobre a vida. Vanga diz-me frequentemente:

— Vivemos tempos difíceis. As pessoas não têm nada em comum entre si. As mães dão à luz filhos, mas não têm leite para os alimentar. Dizem que é porque estão nervosas. Não, não é por isso. Simplesmente, os filhos não têm nada em comum com as mães, apenas apareceram no mundo com a ajuda delas. As crianças não recebem nada das mães: nem leite, nem calor. Entregam-nas ainda bebés às creches, deitam-nas a dormir separadamente, as crianças raramente veem um sorriso no rosto da mãe. As mães estão

insatisfeitas porque os maridos não as tratam com o devido respeito. Os maridos, por sua vez, consideram que casaram apenas para serem como toda a gente. Os idosos também estão insatisfeitos porque os jovens não os respeitam. Entre as pessoas não há proximidade. Interessam-se apenas por dinheiro. Pensam que, se tiverem dinheiro, tudo se resolverá por si. Não sabem que há de vir o dia em que o dinheiro não lhes servirá de nada...

Há uma parábola muito antiga: houve um tempo em que um camelo custava 10 groschen e era considerado um animal muito valioso. Depois vieram tempos em que os camelos eram muitos, e um camelo vendia-se por apenas um asper, mas já não havia quem o quisesse comprar.

Reflitam mais vezes sobre esta parábola, porque há de vir o dia em que as pessoas terão tudo, mas não poderão comprar nada do que tem verdadeiro valor e representa uma riqueza inestimável — a amizade, a camaradagem, o amor, a solidariedade...

Uma vez, recebemos uma carta de uma mulher da longínqua Espanha. Até ela chegara a fama de Vanga. Talvez se interessasse pela profetisa búlgara, pois conhecia muitos pormenores da sua vida. Lembro-me de que na carta havia também esta passagem: «O teu dom impressiona-me, Vanga. Ou, para ser mais exata: em ti não há misticismo. Mas eu compreendo-te e sei como te é difícil. Vendo tudo como na palma da mão, deves (e acredito que assim é!) inspirar confiança a cada um que recorre a ti em busca de ajuda, mesmo que vejas o seu final trágico...»

Pode dizer-se que esta constatação de uma espanhola desconhecida é sintomática, porque caracteriza com muita precisão uma dos traços mais fundamentais do carácter de Vanga — a sua nobreza e o seu humanismo inesgotável.

Um velho conhecido nosso, o médico I. B., era um homem notável, pois durante muitos anos manteve viva um número significativo de doentes graças ao medicamento que descobrira. I. B. esperou mais de 25 anos pelo reconhecimento que recompensasse os seus esforços e a sua longa atividade de investigação.

No ano passado (1987), Vanga chamou-o e falou longamente com ele sobre o seu medicamento: aconselhou-o sobre o que ainda devia adicionar para aumentar a eficácia. Ao despedir-se, Vanga disse-lhe:

— Estás muito cansado, Ivan, descansa. Precisas de um descanso prolongado.

— Sim — respondeu o médico —, vamos com a família para o mar. A bagagem já está pronta.

— Não — protestou Vanga —, nada de mar! O mar tirar-te-á todas as forças. Precisas de uma carga que só as montanhas dão.

O médico foi para o mar, mas ao regressar caiu de cama e morreu pouco depois. Normalmente, consultava Vanga e concordava com ela. Porque desobedeceu dessa vez, não sei.

Volto a lembrar que é necessário recordar e interpretar cada palavra dela, pois tem outro sentido, que nem sempre captamos de imediato.

Todos nós sabemos, e eu mais do que ninguém, que Vanga não vê absolutamente nada. Mas uma manhã, quando se preparava para ir para Rupite, descobriu-se que a rede preta com que prendia o cabelo desaparecera. Na sala estavam quatro mulheres, e todas se puseram à procura. Até acendemos a luz. Mas a rede não aparecia em lado nenhum.

De repente, Vanga estendeu a perna direita e mostrou onde estava a rede:

— Quatro pares de olhos olham e não veem nada!

A minha amiga Z. B., de Sófia, recorda com grande prazer o seguinte caso:

«Fui ter com Vanga no inverno. Ela recebeu-me numa sala acolhedora, com fogo a arder na lareira. Vanga estava sentada num banco em frente à lareira e tricotava qualquer coisa. As mãos moviam-se rápidas e seguras, exatamente como as de tricotateiras experientes. Fiquei espantada. Como conseguia tricotar tão rápido e apertado, sem trocar uma única malha? Afinal, ela não vê! Olhava para ela com admiração e espanto, quando de repente ela virou-se para mim e disse:

— Vai dizer à mulher que está a cozinhar na cozinha que tire e prepare a frigideira em que vamos fritar o peixe.

Fui imediatamente à cozinha, mas como queria fazer algo por Vanga, perguntei se podia limpar o peixe.

Ela riu-se e respondeu:

— Não podes limpá-lo, porque ainda não o há. Em breve, um homem da aldeia de Prepechene mo trará.

Fiquei literalmente muda. Era incrível, e decidi ficar para ver se o que Vanga dissera se confirmava. Duas horas depois, veio ter com Vanga um jovem que, depois de saudar, disse logo:

‘Tia Vanga, pesquei peixe fresco e trouxe-te um pouco!’»

Casos destes há muitos, as capacidades clarividentes de Vanga abrangem todos os aspetos e problemas da existência humana. Mas voltemos

à questão principal: que tipo de pessoa é Vanga? Toda a minha vida vivi ao lado dela e posso afirmar: ela vive como todas as outras pessoas, e na sua vida não há nada de especial.

Mas vive em plena harmonia e sintonia com a natureza, sendo realmente «parte dela» no sentido pleno da palavra.

Há momentos em que não quer falar com ninguém, e se alguém a chama do pátio, zanga-se e pede que a deixem em paz, porque é obrigada a ouvir durante muitas horas sobre vários acontecimentos e pessoas, sobre o passado e o futuro.

— Não é bom aproximarem-se de mim quando estou tão concentrada, isso perturba-me, embora não vejam com quem estou a falar... Às vezes, rodeiam-me altos dirigentes, outras vezes os seus subordinados, mas todos são emissários do Cosmos. Quando falam, colocam-me na cabeça algo como auscultadores, porque as suas vozes vêm de muito longe e soam como eco. Por isso, preciso de calma e silêncio...

Às vezes, estou muito nervosa, e as pessoas pensam que sou má. Mas vejo o ambiente e o anel que se vai estreitando gradualmente à volta da Terra, sofro com os padecimentos de todas as pessoas e não ousou explicá-lo, porque uma voz muito severa me avisa constantemente para nem tentar explicar seja o que for, pois as pessoas merecem a vida que levam. Como ajudar estas pessoas que deixam de sentir respeito por quem quer que seja, que competem na aquisição de dinheiro e coisas... Como se o único desejo do ser humano fosse espezinhar tudo o que é luminoso e sagrado, que alcançou ao preço de sacrifícios tão enormes...

¹ Heroína dos romances de Dimitar Talev.

Naquele dia, 30 de maio de 1988, Vanga disse-me que à volta dela pairava uma mulher muito bela vestida de branco. Estava de pé diante das pessoas que se preparavam para entrar. Vanga observou-a com prazer durante longo tempo, porque o seu traje brilhava como prata. Naturalmente, nenhum de nós via essa mulher.

Quando o funcionário começou a deixar entrar os visitantes, a mulher «prateada» elevou-se cerca de dois metros acima do chão. Era extraordinariamente bela.

«Nunca me aconteceu ver tanta beleza num ‘corpo humano’, quando eu via e via como todos vós», disse-me Vanga.

OS EMISSÁRIOS

Chegámos assim a uma parte muito delicada do nosso relato, que poderíamos intitular condicionalmente «Emissários». Sobre essas conversas mais íntimas e extraordinárias com Vanga, já mencionei na primeira parte do livro. Agora continuo.

1979. Vanga:

— Vejo-os há quase um ano. São transparentes. Parecem-se com a imagem que uma pessoa vê do seu reflexo na água. Usam roupas semelhantes a armaduras que brilham como escamas de peixe. Parece que entre eles há também mulheres. Os cabelos lembram algas, macios como penugem de pato; emolduram-lhes as cabeças como uma auréola. Às vezes, têm algo como asas nas costas.

Muitas vezes, ao regressar à minha casa em Petritch, encontro-os nas salas. «Falo» com eles. Às vezes, ainda de longe, antes de me aproximar do portão, ouço sons lentos e prolongados, como se um coro cantasse salmos.

Eles dizem-me que vieram de uma terra chamada Vamfim, ou pelo menos é assim que eu ouço, e que ela é a terceira a partir da Terra.

— A terceira a partir de quê?

— Não dizem, e eu não consigo entendê-los. Não me informam com que objetivo vêm aqui. Às vezes, um deles pega-me na mão e leva-me à sua terra. Vou atrás dele. Ando por uma terra «semeada de estrelas». Parece que as piso. Aqueles que me guiam movem-se muito depressa, aos saltos. Afastam-se e regressam. Na terra deles, tudo é muito belo, a natureza é maravilhosa, simplesmente indescritível... Mas não sei porquê, não vejo casas em lado nenhum...

Esses seres ou visitantes, não sei como chamá-los, são muito severos. Quando falam, as vozes soam como eco. Às vezes, colocam-me na cabeça algo como auscultadores. Lá, na terra deles, tudo está organizado da melhor forma possível, e todos trabalham muito. Esses visitantes dizem que, através de mim, estabelecem uma ligação direta com a Terra. Comunicam com um número contado de pessoas no nosso planeta. Controlam-nos.

Não me permitem falar sobre o que ouço e o que vejo na terra deles.

Às vezes, alguns deles dizem-me:

— Viemos por pouco tempo e temos de regressar imediatamente. Não nos faças grandes exigências nem nos interrogues, porque nos é proibido falar...

Uma vez, dois deles colocaram duas esculturas de, pelo visto, homens ilustres deles. Sei exatamente o lugar, mas não vos posso indicar.

Uma escultura representa um homem pensativo, com a cabeça apoiada na mão. A outra escultura é de um homem de pé que segura na mão direita um instrumento qualquer, que parece um pouco uma pistola...

Quando colocavam as esculturas, um desses seres disse ao outro:

— Talvez devêssemos colocá-las um pouco de lado, para que as pessoas não as vejam?

E o outro ser respondeu:

— Não tenhas medo, não vês que eles são cegos?

Passados alguns anos. Ao regressar de Rupite a Petritch, Lyubka começou a contar qualquer coisa e, sem querer, bateu com a porta, e Vanga repreendeu-a:

— Não grites nem faças barulho, a casa está cheia de «pessoas»!

Evidentemente, na opinião de Lyubka, na casa de Vanga não havia ninguém. Estava vazia, silenciosa e deserta, como sempre quando a dona não estava lá.

Mas Vanga tem outra opinião:

— Entrei em casa e sentei-me no centro da sala de estar no rés-do-chão, e eles sentaram-se à minha volta. Eram todos homens de idade avançada, mais velhos, vestidos com roupas brilhantes de onde emanava uma luz tão forte que a sala parecia iluminada pela luz do sol. Disseram: «Levanta-te e ouve, que nós vamos contar-te o futuro. Não tenhas medo, porque à tua porta há um guarda — ‘um poste de ferro’.» Acrescentaram que ainda não chegou o momento de vos contar tudo o que partilham comigo.

Mas posso citar isto: «O mundo sofrerá muitas mudanças. Conhecerá subidas e descidas. E o equilíbrio chegará quando começarmos a falar com as pessoas!»

Aqui está outra declaração dela, feita há um ano:

— Não vedes, mas agora no céu há um movimento intenso de aparelhos voadores. Dentro, normalmente estão três membros da tripulação, e há instrumentos especiais. Dizem-me: «Prepara-te para um grande evento», mas não me explicam que evento é esse.

Uma vez, disseram-me que Gagarin não se queimou nem morreu, mas foi levado. Por quem, porquê, para onde — não explicam.

A definição de tempo por Vanga: «grande tempo», tempo e tempos.

— Observei com grande interesse os cosmonautas da Terra que primeiro pisaram a Lua. Mas eles não vos contaram nem uma migalha do que viram lá...

Que seres são esses que comunicam com Vanga e muitas vezes se encontram na sua casa? Na opinião dela, na sua hierarquia existe uma certa ordem, porque há «chefes», que aparecem mais raramente e normalmente quando é preciso informar sobre eventos excepcionais ou cataclismos iminentes.

Então, empalidecendo, ela perde os sentidos, e da sua boca começa a sair uma voz que nada tem a ver com a dela — muito alta e de um timbre completamente diferente. As palavras e frases que saem não se parecem nada com as que ela usa na vida quotidiana. Como se um intelecto estranho, uma consciência estranha se instalasse nela para anunciar pela sua boca eventos decisivos para a humanidade.

Em relação a esses seres com quem comunica, Vanga usa expressões como «grande força» ou «grande espírito», mas isso não deve provocar os nossos sorrisos céticos; esses nomes devem ser entendidos de forma completamente condicional. Na essência, ainda não temos termos para os designar. Vanga simplesmente escolheu palavras que mais se aproximam das suas concepções e representações.

O mesmo com a «voz» que lhe transmite: deve ser entendida condicionalmente. Soa dentro dela mesma, «na minha cabeça», como diz a própria Vanga, e ela compreende-a, ouve-a e responde-lhe mentalmente. Como isso acontece, ela não consegue explicar, mas essa comunicação decorre de forma fácil e natural, sem qualquer esforço da parte dela; não a provoca, mas não a pode interromper nem evitar.

Vanga explica que esses «pontos» ou «forças» (volto a usar as suas designações, porque não sei como chamá-los) normalmente pairam no ar, porque «a Terra não é pura». Provavelmente, há outras explicações, mas para Vanga esta é uma razão bastante sólida.

Quero sublinhar mais uma vez que o leitor não deve tomar à letra essas explicações elementares de Vanga sobre «possessão de espírito», «forças» que pairam no ar e «vozes» que ela ouve e percebe. Não devemos encarar esses estados dela como superstição, misticismo ou manifestações patológicas. O facto de uma mulher analfabeta, já idosa, tentar enquadrar essas sensações em moldes aceites ou expressá-las com palavras que conhece não diminui a importância do problema nem o torna elementar. Devemos prestar a devida atenção a cada palavra dita por ela e tentar encontrar uma explicação científica racional.

No jornal «Narodna Mladej», no número de 11 de agosto de 1988, foi publicado um artigo sobre uma mulher de Plovdiv que, semelhante a Djuna, adquirira a capacidade de curar pessoas com movimentos das mãos. Na primeira parte do artigo, havia o relato da própria mulher, que sentia que fora visitada por «extraterrestres» que fizeram algo ao seu cérebro. A publicação pareceu-me muito interessante, e pedi à mãe, que ia para Rupite, que a lesse a

Vanga. Esta ouviu o que foi lido e comentou laconicamente: «Porque vos admirais? Afinal, ‘eles’ já andam entre nós!»

Sob o título «Onde fica o planeta X?», no jornal «Rabotnichesko Delo» (23. IX. 1988), foi publicada a seguinte notícia: «Moscou, 22 de setembro (BTA). O conhecido cientista do Turquemenistão Odek Odekov apresentou hipóteses interligadas que explicam alguns fenómenos naturais na Terra pela influência de civilizações extraterrestres, informa a TASS de Ashkhabad.»

Na opinião do cientista, aproximadamente a cada 3600 anos, cria-se na Terra uma posição favorável para voos e sondagens do planeta X. Sobre este planeta misterioso falam desenhos e registos de astrónomos da civilização suméria. Segundo as concepções dos antigos, o Sistema Solar é composto por 12 corpos celestes — o Sol, a Lua e 10 planetas.

Os cientistas continuam à procura deste planeta — o planeta X, que orbita numa trajetória inclinada e por isso é extremamente difícil de detetar. Se considerarmos que, à terceira velocidade cósmica — 17 km/seg —, a duração do voo dele até à Terra seria de apenas 18 anos, a possibilidade de visitas de seres extraterrestres é bastante real.

As tradições sobre anomalias atmosféricas na antiguidade, que nos chegaram em hieróglifos, lendas e mitos bíblicos, coincidem com o tempo aproximado de visitas extraterrestres há 7200 e 3600 anos...

Imaginemos por um instante que este planeta misterioso já foi «descoberto» por Vanga em 1979, que se chama Vamfim e é o terceiro a partir da Terra, e que os visitantes com quem ela comunica são precisamente os habitantes desse planeta. Será possível? Segundo Vanga, é preciso esperar ainda «200 anos» até conseguirmos captar sinais do Cosmos enviados por outros seres inteligentes, ou até começar a nossa comunicação mútua, capaz de confirmar as nossas previsões ainda demasiado fantásticas.

Mas, ao contrário de Vanga, não sou capaz de comentar o acontecimento espantoso que vivi há oito anos e que ficou para sempre gravado na minha memória.

Assim, que pessoas não vão ter com Vanga com as perguntas, desejos e problemas mais incríveis. Vêm até aqueles que pedem para dizer os números do próximo sorteio da lotaria desportiva, caçadores de tesouros que imploram à vidente que indique o lugar onde estão enterrados os tesouros. Alguns trazem escritas antigas e mapas, pensando que, ao pegá-los na mão, Vanga se «orientará melhor no terreno» e lhes indicará onde devem escavar. A esses «visitantes», Vanga expulsa com indignação, porque não sente simpatia por amantes de ganhos fáceis.

Uma vez, veio ter com a minha mãe em Rupite um homem que pediu para interceder para que Vanga o recebesse. Mostrou-lhe uma folha de papel

amarrotada, na qual estavam escritas, ou melhor, toscamente copiadas, várias linhas de sinais que pareciam hieróglifos. Por cima, estavam rabiscadas algumas designações, e o homem disse que era um mapa.

Ouvi-o a meia voz e com irritação crescente, pois esses desabafos eram-me tão familiares e nunca os levei a sério. Muitas pessoas nos importunam com pedidos semelhantes, e nesse dia, além disso, tínhamos pressa para ir a Petritch.

Assim, esse homem explicava pormenorizadamente que mostrara esse mapa a muitos professores de Sófia, mas ninguém conseguira decifrá-lo, dizendo que era uma tolice qualquer, pois não se via nenhuma analogia com sistemas de escrita já conhecidos. Queria que Vanga «calculasse» o mapa e lhe indicasse onde estavam escondidos os dinheiros.

A mãe sabia que Vanga não gostava de receber essas pessoas, mas a sua bondade inata não lhe permitia recusar logo, e ouvi, para meu grande espanto, que ela disse que a filha estudara hieróglifos e, talvez, pudesse ajudá-lo. Como toda a mãe, naturalmente, sobrestimou as minhas capacidades.

O «caçador de tesouros» aproximou-se de mim — eu estava sentada num banco perto da casa de Vanga — e começou a expor novamente, pormenorizadamente, o seu pedido.

Irritada, nem o ouvia e apenas lancei um olhar à folha de papel. Onde estava eu! Os meus conhecimentos universitários de escrita hieroglífica árabe e antigo-turca eram, para dizer o mínimo, escassos. Além disso, os «professores de Sófia», pelo visto, tinham razão. De facto, muitos sinais lembravam hieróglifos árabes, mas havia também sinais completamente incompreensíveis para mim, que pareciam pequenas figuras geométricas, e não hieróglifos.

Compreendi que decifrá-los era uma tarefa impossível para mim, mas como fora anunciada pela mãe como «especialista em hieróglifos», pedi licença para copiar o texto, para o mostrar em Sófia a especialistas e tradutores; talvez lhes fosse revelado o sentido da escrita misteriosa.

O «caçador de tesouros» concordou e, depois de combinarmos quando voltaria para saber o resultado, retirou-se.

Fomos com a mãe a Petritch, fizemos compras e todos os assuntos planeados, e depois do almoço regressámos novamente a Rupite. Vanga, que estava na sala de descanso, chamou-me. Acontece que ouvira toda a conversa que tivéramos com aquele homem. Contei-lhe sobre o mapa e os hieróglifos e declarei novamente, decididamente, que era uma completa tolice, de que nem valia a pena falar.

Vanga ouviu-me pacientemente, depois calou-se um pouco e disse:

— Não, isso não é de todo uma tolice! Trata-se de uma coisa muito importante, que não é dado compreender nem a esse homem, nem a ti, nem a ninguém no nosso tempo. Este texto e este mapa foram copiados muitas vezes e há muitos anos. Por muitas gerações. Mas ninguém os consegue decifrar. E aqui não se trata de um tesouro enterrado, mas de uma escrita que ainda é desconhecida para o mundo. Está gravada no lado interior de uma arca, escondida profundamente debaixo da terra há milhares de anos.

Mesmo que esse sarcófago seja encontrado, as pessoas não conseguirão entender o que está escrito nele. E essa mensagem é extremamente importante! Porque nela está registada a história do mundo — de dois mil anos atrás e para dois mil anos à frente, contando a partir do nosso tempo.

Esse sarcófago foi trazido e ocultado nas nossas terras por pessoas vindas do Egito. Dali veio uma caravana, acompanhada por escravos, guerreiros e comandantes. Uma noite, em completa escuridão e em completo silêncio, a arca foi descida e coberta com uma enorme quantidade de terra, e as pessoas que participaram nisso foram todas mortas, até ao último. Assim, o segredo foi selado com rios de sangue inocente, para aguardar a sua hora, quando sairá à luz do dia e será decifrado pelas pessoas. Essa mensagem milenar é inestimável.

Espantada, ouvia Vanga e não acreditava nos meus ouvidos. Será possível um milagre assim — uma escrita até agora desconhecida, dirigida às pessoas que viverão daqui a vários milénios? Não tenho razões para não acreditar no que Vanga dizia, mas essa revelação pareceu-me mais do que incrível.

Ao regressar a Sófia, mostrei a folha que copiara aos meus colegas — especialistas e tradutores —, mas todos declararam que era impossível decifrá-la e que, pelo visto, era simplesmente um conjunto sem sentido de sinais. E como continuei a pensar que toda essa história com o mapa e o texto era uma completa asneira, peguei na folha e rasguei-a.

Passou algum tempo, voltei a ir a Petritch e, de forma completamente inesperada para mim, falámos novamente sobre o mapa e o «tesouro» escondido mencionado nele. Pareceu-me que a própria Vanga se admirava com as suas palavras. Perguntou se eu mostrara o mapa aos especialistas e, ao saber do meu completo fracasso, observou:

— Sim, não conseguem nem abrir nem decifrar! Ainda não chegou o tempo!

Sem esconder o meu arrependimento, disse-lhe que um grupo de amigos meus entusiastas expressara disponibilidade para ir até ao fim do mundo, se ela nos indicasse o caminho.

Vanga não respondeu nada, depois vieram outras pessoas e ela conversou com elas. Eu observava-a e pareceu-me que escutava algo e observava algo, pois as pálpebras abriam-se e os olhos moviam-se.

Quando ficámos novamente sozinhas, de repente, sem qualquer ligação com a nossa conversa, Vanga voltou ao tema anterior. Muito devagar e claramente, muito imagetivamente — como se lesse num livro —, começou a descrever pormenorizadamente uma certa localidade nas montanhas. Tive a sensação de que, nesse momento, ela estava lá e descrevia nos mais ínfimos detalhes o que via! Árvores e arbustos, pedrinhas, trilhos quase impercetíveis. No final, mencionou uma alta rocha e disse que devíamos estar nesse lugar a 5 de maio.

Perguntei por que exatamente a 5 de maio, mas Vanga respondeu curto: «Por causa dos corpos celestes, devem ver os primeiros raios do sol e da lua», — e não quis mais falar sobre o tema.

Não entendi de todo o que significava a sua última réplica, mas como nós, os seus familiares, estamos habituados a não fazer perguntas a mais, contentei-me com isso.

Partimos para as montanhas a 4 de maio e andámos como detetives à procura de pegadas invisíveis de alguém. Orientei-me mal em terreno acidentado, e o vaguear pelas montanhas mais me deprimia do que alegrava. Por momentos, duvidava do sucesso dessa iniciativa e várias vezes propus aos amigos que desistíssemos e regressássemos à cidade. Para minha grande surpresa, ao meio-dia encontrámos mesmo o lugar indicado por Vanga. Ela descrevera-o de forma tão exata e pormenorizada que era impossível enganarmo-nos. Vimos também a rocha que se erguia do lado norte da clareira. Examinando atentamente os arredores, não descobrimos nada de notável. O ar puro da montanha estava impregnado de aromas de várias ervas, borboletas e mosquitos voavam por todo o lado, as folhas de árvores enormes tremiam à luz do sol.

Depois do almoço, o céu cobriu-se de nuvens, caiu um aguaceiro. Abrigámo-nos debaixo das árvores, mas ao fim de uma hora estávamos encharcados até aos ossos. Até na tenda, que montáramos num lugar plano e cómodo, tudo estava húmido, a humidade penetrava por todo o lado. Duas horas depois, a chuva parou, mas o céu continuou sombrio e nublado.

Escureceu. Para secar a roupa, fizemos uma grande fogueira e decidimos passar a noite toda junto dela. A nossa empreitada parecia-me extremamente leviana: local desconhecido, noite impenetrável, nem uma alma por perto, e ainda por cima tudo o que cinco entusiastas trouxeram consigo estava encharcado. Mas os meus amigos convenciam-me a não parar a meio do caminho, a aguardar o dia seguinte e ver se acontecia algo interessante. No entanto, continuei a pensar que a nossa caminhada era uma ideia sem sentido,

pois toda a noite o céu permaneceu nublado — nem uma estrelinha — e duvidava sinceramente que de manhã conseguíssemos ver o sol.

Assim, conversando junto à fogueira fumegante, recebemos a manhã. O céu aclarou.

Atravessámos imediatamente a clareira e colocámo-nos ao pé da rocha. Não sei porquê, escolhemos esse lugar e pusemo-nos a aguardar sei lá o quê, relacionado com o nascer do sol. Provavelmente, essa decisão foi influenciada pela descoberta de um dos membros da nossa «expedição»: na parte superior da rocha viam-se três círculos — talhados, provavelmente, há muito tempo —, «solares», na expressão dos arqueólogos, do tamanho de um pires. Os círculos formavam um triângulo, com a ponta dirigida para baixo, para a terra.

Passámos meia hora numa espera infrutífera. Mas depois um raio de sol brincou no topo da rocha, desceu até aos círculos solares e começou a mover-se neles da esquerda para a direita, descrevendo um triângulo luminoso. Observámos esse jogo de luz durante uns vinte minutos, e em breve toda a rocha estava iluminada pelo sol.

Não éramos nem astrónomos nem arqueólogos, e não sabíamos se esse jogo de luz era casual, mas compreendíamos que estávamos a ser testemunhas de um fenómeno interessante. Além disso, lembrávamo-nos de que Vanga nos dissera para seguir os primeiros raios do sol exatamente a 5 de maio, e sentíamos uma estranha certeza de que realmente veríamos algo extraordinário. Tudo isso explica a nossa emoção e excitação.

Passámos o dia inteiro a comentar o sucedido, a observar a rocha e os círculos nela, que a «coroavam» em forma de triângulo, e aguardávamos impacientemente a chegada da noite, para saber o que nos traria a irmã do Sol — a Lua.

Repetiu-se a história do dia anterior. Por volta das três horas, voltou a chover forte, e mais uma vez ficámos encharcados até aos ossos. O céu continuava sombrio e nublado. Pouco depois, escureceu. Colocámo-nos debaixo da rocha, sem acreditar que dessa vez veríamos algo interessante, mas em breve constatámos que o céu aclarava, e meia hora depois avistámos a primeira estrela.

Então, um raio lunar — nem percebemos donde apareceu — repetiu o jogo de luz do raio solar. Eram cerca das nove da noite.

À volta, tudo era completamente escuro. O raio tocou o topo da rocha e começou a deslizar da esquerda para a direita no triângulo dos círculos solares. Depois, o raio desapareceu. Ficámos imóveis junto à rocha, e ninguém ousava proferir uma palavra, mas provavelmente todos os cinco pensávamos o mesmo: seria casual esse jogo de luz na rocha ou manifestação de alguma lei?

Mas o mais incrível só agora começa.

Passados alguns minutos, o lado sul liso da rocha, diante do qual estávamos, como que se iluminou por dentro, semelhante a um ecrã de televisão, e brilhou na escuridão com uma luz cinzento-clara. E num instante, no seu fundo apareceram... duas figuras de cor branca.

Eram enormes e ocupavam quase todo o espaço iluminado — a altura da parede lisa era de pelo menos 5 metros, a largura de 3—4. As figuras desenhavam-se de forma tão nítida e em relevo que tive a sensação de que a qualquer momento podiam separar-se da parede e dirigir-se para nós. O espetáculo era tão impressionante que ficámos literalmente petrificados pelo que observávamos com os nossos próprios olhos e — para que esconder — pelo medo...

A visão dessas figuras gravou-se de forma tão clara na minha memória que não as esquecerei até à morte. À esquerda na rocha, em primeiro plano, estava de pé, em toda a sua altura, um homem idoso, mais exatamente um velho, com uma veste longa até aos pés; na mão direita, estendida para a frente, segurava um objeto qualquer — algo como uma bola, redondo, mas não era uma bola; mais parecia um instrumento.

Em segundo plano, um pouco mais acima e à direita, estava a segunda figura. Não sei porquê, mas lembrou-me um faraó. Um homem jovem estava sentado em algo semelhante a um trono, com os joelhos juntos e as mãos apoiadas nos braços do assento. Na cabeça tinha um chapéu alto, de ambos os lados do qual se viam algo como antenas.

As figuras permaneceram na rocha tempo suficiente para que as observássemos bem e as memorizássemos. Depois, a rocha «apagou-se», e o local voltou a ser envolto em escuridão impenetrável. À volta, estava tão escuro que nem se via um palmo à frente do nariz, por isso não podia haver efeitos de luz.

Quando nos recompusemos um pouco e iluminámos o relógio com a lanterna, verificámos que observáramos as figuras durante cerca de vinte minutos.

Depois, correremos para as tendas e, sem nos combinarmos, começámos a arrumar a bagagem e, em seguida, precipitámo-nos montanha abaixo pelo trilho, iluminando o caminho com lanternas, tropeçando em raízes e pedras... Duas horas depois, avistámos as primeiras luzes da cidade.

Sentindo-nos em segurança, começámos a trocar impressões. Verificou-se que os cinco tínhamos visto essas figuras, e as nossas descrições coincidiam... O que tinha sido aquilo? Uma psicose coletiva? Mas não fazíamos ideia de por que estávamos exatamente ao pé da rocha e nem nos passava

pela cabeça que poderíamos ver nela algo de extraordinário. Afinal, Vanga apenas dissera: «Devem ver os primeiros raios do Sol e da Lua».

Alguém pode pensar que, devido aos laços familiares com Vanga, eu estava psicologicamente preparada para algum evento, mesmo sem saber em que consistiria. Admitamos, mas e os outros? Éramos pessoas de idades diferentes, com níveis de preparação distintos, com visões diferentes. E que Vanga tivesse visões relacionadas com a colocação de esculturas, nem me passava pela cabeça na altura. Aliás, até ao dia em que decidi escrever o livro sobre Vanga e tirei das pastas as anotações guardadas na minha biblioteca desde 1979. Portanto, não se pode falar de sugestão. O que tinha sido aquilo? E por que razão Vanga nos enviara para esse local?

No dia seguinte a esse acontecimento, fui ter com Vanga e contei-lhe pormenorizadamente tudo. Ela ouviu-me com grande interesse, mas não quis comentar o sucedido.

Mas o que vi não me deixa em paz até hoje. De que figuras se trata — das que Vanga via, ou de outras? Será aquele o lugar de que ela sabe com certeza, ou outro? Que figuras são essas, quem as coloca e para quê?

Passado algum tempo, o nosso grupo voltou lá várias vezes, de manhã e à noite, mas nunca mais vimos nada.

E decidimos não partilhar as nossas impressões com ninguém, porque o nosso relato certamente pareceria ficção científica. Lembrei-me das palavras de Vanga: «Há de vir o tempo dos ‘milagres’, e a ciência fará grandes descobertas na área do imaterial. Até 1990, seremos testemunhas de achados arqueológicos espantosos, que mudarão radicalmente as nossas concepções sobre o mundo e sobre os tempos antigos. Todo o ouro escondido virá à superfície da terra, mas a água esconder-se-á. Assim está predestinado!»

Estou profundamente convicta da veracidade das palavras de Vanga sobre futuras descobertas científicas. Espero que, num belo dia, ela encontre a chave para este estranho enigma, que nos aproximou de «algo sobrenatural» e que mudou tão radicalmente as nossas concepções sobre muitas coisas...

Não sei se algum dia conseguirei responder a estas perguntas. Não sei se conseguirei entender o que é o fenómeno Vanga.

Mas voltemos dos céus e ouçamos o que mais ela nos pode dizer sobre a nossa Terra, sobre o nosso tempo.

Lyubka:

— Era 1948. Vanga disse-me: «Lembra-te das minhas palavras, agora nos Balcãs está inquieto, mas há de vir o dia em que todos os países balcânicos se darão as mãos. Os líderes de Sófia e Bucareste, de Belgrado,

Atenas e Ancara reunir-se-ão e iniciarão negociações, guiados pelo desejo de amizade e compreensão mútua.»

De facto, a previsão feita por Vanga há 40 anos começa a cumprir-se. Quando me sentei para escrever este livro, estava a começar o encontro dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países balcânicos, que decorria em Belgrado, e as partes participantes nas negociações guiavam-se pelo desejo de paz e boas relações de vizinhança.

Vanga lembra frequentemente: «Lutar pela paz não é obrigatoriamente com arma na mão. Inspirar pensamentos bons nas pessoas — isso também é um passo sério para alcançar a paz. Muitos líderes de diferentes países dirigem os seus esforços exatamente nessa direção. Não temos outra escolha. Devemos ser bons e amar-nos uns aos outros, para nos salvarmos. Se não o compreendermos com a nossa razão — as leis inexoráveis do Cosmos obrigam-nos-ão a isso, mas então será tarde demais, e custar-nos-á muito caro... Eis, vejo às vezes uma imagem assim: a Terra enegrecida e queimada, e por ela move-se um punhado de pessoas, semelhantes a sombras... Não devemos permitir que a vida na Terra pereça devido à nossa miopia. Chegou o tempo de aplicar o máximo de esforços e renunciar à inimizade, inveja e ódio. Assim está predestinado. Mesmo que não o queiramos, a vida deve avançar...»

Vanga, 1987:

— Ora, inventam novas leis. Tecem um novo tipo de tecido para roupa, com o qual as pessoas se vestirão. Mas ainda passarão anos até conseguirmos um material suficientemente resistente. Precisamos não de roupa artificial, mas de uma que nos aqueça.

Passará muito tempo, aparecerá um homem alto, um visitante, e ele será um bom alfaiate e um bom costureiro...

Vanga, janeiro de 1988:

— Somos testemunhas de eventos decisivos na Terra. Os dois maiores líderes do mundo deram-se as mãos e assinaram, para provar que deram o primeiro passo rumo à paz universal. Mas ainda passará muito tempo. Ainda correrá muita água... Virá o Oitavo, e ele assinará a paz definitiva no planeta.

Excluindo as frases cujo sentido ainda nos é incompreensível, só podemos admirar a capacidade de Vanga se expressar como uma poeta.

Imaginem por um instante o que ela nos poderia contar, se fosse uma pessoa altamente culta e erudita!

Mas, talvez, assim seja necessário...

Percorri um caminho difícil antes de começar a escrever estas páginas. Tentei, da forma mais conscienciosa, guiada pelo amor mais puro e sincero,

espreitar convosco o mundo de Vanga, mostrá-la tal como ela é na realidade, contar o vasto alcance das suas profecias, o seu perfil moral, a sua alta moralidade, a sua pesada missão de nos indicar o caminho para o bem, o amor e a fraternidade. «Fui colocada aqui e devo permanecer neste lugar por um tempo determinado. Estendo a mão aos desesperados e indico-lhes para onde ir!» Quantas esperança e confiança Vanga inspira nas nossas almas neste tempo inquieto com as suas afirmações de que a vida na Terra não perecerá, pois «há de vir o tempo do trabalho inspirado, do amor e da fraternidade entre todas as pessoas no planeta!»

É exatamente a esta bela ideia, à aproximação dessa vida, que ela serve há quase cinquenta anos, e podemos acreditar-lhe, porque todos os dias partilha connosco as suas visões, e o tempo confirma-as incessantemente. O tempo! Juiz eterno e inexorável, que rejeita e condena ao esquecimento tudo o que é falso, errado e inútil, e Vanga, dotada de um dom incrível, caminha através dele, superando o nosso ceticismo, a nossa desconfiança e negação. Precisamos do seu dom, apesar da nossa incompreensão. É exatamente por isso que ele apareceu. Exatamente por isso, agora — no nosso tempo. Ainda não conseguimos explicar «o mecanismo das suas visões clarividentes», mas Vanga repete muitas vezes: «Há de vir o tempo dos ‘milagres’, e a ciência fará grandes descobertas na área do imaterial. Muitas enigmas serão desvendados...»

Sobre Rupite desce a noite. Alto no céu erguem-se os misteriosos dentes serrados da crista montanhosa de Kozhuh, os vapores quentes das fontes minerais que envolvem o seu sopé dão a esta paisagem um aspeto ainda mais místico e irreal. De algures ao longe, de trás da montanha, chegam sons da civilização moderna, mas não conseguem perturbar o silêncio e a tranquilidade deste belo recanto, onde o tempo parece ter parado. As águas escassas do rio Struma ainda lavam vestígios cobertos por séculos, ali onde outrora flautas de pastores tocavam melodias inebriantes, que pareciam fluir no ar cristalino da montanha. E o vento cantava baixinho nos ramos das árvores, balançava as ervas, e as delicadas cabeças das flores acenavam aprovadoras ao ritmo, até tudo se calar à espera do novo dia, que traz luz e esperança.

Na paciente antevisão de um «grande evento», entre as suas flores amadas, senta-se também Vanga. Ela integra-se tão harmoniosamente nesta paisagem, como se ali estivesse sentada desde sempre. Às vezes, o seu rosto imóvel anima-se, e os olhos cegos abrem-se amplamente. O que vê ela com a sua visão «não humana» nas noites calmas e tranquilas? Viajará com os pensamentos para tempos distantes ou pairará no futuro? Folhear-lhe-á as páginas da existência humana ou as estrelas sussurrar-lhe-ão sobre outros mundos distantes e desconhecidos, cujas mensagens ela decifra com as suas capacidades incríveis, para no dia seguinte no-las oferecer, a nós, as pessoas?

E como as receberemos? Cheios de dignidade, como convém às pessoas do futuro, com bondade e amor, pois assim o ordena o tempo a que Vanga serve.

Uma coisa é clara. Volto a permitir-me citar: «Tal livro agora não pode ser escrito...» De facto, não pode! Tal livro pode ser continuamente complementado com novos factos, e o ponto final será posto algum dia no futuro. É necessário que se cruzem diferentes pontos de vista, que se comparem opiniões diversas, é necessário investigar e estudar, para que nós, por nossa vez, possamos «ver clarivamente» — as visões de Vanga e desvendar o enigma chamado Vanga.